

MR. EDIT

Ao EXMO SENHOR

D^{OR} PRUDENTE DE MORAES

PRESIDENTE DA REPUBLICA

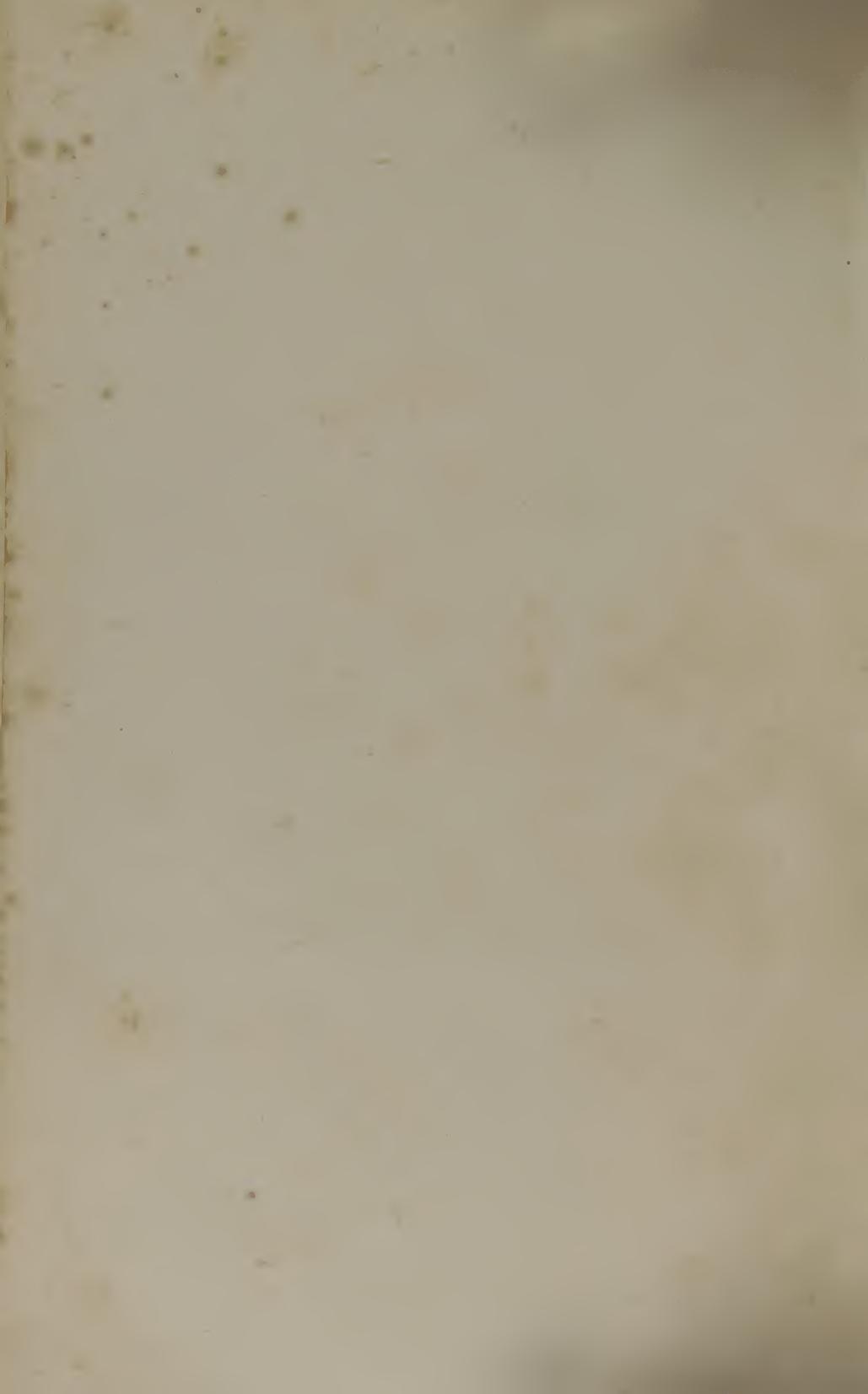
1898





Museu Republicano
Collecção Presidente da República
Conservação do Livro

1-3



O MARECHAL

CARLOS MACHADO DE BITTENCOURT

Est. 1

Prat. 3

J. 9

L-36

DEDALUS - Acervo - MP-REP

O Marechal Carlos Machado de Bittencourt /

923.5
B542g
(838)



21800005053





PELINO GUEDES

O MARECHAL

Carlos Machado de Bittencourt



RIO DE JANEIRO
Typographia LEUZINGER

A MEMORIA GLORIOSA

DOS

MARTYRES DA LIBERDADE PERNAMBUCANA

1710 - 1817 - 1824 - 1848



DUAS PALAVRAS



Prevenindo, em tempo, o leitor quanto á ausencia de concepção litteraria neste livro, cumpro, simplesmente, um dever de lealdade e de cortezia.

Trata-se, apenas, de um trabalho de mera e ligeira compilação ; no qual, aliás, tive a ventura de possuir, como fieis collaboradores, todos os orgãos da imprensa desta capital, sem excepção de um só.

Tudo o que ahi se contém — não é mais que a synthese das diversas opiniões e conceitos nesses mesmos orgãos expendidos.

Si, pois, por esse lado, sou o primeiro a reconhecer não existir ahi nenhum titulo por onde se possa aferir valor litterario, outro tanto não me é licito affirmar, considerando-o sob o ponto de vista psychico, como producto exclusivo da consciencia.

Sob este ultimo prisma, ha nelle um sentimento superior que o domina, um movel determinante que o inspira.

Esse sentimento e esse movel melhor se comprehendem meditando-se sobre o seguinte quadro, extra-

trahido da famosa galeria de Plutarco e que trasladado para aqui — com mão caridosa :

Refere aquelle moralista que o vencedor dos exercitos de Marius, — o temeroso rival de Cesar — após o desastre de Pharsalia, havendo-se dirigido para o Egypto em companhia de sua esposa Cornelia, em vez da protecção real, deparara alli a morte pelo assassinato...

Seu corpo mutilado, pois que a cabeça ficara em refém para ser apresentada a Cesar, fôra, completamente nú, lançado á praia, e alli exposto, o tempo necessario, á curiosidade daquelles que se aprazem na contemplação desse genero de espectaculos.

Retirada a turba, permanece só Felippe ao lado do cadaver...

Lava-o com a agua do mar, elle só, e envolve-o, á mingua de outro recurso, com uma de suas tunicas ; e, vendo ao longo da margem os destroços esparsos de um pobre batel de pescador, para lá se dirige e reúne esses destroços, afim de formar com elles a fogueira onde deviam ser incinerados aquelles restos preciosos...

Por essa occasião, surprehende-o um velho romano, e lhe diz :

« Quem és tu, meu amigo, que aqui estás a prestar honras funebres ao grande Pompêo ! ? »

« Sou eu, Felippe, seu liberto ! »

Insiste o velho : « Oh ! tu não praticarás só

tão bella acção ; peço-te que me admittas a tomar parte neste piedoso officio, ao qual a fatalidade me fez assistir... Eu não terei motivos, longe da patria, para lamentar meus infortunios, pois que tive a suprema ventura, em terra estrangeira, de tocar com as minhas mãos e de sepultar o cadaver do maior capitão de Roma !... »



Pois bem, á semelhança do velho soldado romano, que considerou como a maior de suas venturas, em terra estranha, permittir-lhe a fatalidade que assistisse aos ultimos funeraes de um dos maiores capitães do seu tempo, — o obscuro autor deste livro, arremessando-o á luz, sente-se feliz por imitar tão nobre exemplo, exercendo assim a piedosa missão de carregar tambem a sua pedra para esse tumulo glorioso, ainda aberto, e que symbolisa hoje, entre nós, o mais bello dos nossos monumentos !...

Pelino Guedes.

O MARECHAL

CARLOS MACHADO DE BITTENCOURT



O MARECHAL DE OURO



Tal é o titulo posthumo — que o povo agradeceu resolveu, como um symbolo de suas homenagens soberanas á mais pura das glorias da patria — conferir áquelle que não se limitou apenas a servir-a durante a vida, mas, quiz tambem honral-a — após a morte.

E porque não reconhecer no povo esse direito, se foi sempre, em todos os tempos, o mais bello dos seus apanagios honrar á memoria sagrada de seus heróes ?

E quem mais competente do que elle para proferir seus arestos sobre a conducta daquelles que, por seus feitos e acções, se tornaram dignos e merecedores da gratidão nacional ?

Venerar a memoria desses vultos é render preitos á propria honra da patria, porque elles constituem o mais formoso dos seus patrimonios, — o patrimonio de suas glorias !

São os unicos idolos na terra a quem é licito render cultos !...

Não deixar, portanto, perecer nunca, nem no espaço nem no tempo, a lembrança saudosa desses

entes queridos; espargir, incessantemente, flores e incenso sobre seus tumulos; celebrar, nos anniversarios de sua morte, festas nacionaes em sua honra; repetir-lhes sempre os nomes, gravando-os bem fundo no marmore, no bronze, no livro, na historia, na legenda, no espirito da infancia e no coração do povo, — eis uma das mais radiantes fórmas da Caridade Civica, o mais nobre e alevantado dos cultos!

E que religião mais bella, que culto mais puro póde dignificar a consciencia humana do que esse devotamento sublime, transportado até ao sacrificio, na pratica do dever?

Se é certo que a imaginação popular, em todos os tempos, julgou sempre grandes os vultos que subsistem de pé no meio das ruinas, — porque não havemos tambem de conferir o titulo — de grande — áquelle que, sobrevivendo ao naufragio de todas as virtudes — se revelou o maior de todos no sacrificio pelo bem da patria?!...

.....

.....

.....

O amor da patria, que bem symbolisa o fogo divino das Vestaes, é preciso não deixar extinguir nunca, mas, sobretudo, alimentar-lhe a chamma.

É' a paraphrase de um pensamento de Gambetta, em Versailles, diante da estatua do general Hoche, esse typo heroico do soldado, que a

França republicana venera, como um dos symbolos mais correctos de suas glorias militares.

Se o amor de Deus consiste no culto da consciencia á sua essencia divina,—o amor da patria resume-se no sacrificio pela sua honra.

Illudem-se, pois, aquelles que presumem ou fingem servil-a pondo em almoêda os seus serviços, por mais relevantes que pareçam, prestados á causa publica.

Os que assim procedem não passam de *mercadores do templo*, da especie daquelles que foram enxotados pelo Christo. Civismo não é objecto de mercancia!

Seria muito mais correcto que se filiassem á nobre classe dos operarios, desses que ganham o pão quotidiano, *pro labore*, com o suor do seu rosto; porque assim, exerceriam mais nobremente a sua actividade nas officinas, nas fabricas, nos trabalhos do campo, no serviço das pedreiras, ou em qualquer outro mistér, onde não seja uma ignominia exigir-se o salario.

Para merecermos o honroso titulo de patriota, não basta repetir, em nossos discursos, que o somos.

Torna-se, antes de tudo, indispensavel demonstral-o na pratica com os exemplos da nossa conducta privada e publica, com o attestado authenticico de nossas acções.

Para isso, faz-se mistér ainda possuir uma

certa somma de energias moraes, que as almas pequeninas não comportam, e mais: um coração bastante grande e generoso, onde se possam aninhar outras tantas virtudes e sentimentos não communs em todos os homens, como sejam: o desinteresse, a abnegação, o heroismo, a coragem do sacrificio, a consciencia do dever e da honra.

E' certo que essa classe de homens constitue uma *élite* moral privilegiada de seres, cujos espiritos, envoltos no manto luminoso de suas virtudes, passam pela terra como astros pelo céu da patria, para illuminal-o e nada mais.

Pertence, incontestavelmente, a essa *élite* aquelle a quem o povo agradecido denomina hoje — o Marechal de Ouro, e cuja vida, sem macula, não ha consciencia honesta que não proclame — como o exemplo vivo da honra e o symbolo mais perfeito e bello das virtudes civicas e militares em nossa patria !

.....

.....

.....

Já é tempo de se irem proferindo, entre nós, certas verdades e principios, aliás tão universalmente conhecidos e propagados entre todos os povos educados na liberdade.

E' preciso que se proclame bem alto, e uma vez por todas: servir á patria e á republica não

é exploral-as em proveito proprio, nem merca-dejar com a sua honra!

Urge, quanto antes, procurar restabelecer, em toda a sua pureza vernacula, a comprehensão de certas noções elementares, tão desvirtuadas nestes ultimos tempos, afim de que não nos sintamos ameaçados de vel-as, pela corrupção da linguagem, perderem o sentido proprio, e traduzirem sentimentos e idéas diametralmente oppostos aos que primitivamente traduziam.

Daquellas, as mais sensivelmente desvirtuadas são, sem duvida, a noção fundamental do amor da patria e a do cumprimento do dever.

Vamos aqui avival-as, na convicção de que não perderemos de todo o nosso tempo, porquanto, os que as conhecem, como os eruditos, nada perdem, como nós, em vel-as repetidas; e os que nunca ouviram pronuncial-as, porque nunca lhes foi ensinado, nem na familia, nem na escola, esses... é possivel que colham alguma vantagem moral.

Parecerá talvez banal, á primeira vista, que insistâmos aqui em noções que deveriam fazer parte do ensino integral das escolas primarias; mas, se attendermos a que vivemos em uma sociedade culta, onde o nome de *cidadão* é considerado como um titulo ridiculo até no seio do parlamento, — o que dá a medida exacta da elevação da nossa cultura civica, — não é demais que perse-

veremos em doutrinar ás massas, definindo ainda agora o que seja — a patria e o amor que lhe devemos.

Mas, que vem a ser a patria? Um territorio comprehendido em certos limites? Uma villa? Um cantão? Um departamento? Uma provincia? O paiz natal? — Pergunta um antigo educador suiso a seus discipulos, incumbindo-se elle proprio de responder :

Não, é isso tudo, e mais que tudo isso. E' uma parte da humanidade estreitada por vinculos particulares, uma sociedade mais ou menos numerosa de familias, tendo os mesmos costumes, as mesmas instituições, os mesmos interesses, aspirando as mesmas conquistas moraes e intellectuaes, máo grado todas as differenças de origens, de linguas e de cultos. E' a expressão abreviada da universalidade de todos os nossos affectos.

Nossos pais, nossos filhos, nossos amigos, a recordação daquelles a quem amamos — tudo a patria resume !

Nós somos uma parte della e no amor que lhe votamos, estamos nós mesmos comprehendidos.

O que faz a belleza da patria é menos a fecundidade do seu solo, a doçura do seu clima, o risonho aspecto de seus valles e de suas montanhas, do que a equidade de suas leis, os costumes e as virtudes de seus filhos. D'ahi, o amor que nos enlaça a todos na mesma solitudine.»

A pequena patria, entre nós, é o municipio.
A grande patria — é a Republica.

O paiz onde reinassem perpetuamente a liberdade, a paz, a justiça, onde os cidadãos vissem como irmãos, seria realmente a mais bella patria do mundo! E porque não havemos todos nós de trabalhar, gregos e troyanos, para que seja essa a nossa patria?

*
* *

— Ides ter, agora, uma pallida idéa do amor que lhe devemos.

— Se virdes um individuo qualquer menospresar de sua patria, podeis affirmar: é um homem depravado, um tyranno, um escravo aviltado.

A esses, tão sómente, é dado não conhecer os sentimentos que esse nome revela no seio de uma alma generosa e honesta.

E' um crime, diz Cicero, irritar-se contra a patria.

Como qualificar, pois, a acção daquelle que ousasse opprimil-a ou manchal-a pela traição?

Quereis um bello exemplo desse amor entre os antigos?—Lembrai-vos dos trezentos spartanos, sacrificados nas Thermopilas por obedecerem ás santas leis da patria. Ahi, a bravura do soldado elevou-se ás raias do heroismo.

Foi a consciencia do dever que o fez heroe, foi o sentimento da disciplina que o fez bravo!

Dentre as multiplas irradiações do amor da patria, resplandecem, sem duvida, mais que quaesquer outras, as virtudes militares.

Quereis ainda um outro exemplo, menos modesto, é certo, mas, tão cheio de nobreza que a historia não registra muitos ?

Procurai recordar-vos da sentinella de Pompéa, a qual morreu asphyxiada, quando a cidade era submersa nas cinzas do Vesuvio, ha uns mil e oitocentos annos.

« Ao passo que outros fugiam, ella se mantinha firme no seu posto. Cumpria o seu dever. Fôra postada alli para guardar aquelle lugar, e nada a fez recuar ! Suffocou-a o vapor sulfuroso da cinza que cahia. O seu corpo fez-se pó, mas, a sua memoria perdura. O capacete, a lança e a armadura ainda são conservados no Museu Bourbonico de Napoles ».

Os dois exemplos que evocámos deram-vos a idéa do amor da patria sob a farda do soldado.

Quereis, agora, possuir uma noção do dever civico — que consiste na observancia de todos os onus que a patria nos impõe, não já como militar, mas como simples cidadão ?

Attendei para o seguinte factó: Ha pouco mais ou menos um seculo, houve um eclipse do sol, visivel na Nova-Inglaterra. O céu se tornou tão escuro, que muitos acreditavam ser chegado o dia do juizo final. A camara legislativa do Con-

neticut achava-se em sessão, e, quando a escuridão se tornou mais densa, um dos membros requereu que fossem suspensos os trabalhos. Ouvindo isto, um velho deputado puritano, Davenport de Stanford, se levantou e declarou que, se era chegado o dia de juizo — desejava ser encontrado no seu posto cumprindo o seu dever; por esse motivo requeria que trouxessem velas e que a camara proseguisse em seus trabalhos. O seu requerimento foi aprovado, tendo apenas se evadido do recinto com receio da morte — os covardes.— E' que nem todos sabem affrontal-a para cumprir o seu dever.

Mais outro exemplo de virtude civica, só mesmo proprio d'alma romana de Regulo :

Feito prisioneiro dos Carthagineses, depois de já os haver batido por mais de uma vez, obrigando-os a implorar a paz,— os seus detentores lhe concederam a liberdade — sob palavra, afim de acompanhar a deputação encarregada de pedir á Roma a troca dos prisioneiros; mas, em vez de apoiar essa medida, foi o primeiro a tomar a palavra no senado para dissuadir os seus concidadãos de semelhante idéa.

Depois de haver assim procedido, não vacillou em voltar para Carthago e recolher-se á sua prisão, onde se achava carregado de ferros, não obstante os instantes rogos de sua familia, as ardentes supplicas do senado e do Summo Sacerdote.

A esses respondeu, nos seguintes termos :

« Não ignoro que a tortura e a morte me esperam ; que são ellas, porém, comparadas á vergonha de uma acção infame ou aos remorsos de uma consciencia criminosa ? — Embora escravo de Carthago, possuo ainda a alma de romano !

Jurei voltar. — E' meu dever cumprir o juramento. Os Deuses velarão sobre o resto ».

Regulo voltou a Carthago e morreu na tortura, inspirando com a sua morte a Pradon, a Dorat, a Metastase e a Luciano Arnaul — que lhe consagraram as suas tragedias. Morreu honrando seu juramento, isto é, cumprindo o seu dever.

Eis uma outra noção desvirtuada, a ponto de suppor-se que o suicida pratica um acto de heroismo.



Catão, o antigo, ouvindo fazer, um dia, o elogio de um homem que se deixava arrastar á guerra com um entusiasmo e audacia imprudentes, disse :

« Uma cousa é estimar em muito a virtude, e outra — não sentir amor ou ter desprezo pela vida ».

Plutarco descortina nesse pensamento um profundo conceito.

Não ha nada, diz elle, de reprehensivel em evitarmos a morte se precisamos viver por um motivo honroso; nem nada de glorioso em affrontal-a — se nos sentimos tomados de tedio pela vida.

Homéro não conduz ao campo de batalha os seus guerreiros mais ardentes e bellicosos—senão depois de convenientemente armados.

Na legislação grega encontram-se disposições regulando até os casos em que era licito aos generaes exporem a vida nos combates.

E' que entre aquelles povos, onde o stoicismo constituia a base de toda a sua moral, possuia-se a concepção a mais elevada do heroismo, o qual, por sua vez, representava a mais acondorada de suas virtudes.

Não era alli heroe—senão o que sabia morrer sacrificando a vida em defesa da patria!...

Só áquelles que assim procediam, era dado esse nome, e tributadas as honras posthumas que lhes eram devidas.



Pois bem, para a honra da humanidade culta, não está morta a concepção hellenica; permanece ainda a mesma nos tempos modernos. E' como uma especie de Deus sem culto, mas, que existe na consciencia.

Ainda resplandece brilhante o exemplo de Catão. Ainda ha quem morra para não sobreviver ás desgraças da patria.

Na envergadura moral do soldado, a quem se consagram aqui todas as homenagens de que

é capaz um povo, que tem a consciencia do culto pela justiça, não ha que invejar ás virtudes daquelles tempos.

Para proval-o, não seria difficil fazer-lhe, aqui, como diria Montaigne, a anatomia psychologica do proprio coração.

Basta ler-lhe a vida para descortinar-lhe todo o brilho da consciencia.

Não se lobrahi ahi — um só ponto escuro, uma só nódoa!...

*
* *

Contemplai-o no momento sublimado do sacrificio, que é o seu perfil mais bello, e vereis nesse acto o exemplo corporificado dos Lacedemonios, os sectarios da belleza da vida e da morte!

Vereis como se revela a coragem de morrer, tendo a vida circumdada de todos os encantos!

E quem será capaz de contestar que aquelle de quem se trata não se achava preso á terra pelos mais intimos e ardentes affectos do coração?

Quem mais do que elle deu arrhas do seu grande e arraigado amor á patria e á familia?

Quem melhor do que elle, comprehendeu a noção dos deveres civicos e das virtudes militares?

Quem, jámais, nos legou exemplos maiores de heroismo, de abnegação, de desinteresse e de lealdade?

Quem, como elle, enfrentou sorrindo a morte, para salvar a vida de outrem e a honra nacional?

Quem mais alto elevou a comprehensão do dever e a pratica da propria virtude?

Quem, como elle, finalmente, pelo proprio esforço, e pelo brilho de suas acções, conquistou tão assignaladas glorias, constituindo-se o idolo da estima dos seus concidadãos e da admiração immorredoura dos posteros?

Ousareis exigir-me a prova de tudo o que acabo de referir e jurar? Eil-a: é a sua fé de officio.

Ao soldado não é licito exhibir outro documento em defesa de sua honra.

.....

.....

.....

O marechal Carlos Machado de Bittencourt, filho legitimo do general Jacintho Machado Bittencourt, nasceu no Rio Grande do Sul, aos 12 de Abril de 1840.

Assentou praça voluntariamente no 13.º batalhão de infantaria, com destino ao 1.º regimento de artilharia a cavallo, a 1 de Janeiro de 1857.

Foi reconhecido 1.º cadete a 15 de Julho do mesmo anno. Matriculou-se na Escola Militar de Porto Alegre a 4 de Maio de 1858.

Foi promovido a 2.º tenente por decreto de 2 de Dezembro de 1860.

A 3 de Outubro de 1865 foi nomeado para servir no exercito em operações no sul do então imperio.

Seguiu a 6 do mesmo mez para o campo de operações.

Tomou parte nos combates de 16 e 17 de Abril de 1867 em Itapirú e nos de 2 e 20 de Maio e na batalha de 24, sendo ferido.

Assistiu ao grande bombardeio de 14 de Julho de 1867 em Tuiuty e dos demais que se seguiram.

Nos combates de 16 e 18 em Tuiuty tomou tambem parte activa, muito se salientando.

Em 1867 tomou parte nos combates de Tuyucué.

Por decreto de 1 de Junho de 1868 foi promovido a tenente por estudos e agraciado com o habito da imperial ordem do Cruzeiro, pelos serviços prestados nos combates acima citados.

N'esse mesmo anno tomou parte nos combates de 4 e 8 de Maio e 3, 18 e 26 de Julho no Chaco e assistiu aos bombardeios de Humaytá e Timbó até á rendição d'aquella praça.

Em marcha para Palmas, a 31 de Agosto, foi nomeado ajudante de campo do commando do primeiro corpo do exercito.

Tomou parte da columna que á viva força fez o reconhecimento de Angustura em 1 de Outubro.

Salientou-se no combate de Itororó a 6 e

na batalha de Avahy a 11 e nos combates de 21, 25 e 27 de Dezembro em Lomas Valentinas.

Assistiu á rendição de Angustura a 30 de Outubro do dito anno.

Em 1869 foi promovido a capitão por actos de bravura, por decreto de 20 de Fevereiro.

Foi-lhe conferida a medalha de merito militar a 28 de Junho, por actos de bravura praticados a 2 de Dezembro de 1868.

Em 1873 foi-lhe concedida a medalha geral da campanha do Paraguay, com passador de prata n. 4 e 1.º de Julho.

Em 1874 foi agraciado com o habito de São Bento de Aviz, por decreto de 22 de Junho, e com o grão de cavalleiro da ordem de Christo, por decreto de 6 de Setembro de 1875.

Em 1876 foi promovido a major por merecimento, por decreto de 12 de Setembro.

Por decreto de 14 de Julho de 1881 foi promovido a tenente-coronel por merecimento.

Por decreto de 31 de Outubro de 1885 foi promovido a coronel, por merecimento.

Em 1886 foi-lhe concedido o uso em formatura da espada de honra que lhe foi offerecida pela officialidade do 1.º regimento de cavallaria.

Em 1889 foi promovido, por decreto de 30 de Janeiro, ao posto de brigadeiro.

Em 4 de Junho de 1891 foi nomeado commandante do 4.º districto militar.

Em 7 de Abril de 1892 foi promovido ao posto de general de divisão.

Por decreto de 19 de Setembro de 1894 foi nomeado commandante superior da guarda nacional, cargo este que deixou a 23 de Maio de 1895, para exercer o de ajudante-general do exercito, sendo então ministro da guerra o Sr. marechal Bernardo Vasques.

No dia 12 de Julho foi graduado no posto de marechal.

Foi nomeado ministro da guerra no dia 17 de Maio de 1897, partindo para o campo de operações na Bahia no dia 3 de Agosto desse mesmo anno, regressando à 27 de Outubro.

Pertencia á arma de cavallaria e tinha o curso desta arma, da de artilharia e infantaria, pelo regulamento de 1863.

Era tambem ministro do Supremo Tribunal Militar.

Na sua fé de officio constam innumerous elogios de todos os corpos em que serviu, figurando tambem a carta de louvor que ha dias lhe enviou o Sr. Presidente da Republica.

Era condecorado com as seguintes medalhas : medalha de Merito, creada pelos decretos ns. 3.863 e 3.854 de 1 de Maio de 1867 ; medalha commemorativa da terminação da guerra do Paraguay, onde serviu durante quatro annos, creada por decreto n. 4.560 de 6 de Agosto de 1870 ; me-

dalha da campanha do Paraguay, concedida pelo governo da Republica Argentina ; medalha tambem commemorativa á mesma campanha, concedida pelo governo da Republica Oriental do Uruguay. (*)



Através das fulgurações do character, isto é, do brio e da honra do soldado, cuja accidentada existencia, na paz e na guerra, foi o mais eloquente exemplo de comprehensão do dever militar ; — através dessa farda estrellada, onde resplandecem as medalhas de merito, conquistadas no campo de batalha, — brilha ainda a alma abnegada do patriota e do crente, que sabe alliar aos sentimentos que o prendem a Deus e á Patria — o amor da familia

O marechal Bittencourt deixou viuva e onze filhos, sendo cinco filhas e seis filhos. Uma unica filha é casada, D. Edith Bittencourt, esposa do Dr. Pedroso. Dos filhos, tres se acham no internato do Gymnasio Nacional, Jacintho, Carlos e Raul, tendo o mais velho, Jacintho, a idade de dezeseite annos. As filhas moças chamam-se—Maria Luiza, Maria José e Olga. O mais moço dos filhos tem 4 annos de idade e chama-se Oswaldo.

Fallecem-me, infelizmente, dados para apreciar o homem intimo. Nunca tive a ventura de apertar-lhe a mão.

(*) A' gentileza do Sr. Major Cruz Brillhante devemos esse pallido extracto da fé de officio do illustre Marechal.

Penso com Johnson, pois sou de parecer que, para um biographo escrever com verdade a vida de um homem — deve conhecê-lo pessoalmente, não obstante ter faltado essa condição a mais de um escriptor de biographias, como, por exemplo, Plutarco.

Não se pôde, porém, contestar que o conhecimento pessoal dá o principal encanto ao Agricola de Tacito, como ao Byron de Moore e ao Sterling de Carlyle.

Por outro lado, é preciso convir que o lar domestico é uma especie de santuario, e que não é licito a nenhum profano descerrar-lhe as cortinas.

Ninguem está habilitado, — se não convive em nossa intimidade, a attestar — se somos bom pae, bom esposo, bom filho, bom irmão; não obstante, serem taes qualidades outros tantos ornamentos do bom cidadão, ou do homem publico.

Sendo, porém, de fonte authentica as informações que obtivemos sobre certos particulares da vida intima do morto, não resistimos ao desejo de narral-as, tanto mais quanto, referem-se a factos que todos quantos o conheceram de perto são unanimes em attestar como verdadeiros.

O Marechal Bittencourt, por temperamento e por indole, era a personificação da modestia e da simplicidade. Não havia alli orgulho nem pre-

tenções de especie alguma. O homem publico era o reflexo ou a imagem do homem privado.

Os mais elevados cargos a que foi chamado a occupar, accetava-os sempre e desempenhava-os com a idéa preconcebida — de que não fazia mais que cumprir o seu dever.

São sabidos os desgostos que o ralaram por haver accetado a espinhosa missão de ir ao centro da Bahia, em auxilio daquelles que se batiam contra os fanaticos de Canudos.

Pela primeira vez, em sua vida, viu que pretenderam marear-lhe a farda emprestando-se-lhe sentimentos e intuitos que o seu character e a sua honra de soldado e de patriota — repelliam.

Mas, era mistér partir, e partiu... voltando com a consciencia tão pura como a tinha levado, trazendo apenas de lá mais um attestado de sua lealdade e de sua bravura, nunca desmentidas, e no peito generoso — mais uma medalha de merito, que lhe foi conferida pela gratidão nacional.

O povo, não sei por que secreto presentimento, murmurou: « Se elle não tivesse ido... a luta não teria terminado... »

Pois bem, por serviços tão relevantes que, em ultima analyse, não era obrigado a prestar, não consta que houvesse solicitado honras nem remunerações, nem tão pouco se revelara arrogante ou altivo, como outros, após a victoria.

Pelo contrario, continuou a occupar firme-

mente o seu posto, como soldado leal, modesto e generoso, até o momento solemne em que julgou necessario dar a sua vida pela de outrem, para legar aos seus concidadãos e á sua patria — um exemplo eterno de heroismo!...

Oh! como é bello e glorioso ser grande assim!...

Mas, elle não se limitou a legar-lhes esse grande exemplo. Ao desprender o ultimo suspiro, não podendo, como o soldado em campanha, escrever com o seu proprio sangue na lamina de sua espada as disposições de sua ultima vontade, proferiu resignado a seguinte phrase: « Ah! meu Deus! » Phrase interjectiva, que exprime com a mais enternecedora eloquencia todo o brilho de sua alma de crente e de martyr!

Mais um exemplo intimo e ultimo:

Não ha quem ignore quanto era extremoso o Marechal Bittencourt como chefe de familia, á qual votava verdadeiro culto.

Referiu-me alguém, que o conheceu na intimidade — que era tal a sua affeição pelos filhos, que, sempre que tornava á casa, por menor que tivesse sido a sua ausencia, beijava sempre a todos com tal ternura — que parecia ter voltado de uma longa e penosa jornada!...

Disse-me mais que, a par dessa affeição geral pela esposa e pelos filhos, parecia reunir ou personificar todos os seus affectos paternos no seu

pequeno Oswaldo, encantadora criança de 4 annos, por quem nutria verdadeira adoração.

E' essa a mesma criança a quem uma folha vespertina se referira, dizendo que ao ver o pae amortalhado com a sua farda no caixão, pronunciava-lhe o nome, julgando-o que dormia...

« Vimos o interessante Oswaldo, robusto e intelligente menino de quatro annos, ultimo filho do mallogrado marechal Bittencourt, approximar-se do caixão, ao collo de um amigo da familia, e, quasi sorridente, com a inconsciencia da infancia, collocar um ramilhete de amores perfeitos roxos e cravos entre as mãos cruzadas do pae inanimado, junto do crucifixo de marfim que lhe pousava ao peito; beijando-lhe depois a testa gelada.

Oswaldo dizia ás pessoas da familia que o marechal dormia e admirava-se da belleza das corôas que enchiam a sala ».

O que aqui se contém são pallidos traços de um drama intimo de dôr, os quaes poderão não aproveitar ao historiador;—mas, com certeza, não escaparão á perspicacia do artista.

Se a morte tem a sua poesia, como a innocencia a tem;— não póde haver quadro mais bello, nesse genero, do que o que acabamos de contemplar: — *A innocencia e a morte!*

Ah! se os mortos ouvissem!... se os mortos podessem falar!... Certo, todas as vezes que essa

criança innocente pronunciasse o nome de pae,—
elle responderia das nuvens ou occulto em alguma
estrella :

—Ah! meu querido filho, és a mais pura sau-
dade que deixei na terra !....



O ATTENTADO



O ATTENTADO

Honrando este titulo com a inserção do manifesto dirigido pelo Chefe do Estado á nação brasileira, no dia 6 de Novembro, e publicado no *Diario Official* — não fazemos mais do que ligar a esse notavel documento politico o valor intrinseco que elle reveste.

Ha como que nessas palavras, repassadas de dôr e de tristeza, lampejos e trevas, que prenunciam a acção dessas tormentas moraes, que só se desencadeam no céu das consciencias puras.

Não palpita ahi sómente o coração do republicano puro e do homem de bem; — é a propria alma da patria quem ahi fala,— deixando transparecer todo o fêl de sua indignação e de sua tristeza diante do nefando attentado — que a cobriu de luto e de vergonha.

Á NAÇÃO

Ferido, profundamente, em meus sentimentos de homem e de brasileiro, pelo attentado contra mim premeditado e que victimou um dos mais dedicados servidores da Nação, o bravo marechal Carlos Machado de Bittencourt, devo affirmar, do modo o mais solemne, que esse horroroso crime não terá o effeito de demover-me, uma só linha, do cumprimento da minha missão constitucional.

O precioso sangue de um marechal do Exercito Brasileiro, derramado heroicamente na defesa da pessoa do Chefe do Estado, dá a certeza de que os incumbidos da sustentação da autoridade publica e das instituições não hesitam no cumprimento do seu dever, ainda mesmo quando levado ao extremo sacrificio.

A nobre indignação popular manifestada naquelle tragico momento, as inequivocas provas de apoio e solidariedade, dadas ao Presidente da Republica, fortalecem-me a convicção de que posso contar com o povo brasileiro para manter inteira a autoridade, de que estou investido pelo seu voto espontaneo e soberano.

A lei ha de ser respeitada como exige a honra da Republica.

Capital Federal, 5 de Novembro de 1897.

PRUDENTE J. DE MORAES BARROS.

DESCRIPÇÃO DA TRAGEDIA

Diario Official

Hontem, cerca de 1 hora da tarde, regressando de bordo do vapor *Espirito Santo*, onde fôra visitar as forças expedicionarias que regressavam da Bahia, e ao atravessar a alameda principal do Arsenal de Guerra, o Sr. Presidente da Republica foi violentamente acommettido por um soldado do exercito, que, tomando o passo á S. Ex., tentou desfechar-lhe em pleno peito e a queima roupa uma pistola.

A arma negou fogo por duas vezes, e nessa occasião o Sr. Marechal Carlos Machado de Bittencourt, Ministro da Guerra, que se achava ao lado do Sr. Presidente, atirou-se contra o soldado com quem travou luta corporal, procurando desarmal-o.

Acudiram outras pessoas, entre as quaes o Sr. Coronel Luiz Mendes de Moraes, chefe da casa militar de S. Ex. e alguns dos seus ajudantes de ordens que todos esforçaram-se por paralyzar as repetidas investidas do soldado.

Travou-se então rapido e terrivel conflicto, do qual sahiram feridos o Sr. Marechal Machado de Bittencourt, em cinco partes do corpo, e o Sr. coronel Mendes de Moraes com uma facada no abdomen.

Tão graves foram os ferimentos recebidos pelo Sr. Marechal Bittencourt, que S. Ex. expirou momentos depois em uma das salas do pavimento terreo do Arsenal, para onde fôra conduzido.

O Sr. coronel Moraes, depois de acompanhar o Sr. Presidente até ao portão, onde se achava a carruagem presidencial, foi medicado no Arsenal e logo depois levado em padiola para sua residência.

Emquanto se desenrolava esta scena luctuosa, o Sr. Presidente da Republica era cercado por algumas pessoas da sua comitiva e por grande numero de cidadãos, que o rodearam para evitar que o assassino lograsse seu intento e fizeram com que S. Ex. se desviasse do local e proseguisse, envolto na massa popular e por entre vivas e aclamações, até ao portão, onde embarcou em seu carro e regressou a Palacio sem haver soffrido felizmente o menor desacato physico. Essa circumstancia não permittiu a S. Ex. conhecer o desfecho da lucta, do qual só algum tempo depois e já em Palacio teve noticia.

Este ignobil attentado, que não pôde deixar de repercutir dolorosamente em todos os corações bem formados, produziu profunda impressão em toda a Republica.

Hontem mesmo ao Sr. Presidente da Republica foram dirigidas, quer pessoalmente, quer por meio de cartas e telegrammas do paiz e do

estrangeiro, innumerables manifestações de pesar pela morte do inditoso marechal Bittencourt, gloriosamente ferido no seu posto de honra.

S. Ex. recebeu igualmente muitas congratulações por haver escapado illeso de tão reprovavel ataque.

Jornal do Commercio do dia 6

— A uma hora da tarde, voltavam de bordo do paquete *Espirito Santo*, desembarcando no Arsenal de Guerra o Sr. Presidente da Republica, que se encaminhou para o centro do Arsenal, tendo á sua direita o Sr. Ministro da Guerra, á esquerda o Sr. coronel Mendes de Moraes e atrás os Srs. coronel Neiva, Dr. Borges Monteiro, capitão Neiva de Figueiredo, capitão Guilherme Silva, tenente Cunha Moraes, alferes Araujo e, ao lado do Sr. Ministro, o representante do *Debate*, e do Sr. coronel Moraes, o desta folha.

Ao desembarcar o Sr. Presidente da Republica, um grupo que alli se achava levantou vivas á memoria do marechal Floriano.

O Sr. Presidente da Republica passou impassivel por esse grupo, ouvindo-se então repetidos vivas a S. Ex. pelas pessoas que estavam no

corredor que fica entre a ponte e o pateo do Arsenal.

As musicas executaram o hymno nacional, e o Sr. Presidente da Republica e sua comitiva ouviram de chapéo na mão.

Repentinamente surgiu, por trás do Sr. Presidente da Republica, um soldado que, empurrando o Sr. Ministro da Guerra, apontou uma garrucha contra o Chefe do Estado. O Sr. Dr. Prudente desviou com o chapéo a garrucha, que felizmente falhou.

Acto continuo, o Sr. coronel Moraes tirando a espada, avançou e deu uma pranchada na cabeça do soldado, sobre o qual accometteram officiaes e paisanos que se achavam perto.

O soldado caiu, ouvindo-se repetidos gritos de «mata! mata!» a que se oppunham os Srs. Presidente da Republica e Ministro da Guerra, gritando: «Não matem! não matem!»

O Sr. Presidente da Republica viu-se logo cercado pelos Srs. coroneis Neiva, Thomé Cordeiro e outros.

No emtanto, o soldado, a quem tiraram a garrucha, não esmoreceu; quiz servir-se do sabre, que tambem lhe foi arrancado da bainha.

O soldado não se rendia, agarrado pelo Sr. Ministro, coronel Moraes e outros, ora levantava-se a meio corpo, ora caia junto a um canhão antigo, que fica ao lado esquerdo do pateo.

Nesta lucta foram feridos : com tres golpes, o Sr. Ministro da Guerra ; um golpe no ventre, o Sr. coronel Mendes de Moraes ; um golpe na mão, o alferes João Manoel de Faria, que estava á paisana ; e tambem na mão, uma praça de policia que luctava com o soldado, de quem o capitão Marcos Curius, do 1.º batalhão de infantaria, conseguiu arrancar das mãos o canivete punhal de dous gumes, afiadissimo e ensanguentado.

Subjugado o soldado, foi recolhido ao quartel de menores do Arsenal ; ahi ficou incommunicavel sendo o Sr. Ministro, que caiu depois dos golpes, carregado para o armazem de entradas, onde foi collocado em um colchão e, dizendo apenas : « Meu Deus ! » expirou.

O coronel Mendes de Moraes foi recolhido á sala denominada marechal Enéas, que serve de estado-maior do Arsenal e ahi pensado pelos Drs. Nina, Daniel de Almeida, Marcos e Emilio Gomes.

Em seguida foi o Sr. coronel carregado por soldados do 10.º, em uma padiola, para sua residencia á rua Marechal Floriano.

O cadaver do marechal Machado Bittencourt foi transportado do armazem de entradas para a capella do Arsenal, onde ficou em uma eça, coberto com a bandeira nacional, cercado de tocheiros e guardado por quatro praças do 10º com as armas em funeral.

Junto á eça viam-se pessoas de familia, amigos e officiaes do exercito.

O corpo do fallecido Marechal foi transportado ás 5 1/2 horas da tarde para a sua residencia á rua Voluntarios da Patria n. 88, de onde sairá o enterro.

Da capella ao portão do Arsenal foi a ambulancia carregada pelos Srs. general Cantuaria, coroneis Neiva e Callado, tenente-coronel Marques Porto, capitães Guilherme de Azevedo e Alonso Niemeyer.

O 10.º batalhão de infantaria formou no pateo do Arsenal, com as armas em funeral, tocando a musica uma marcha funebre.

O carro-ambulancia seguiu acompanhado por um esquadrão do 9.º regimento de cavallaria sob o commando do capitão Pedreira Franco.

O assassino viu, calmo, das grades do xadrez, a passagem do cadaver da sua victima.

O assassino chama-se Marcellino Bispo de Mello, anspeçada n. 84 da 3.ª companhia do 10.º batalhão de infantaria, tem 24 annos, é praça ha dois annos e servia de ordenança do general Dr. Silva Guimarães, do corpo sanitario do exercito.

Está verificado que o assassino foi um dos soldados presos na ladeira do Ascurra com o capitão Deocleciano Martyr.

— O Sr. Ministro da Guerra apresentava os seguintes ferimentos, verificados na capella do Arsenal pelos Drs. general Bayma, Alves de Barros, Toledo, Ferreira Nina e medico civil Dr. Siqueira Dias e os medicos legistas da policia Cunha Cruz e Moraes e Brito :— um golpe obliquamente dirigido acima da 2.^a costella no lado direito, extenso até a 5.^a costella, de cima para baixo e de dentro para fóra, com seis centimetros de extensão ; segundo golpe no flanco esquerdo até a ultima costella, de dois centimetros de extensão ; terceiro sem gravidade, no flanco direito, com dois centimetros e outro na cabeça na região occipito-parietal direita.

— O Sr. general Cantuaria mandou o Sr. capitão Alonso Niemeyer, afim de preparar a familia para receber a triste nova.

E' facil imaginar o desespero da senhora e filhos do illustre morto, sendo aquella acommettida de violento ataque, e soccorrida immediatamente pelos Drs. Abelardo de Souza e Serzedello Marcher.

Ao chegar o cadaver á casa acompanhado pelo Sr. general Cantuaria, capitão Neiva representante do Sr. Presidente e capitão Guilherme ajudante de ordens do morto, fizeram entrega do cadaver, que pela familia fóra reclamado.

Debruçada sobre o cadaver do esposo, a infeliz senhora exclamava : « Tão moço, tão cheio

de vida acabar assim desgraçadamente, sem deixar um tecto que nos abrigue.»

Estas palavras calaram profundamente no espirito dos que as ouviram.

JUIZO DA IMPRENSA

Toda a imprensa da Capital, sem distincção de côr politica, manifestou livremente o seu modo de pensar profligando com sincera e verdadeira indignação o hediondo attentado.

Cidade do Rio, Gazeta de Noticias, A Noticia, Jornal do Brazil, Gazeta da Tarde, O Paiz, Republica, Jornal do Commercio, O Debate, todos estes autorizados orgãos da opinião publica formaram, por assim dizer, um concerto harmonico no protesto solemne, que formularam, em nome da civilisação e do direito, contra a pratica do nefando crime, que roubou á Patria e á Republica um dos seus mais distinctos servidores, ameaçando de morte a pessoa veneranda do intemerato Chefe do Estado e pondo em perigo imminente as instituições e a ordem publica.

Transcrevendo aqui, na integra, as opiniões de dois desses supracitados orgãos, sentimos não

poder igualmente inserir os editoriaes de todos os outros, devido á estreiteza do espaço de que dispomos.

Jornal do Commercio

O sangrento e luctuoso acontecimento occorrido hontem nesta Capital commoveu profundamente o povo, tanto pela situação politica e pela benemerencia das victimas visadas pelo assassino, como pela tristissima impressão do estado social a que chegámos, que o facto em todos suggeriu.

Um soldado tentou assassinar o Sr. Presidente da Republica e matou o illustre marechal Bittencourt, ministro da guerra, que sempre heroico no cumprimento do seu dever acudira a salvar a vida do Chefe do Estado. Outras victimas fez a furia do assassino, mas estas felizmente escaparam com vida á sanha maldita.

O soldado que assim tão perversamente se celebrizou, teria sido dirigido contra o cidadão illustre que na primeira magistratura da Republica só tem procurado fazer o bem, não ouvindo as injurias e as ameaças de adversarios ou de prejudicados pela sua politica de ordem, de paz e de vigilancia dos dinheiros publicos; o braço da obscura praça de pret teria sido dirigido por alguma individualidade mais culta e mais per-

versa do que ella? E' uma interrogação que hontem todos faziam e que o nosso patriotismo aneia responder pela negativa.

Nuvem de sangue, atmospheria mephitica de attentados pela palavra, de attentados pela acção, tem envolvido nestes quatro annos a sociedade brasileira. Politicos que se gabam por uma propaganda de revindictas, de intolerancia e de perseguições, fizeram dogma de suas crenças a eliminação cruenta de seus adversarios, como meio honesto, legitimo, normal de satisfação de aspirações ao poder.

Temos assistido com pasmo a essa anarchia mental que empuxa a nação para a anarchia social, sem se attender na cegueira dos interesses mallogrados que nas condições a que tantos esbanjamentos tem trazido á fazenda publica, a ordem, a tranquillidade, o respeito á lei são mais indispensaveis do que nunca, para o restabelecimento das finanças e para o melhoramento da vida do povo. Quando se préga que todos os meios são bons, que todas as armas podem ser vibradas, para se destruir uma situação politica prepara-se a desordem, a turbulencia, o crime.

Impellir á turbulencia e á insubordinação as classes, cuja primeira virtude e alta benemerencia está na sua completa disciplina e na obediencia passiva aos poderes legalmente constituídos, é trabalhar para a desorganisação da sociedade, é

atirar a sociedade brasileira na barbaria e no servilismo de que ha tantos lustros sahiu.

Todos amamos e prezamos a liberdade e as instituições que della procedem; mas uma nação não póde ser livre havendo nella conquistadores e conquistados. Em um povo livre ninguem póde estar acima da lei, ninguem póde estar fóra da lei; todos os cidadãos estão dentro da lei na punição e na recompensa.

O facto de hontem é um effeito dessas más doutrinas que profligamos como negativas da nossa civilisação e ameaçadoras do futuro e do progresso da democracia brasileira.

Se o abysmo tem o encantamento da attracção, o crime é um ensinamento e um incitamento para outro crime. Oxalá que o nefando attentado de hontem encerre com o seu pesado luto este anno nefasto em que nas ruas desta capital assaltaram-se e saquearam-se casas particulares e foi possivel assassinar impunemente um cidadão que, se tinha opiniões adversas ás instituições, era garantido em seu direito de transito pelas leis da Republica.

Se o triste momento suggere estas reflexões sobre a situação a que nos querem levar os que não medem o effeito das suas hyperboles e das suas paixões em espiritos incultos; este momento deve inspirar tambem aos bons cidadãos, que estimem antes de tudo a patria e o seu bom

nome, o sentimento de ordem e da segurança publica que agora é o da defesa contra a anarchia que conduz á consagração geral e ao homicidio.

O *Jornal do Commercio*, decano da imprensa brasileira, da imprensa que é o instrumento primeiro da opinião e da liberdade: que veiu á luz nos primeiros dias da nossa organização politica, tem o dever de dirigir-se assim aos seus leitores na occasião em que lhes annuncia que o chefe da nação brasileira é vivo, porque um seu illustre auxiliar, a primeira autoridade do exercito nacional, succumbiu para salv-o.

Por sua vez, os patriotas, os cidadãos interessados na gestão regular da causa publica acudam ao governo legal, defendam-no contra os mãos que, visando-lhe a existencia, visam tambem a nossa vida e os nossos bens.

Em qualquer sociedade organizada a gente sã é a maioria e só por cobardia uma maioria se deixa subjugar e explorar por uma minoria cupida e sanguinaria.

Do Debate

O Sr. Ministro da Guerra caiu hontem, no Arsenal, victima do punhal do assassino, convertido em instrumento de planos politicos. Infeliz-

mente todos previamos, para estes dias, graves acontecimentos.

A attitude da opposição, chefiada pelo Sr. general Glycerio, havia de terminar logicamente nos meios extremos e violentos.

Tudo o indicava. Rotulando-se de constitucional desde o primeiro dia do rompimento da maioria parlamentar com o *ex-leader*, este atirou-se francamente nos braços dos elementos reaccionarios e violentos com os quaes a politica honesta, pacifica e constitucional do Presidente da Republica não podia pactuar. As scenas degradantes, os tumultos, as protelações, o desdobramento de todos os vicios e excessos do mais desbragado parlamentarismo, quasi que impossibilitaram a função do poder legislativo. O ataque brutal ao Presidente da Republica, a campanha de intrigas e perfidias em torno do exercito, o ateamento de odios e rivalidades, os pregões á anarchia, attestavam de sobejo o desvario, que se apossara dos elementos agrupados em redor do Sr. Glycerio e até onde elles o arrastariam.

A arruaça substituiu a discussão, o insulto, o argumento, a aggressão pessoal, o raciocinio.

A guerra fratricida, que devastava o sertão da Bahia, foi a fecunda sementeira de que nutriu-se a ambição, o odio, o despeito da facção sediciosa, que tentava, pela audacia, escalar o poder — objectivo de todos os seus insensatos designios.

Emquanto o governo, sereno e digno, absorvia-se inteiro na preocupação de debellar o banditismo, de cumprir o seu dever, de restaurar o imperio da lei nos inívios sertões em que assentara a sua tenda o fanatismo selvagem, não poupando sacrificios, nem medindo recursos, para leval-o de vencida, a especulação rugia, desesperada e sedenta, em torno de Canudos, fazia do nome do illustre general Arthur Oscar, bandeira de guerra contra o governo, ia do recinto da camara ao theatro da lucta levar, aos ouvidos do illustre general em chefe, as suas fementidas lisonjas, as suas denuncias perfidas, as suas intrigas, menos ineptas que indignas e anti-patrioticas.

Contra o illustre Ministro da Guerra, symbolo da lealdade e da bravura, educado na escola severa da disciplina e do cumprimento do dever, mais acesa e violenta se levantava a grita desvairada da opposição.

Elle significava pelo alto prestigio do seu nome, pela severidade espartana de seu character, pela austeridade de toda uma vida votada ao serviço da Patria sem desfallecimentos e sem sinuosidades, o apoio do exercito aos poderes constituidos da Nação. Emquanto elle permanecesse no seu posto — a anarchia não poderia alçar o collo.

Todos os seus planos de assalto ao poder por meio de levantamentos, desfaziam-se diante

da correcção e do patriotismo do glorioso soldado — em quem o exercito descansava tranquillo e cheio de confiança.

Frustradas todas as tentativas de revolta, certa de que fôra improficuo todo o seu esforço — para reconquistar o governo pela sedição não amorteceu e, ao contrario, mais exarcebou-se o desespero da opposição.

Desde então visou-se directamente o Chefe do Estado.

A linguagem sediciosa do Sr. Manoel Victorino no banquete Pedro Velho, a ameaça descarnada e franca do manifesto com que a opposição lançou a candidatura do Sr. Lauro e Fernando Lobo, a linguagem violenta e demagogica da imprensa do Sr. general Glycerio, as ameaças solemnes e imperativas do Sr. Barbosa Lima, na tribuna da Camara, apontando o Sr. Presidente da Republica como um *Antonio Conselheiro*, á sanha dos criminosos, o incitamento continuo da opposição, rotulada de parlamentar á conflagração e ao motim; tudo estava revelando que ella não mais faria questão de meios para galgar o poder.

A opposição do Sr. Glycerio não podia resignar-se á derrota solemne que, estão certos as urnas hão de inflingir-lhe no pleito de 1.º de Março.

Sentem-se divorciados da Nação, mas querem dominal-a pelo terror e pela violencia.

Só têm um objectivo — vencer, embora sob os destroços da Republica que elles trazem nos labios e a que trahem, villipendiam, e degradam em todos os actos e por todos os modos.

D'ahi a confiança inexplicavel, a calma sinistra e mysteriosa com que — apezar da repugnancia com que a grande maioria do paiz — os vê, da reprovação de todos os elementos de ordem á sua politica reaccionaria e mashorqueira, da evidencia insophismavel do apoio e do entusiasmo com que em todo o paiz foi acolhida a escolha dos Drs. Campos Salles e Rosa e Silva, elles proclamavam que a victoria lhes pertenceria na eleição de Março.

O mysterio está desvendado, o segredo da confiança com que a facção glycerista affirmava que havia de vencer fosse como fosse acha-se desfeito.

O attentado inaudito que encheu de assombro esta Capital, está explicado.

O golpe, que hontem rasgou o coração do heroico general Carlos Machado, visava o integro Sr. Dr. Prudente de Moraes.

O glorioso Marechal foi um martyr da dedicação e do dever.

O braço do misero soldado manejava a arma que a covardia partidaria lhe entregava para eliminar o primeiro magistrado da Nação.

Todas as circumstancias e todas as presumpções indicam claramente ao paiz os verda-

deiros e directos responsaveis pelo attentado de hontem.

N'esse grande tribunal, onde têm assento todos os brasileiros e perante o qual falamos, não hesitamos um momento em apontar a opposição, como quem, pelos seus incitamentos, por suas suggestões, por suas falsidades, foi se não a autora, ao menos a cumplice moral d'estes lugubres acontecimentos que hontem encheram de terror e de indignação o mundo civilisado.

Não duvidamos, antes asseguramos, que, nas linhas da opposição dirigida pelos Srs. Glycerio, Barbosa Lima e Alcindo Guanabara ha homens de boa fé e de dignidade, a quem é justo exceptuar das mesmas responsabilidades. A estes diremos: o paiz tem os olhos voltados sobre vós, sobre o vosso proceder, no transe doloroso por que passa a nossa Patria; lembrai-vos que, em toda a nossa historia, nas varias luctas, na abolição e na Republica, nunca houve um assassinato politico; a lucta já não é entre o governo e a opposição, mas entre os homens de bem e os criminosos.

CONGRESSO NACIONAL

Camara

Em ambas as casas do Congresso Nacional não podia deixar de produzir a mais profunda e dolorosa impressão a sinistra nova do tragico acontecimento.

Na sessão da Camara de 5, depois de se terem pronunciado, profligando o crime, os Srs. deputados Irineu Machado, Nilo Peçanha e Serzedello Corrêa, cujos discursos extrahimos do *Diario Official*, proferiu o Sr. Dr. Arthur Rios as seguintes palavras :

« Meus senhores, cumprindo um dever de gratidão para com o bravo soldado que voltava da campanha gloriosa de Canudos, fui quasi testemunha do desastroso, do indigno acontecimento, que deve pungir o coração de todo o brasileiro e que prostou por terra o bravo marechal Carlos Machado Bittencourt.

E S. Ex. acaba de fallecer...

VOZES — Oh ! Oh !

O Sr. PRESIDENTE... e foi victima da sua dedicação, salvando a pessoa do Chefe da Nação, contra o qual se levantara a arma homicida, que encontrou no peito do illustre marechal o escudo que salvaguardou a vida do Chefe da Nação brasileira (*apoiados geraes*).

Interpreto nestas palavras o sentimento unanime da Camara, a dor profunda que nos assalta por esse indigno acontecimento, e que é um attentado contra a dignidade d'esta Nação.

Assim, pois, de accordo com os sentimentos da Camara e aceitando a proposta do levantamento da sessão, vou nomear a commissão que, além da mesa, assistirá aos funeraes do bravo marechal Machado Bittencourt, cuja perda neste momento a Patria deplora.

Nomeio para a commissão os seguintes senhores :

Pelo Amazonas — Carlos Marcellino.

Pelo Pará — Serzedello Corrêa.

Pelo Maranhão — Luiz Domingues.

Pelo Piahy — Anizio de Abreu.

Pelo Ceará — Pedro Borges.

Pelo Rio Grande do Norte — Tavares de Lyra.

Pela Parahyba — José Peregrino.

Por Pernambuco — Herculano Bandeira.

Por Alagôas — Angelo Neto.

Por Sergipe — Geminiano Brazil.

Pela Bahia — Jayme Villas-Boas.

Pelo Espirito-Santo — Galdino Loreto.

Pelo Districto Federal — Irineu Machado.

Pelo Rio de Janeiro — Nilo Peçanha.

Por Minas Geraes — Calogeras.

Por S. Paulo — Costa Junior.

Por Goyaz — Urbano de Gouvêa.

Por Matto-Grosso — Luiz Adolpho.

Pelo Paraná — Alencar Guimarães.

Por Santa Catharina — Paula Ramos.

Pelo Rio Grande do Sul — Pinto da Rocha.

Os demais Srs. deputados, que quizerem comparecer ao funeral, encontrarão lá a Mesa da Camara que acompanhará o sahimento do valoroso soldado que exhalou o seu ultimo suspiro na defesa da honra da Patria e da pessoa do Sr. Presidente da Republica.

A Camara não se reunirá em sessão nocturna hoje, nem haverá sessão amanhã.

*
* *

Eis os discursos a que nos referimos :

O SR. IRINEU MACHADO.—Sr. Presidente, como a Camara viu, eu estava orando quando chegou ao conhecimento da Camara, por uma informação particular, prestada ao distincto deputado Sr. Nilo Peçanha, a noticia de um attentado contra a vida do illustre marechal Machado de Bittencourt, um dos servidores da Nação e um dos melhores soldados da Republica (*Apoiados geraes*).

Fui obrigado a interromper o meu discurso por solicitação do meu honrado amigo Sr. Malaquias Gonçalves, o qual vem ao encontro da

emoção que, aliás, já havia causado no meu espirito a noticia de semelhante facto.

Lamento o facto profundamente, e, se bem que a Camara não possa tomar qualquer deliberação, porque nos faltam os detalhes desse attentado, contudo deixo expresso meu profundo protesto contra esse attentado, pedindo a V. Ex. que me mantenha a palavra, para continuar em outra sessão as observações que fazia, cedendo neste momento a palavra ao Sr. Nilo Peçanha, porque S. Ex. se pronuncia sobre as manifestações de pesar (*Muito bem, muito bem*).

O SR. NILO PEÇANHA (*Profundo silencio*). — A gravidade extrema do emocional acontecimento de que a Camara acaba de ter noticia provoca a mais estreita e a mais viva solidariedade dos dois partidos politicos em que se divide o Corpo Legislativo da Republica. (*Apoiados geraes*.)

A minha palavra valerá por um protesto energico de toda a opinião brasileira (*muito bem!*), contra esse crime que, determinando a morte do honrado Sr. Ministro da Guerra, tão estranho e tão puro nas lutas ardentes e apaixonadas dos partidos do paiz, vem ferir a honra da nossa propria civilização como os credits moraes do culto povo brasileiro (*Apoiados geraes*).

Que V. Ex., Sr. Presidente, interpretando os sentimentos da Camara, faça nomear uma comissão que acompanhe o sahimento do illustre

militar, ficando assim escripto e perpetuado que a Republica, pela sua assembléa nacional, condemna um tal processo de eliminação do homem, aliás infructifero e barbaro no progresso e na conquista definitiva das liberdades publicas !
(*Apoiados geraes. Muito bem, muito bem.*)

O SR. SERZEDELLO CORRÊA. — Sr. Presidente, quasi desnecessario era tomar a palavra depois do patriotico e vehemente pronunciamento que o meu illustre amigo deputado pelo Rio de Janeiro acaba de fazer.

A emoção que realmente produziu no meu espirito, assim como no espirito de toda a Camara, este attentado selvagem, barbaro, indigno, miseravel, provoca a mais solemne e completa solidariedade de todo o coração brasileiro (*apoiados geraes*), de todo o coração republicano, para com o heroico marechal Carlos Machado de Bittencourt que foi mortalmente ferido na defeza do Sr. presidente da Republica (*Apoiados geraes.*)

Venho pedir á Camara dos Deputados e ao paiz que veja nas minhas palavras o maior protesto contra esse selvagem acto, que fez cair um bravo militar, que sempre soube cumprir o seu dever e que, vindo da Bahia coberto de glorias, acaba de tombar no cumprimento do seu dever, defendendo a vida do honrado Sr. presidente da Republica mostrando que era um soldado de honra, digno representante da bravura do glo-

rioso exercito brasileiro, coberto hoje de luto pela perda de seu chefe. (*Muito bem, muito bem; o orador foi vivamente cumprimentado.*)

Na sessão de 8, o illustre *leader* da maioria, Sr. Belisario de Souza profere eloquente e comovedor discurso, justificando a moção que apresenta, a qual é unanimemente approvada pela Camara.

*
* *

O SR. BELIZARIO DE SOUZA diz que a tragedia que affrontou e indignou a consciencia nacional emocionou tão profundamente a Nação, amargurou tão cruelmente a vida nacional, que a moção que vai ler e submeter ao voto da Camara não precisa de justificação.

Dolorosa tragedia esta, que seria a vergonha eterna de nossa historia, se a honra militar, a lealdade ao dever, o sacrificio por outrem não houvessem — salvo a dignidade de nossa civilização e de nossas tradições!

Nobre soldado esse, que sucumbiu honrando e glorificando o Brasil; glorificando e honrando a farda, que tambem jámais cobriu, mais puro e mais alto e mais nobre animo!

Por isso, assistimos tambem a mais extraordinaria glorificação que já se fez a um morto e, para mais honrar-lhe a memoria, parecia o primeiro fructo daquelle magnanimo acto a apotheose em que o povo, em extraordinaria aclamação victoriava o Presidente da Republica, escapo illeso para a felicidade da Patria, para a honra da Republica!

Esse exemplo de abnegação e lealdade de Carlos Machado Bittencourt e a imponente e a indescrivivel manifestação a Prudente de Moraes demonstram que a Historia do Brasil não foi interrompida e que a Republica ha de ser a ordem, a liberdade e o amor!

Ha de retemperar-se nas fontes que a moral humana purifica.

Vem á Mesa é lida, apoiada e posta em discussão a seguinte

MOÇÃO

A Camara dos deputados interpretando os sentimentos do povo brasileiro, solememente reprova e condemna o attentado politico praticado contra o Presidente da Republica, em cuja defesa succumbiu o marechal Carlos Machado Bittencourt; inscreve na acta da sessão, recommendando á posteridade, o nome do glorioso soldado e eminente brasileiro, morto no posto de honra

e do dever; congratula-se com a Nação pela salvação da vida do presidente da Republica.

Sala das sessões, 8 de Novembro de 1897.
 — *Belisario de Souza.* — *Augusto Motenegro.* — *Urbano Santos.* — *Calogeras.* — *Felisbello Freire.* — *João Luiz.* — *Arroxellas Galvão.* — *Ildefonso Alvim.* — *Arthur Torres.* — *Paranhos Montenegro.* — *Tosta.* — *Seabra.* — *Angelo Neto.* — *Herculano Bandeira.* — *Euclides Malta.* — *Luiz Domingues.* — *Galdino Loreto.* — *Marcos de Araujo.* — *Hermenegildo de Moraes.* — *Eduardo Ramos.* — *Pedro Chermont.* — *Adalberto Guimarães.* — *Silva Mariz.* — *Lamartine.* — *João Dantas Filho.* — *Carlos de Novaes.* — *Olympio Campos.* — *Juvenio de Aguiar.* — *Teixeira de Sá.* — *Paula Guimarães.* — *Adolpho Gordo.* — *Miguel Pernambuco.* — *Viveiros.* — *Costa Junior.* — *Cornelio da Fonseca.* — *Torres Portugal.* — *Rodrigues Fernandes.* — *Geminiano Brazil.* — *Augusto Clementino.* — *Rodrigues Doria.* — *Neiva.* — *Bernardes Dias.* — *Luiz Adolpho.* — *Malaquias Gonçalves.* — *Alvares Rubião.* — *Gustavo Godoy.* — *Ermirio Coutinho.* — *Domingues de Castro.* — *Júlio de Mello.* — *Feronymo Monteiro.* — *Paulino de Souza Junior.* — *Fernandes Prestes.* — *Moreira da Silva.* — *Augusto de Vasconcellos.* — *Rodrigues Lima.* — *Urbano de Gouvêa.* — *Vergne de Abreu.* — *Eugenio Tourinho.* — *Jayme Villas-Boas.* — *Tolentino dos Santos.* — *Urbano Marcondes.* — *Anisio de Abreu.* — *Heredia de Sá.* — *Guedelha Mourão.* — *Pereira de Lyra.* — *Marinho de Andrade.*

—Ildefonso Lima.—João de Siqueira.—Bueno de Andrade.—Mendes Pimentel.—Castro Rebello.—Agostinho Vidal.—Mello Rego.—Silva Castro.—Pereira dos Santos.—A. Milton.—Caracciolo.—Barros Franco Junior.

Senado

A sessão do dia 6 começou pela apresentação da carta do Sr. Vice-Presidente da Republica ao Senado e pela moção do Sr. Senador Severino Vieira, como se verifica da transcripção.

Tomaram parte no debate os Srs. senadores Lauro Sodré, Ramiro Barcellos, Virgilio Damasio, Severino Vieira, Ruy Barbosa e Quintino Bocayuva. Desses discursos transcrevemos aqui, como documentos preciosos para a historia, os que, nas sessões dos dias 6 e 10, foram proferidos pelos Srs. Ruy, Severino e Bocayuva, cuja moção foi a que teve afinal a honra de ser approvada.

O SR. PRESIDENTE. — Antes de dar a palavra ao nobre Senador, preciso ler ao Senado a comunicação que acabo de receber do Sr. Vice-Presidente da Republica, communição que é a seguinte :

«Laranjeiras, 6 de Novembro de 1897.

Exm. Sr.— Não tendo ainda podido reassumir a presidencia do Senado, da qual estou afas-

tado ha cerca de um mez, peço-vos que apresenteis a esta illustre corporação os meus testemunhos de inteira solidariedade nas demonstrações que forem votadas em relação aos desgraçados e luctuosos acontecimentos de hontem.

Exm. Sr. Dr. Manoel de Queiroz, muito digno Vice-Presidente do Senado.

De V. Ex. amigo e admirador.— *Manoel Victorino Pereira.*

Tem a palavra o Sr. senador Severino Vieira.

O SR. SEVERINO VIEIRA.— Sr. Presidente, o acto a que se refere a communição do honrado Presidente do Senado está desde hontem no conhecimento da Nação brasileira, que elle profundamente consternou pela hediondez das circumstancias que o revestiram e pela gravidade ingente que o caracteriza.

Bem quizera, Sr. Presidente, para honra de nossa civilisação e para tranquillidade da Republica; bem quizera, para que os inimigos francos e declarados desta não se convencessem de que atraz delles ha outros inimigos mais perigosos, mais terriveis, porque se occultam sob a mascara da hypocrisia, porque se dissimulam em protestos fementidos de seus adeptos e sustentadores; bem quizera, repito, que este attentado descommunal pudesse ser referido precipua e isoladamente aos instinctos ferozes de um individuo unico, de um homem propinamente perverso ou degenerado.

Infelizmente, Sr. Presidente, as circunstancias que acompanham sempre os crimes, os factos que os precedem, que com elles concorrem e que lhes são subseqüentes, os factos que são, na linguagem de juristas abalisados, como que as testemunhas mudas, e por isso mesmo insuspeitas, vêm denunciar que atrás do perfido e desgraçado assassino que hontem attentou contra a vida preciosa do Sr. Presidente da Republica, logrando arrebatá-la não menos preciosa e cara do soldado leal e honrado, do eminente marechal Carlos Machado de Bittencourt, existem instigadores de intuitos mais tenebrosos e mais amplamente nocivos que lhe armaram o braço homicida.

Porém, Sr. Presidente, si não ousar tornar, por este crime tremendo, luctuoso e nefasto, responsavel o partido que faz no momento actual opposição ao Governo da Republica, não me é possivel destacar da sua realidade, como a subordinação logica que liga o effeito ás suas causas, os precedentes, os processos e as doutrinas e accusações flagrantemente injustas, divulgadas e proferidas estrepitosamente na imprensa e na tribuna por jornalistas oradores e influencias que gosam de representação nas fileiras desse partido.

Não cabe, Sr. Presidente, no momento discutir e analysar este conceito; limito-me a consigná-lo, para deixar patente os meus sentimentos

de indignação immensa, que eu julgo serem os sentimentos de todo o Senado (*apoiados*), e para vir no momento submeter á apreciação do mesmo Senado uma moção, que me felicito de ver antecipadamente apoiada pela manifestação do honrado Presidente desta casa.

Nem me cabe, Sr. Presidente, sob a impressão que me domina, nem seria tambem em qualquer situação o mais competente para fazer o necrologio do illustre soldado que a mão do assassino precipitou hontem no tumulto, roubando-o a uma familia numerosa, a quem elle se dedicava, e que fica no momento entregue ao amparo, eu o espero, dos impulsos da caridade civica da Nação Brasileira (*Apoiados*).

O SR. PIRES FERREIRA.— E' o dever da Nação.

O SR. SEVERINO VIEIRA.— Falem por mim mais alto e com inexcedivel eloquencia os serviços que elle acaba, ha poucos dias, de prestar á Republica e aos seus camaradas do brioso exercito brasileiro (*apoiados*), salvando-os da fome e da morte nos sertões agrestes de Canudos.

Deixo, Sr. Presidente, que outros ponham em relevo os merecimentos do brasileiro que se tornou illustre, que pela sua dedicação, pela lealdade com que se sacrificou á causa da Patria e á causa da Republica acaba de sagrar-se o primeiro de seus benemeritos (*Muito bem*).

A moção que vou apresentar é a seguinte :
E' lida e, estando apoiada pelo numero de assignaturas, é posta em discussão a seguinte

INDICAÇÃO N. 4 — 1897

O Senado Federal, julgando interpretar os sentimentos da Nação Brasileira, que representa, assim na magua com que pranteia a morte do valente, leal e exemplar soldado, marechal Carlos Machado Bittencourt, Ministro da Guerra, como na indignação sem limites com que condemna e estigmatiza o attentado politico, barbaro, hediondo monstruoso que veiu desgraçadamente pela primeira vez manchar as paginas da nossa historia :

Resolve que se consigne na acta um voto de immorredoura gratidão pela inexcedivel abnegação com que se sacrificou ao engrandecimento da Patria e a estabilidade e segurança da Republica, salvando, á custa da propria, a vida preciosa do primeiro Magistrado desta, e que se nomeie uma commissão para acompanhar o sahimento funebre do illustre morto e se suspenda a presente sessão.

Sala das sessões, 6 de Novembro de 1897. —
Severino Vieira.— *Pires Ferreira.*— *Virgilio Damasio.*— *Ruy Barbosa.*— *Rosa Junior.*— *B. de Mendonça Sobrinho.*— *Almeida Barreto.*— *Rodrigues Alves.*— *Rosa e Silva.*— *Gonçalves Ferreira.*—

Joaquim Sarmiento.—Justo Chermont.—Porciuncula.—Belfort Vieira.—Francisco Machado.—Nogueira Paranaguá.—Joaquim Cruz.—Benedicto Leite.—Gomes de Castro.

Senado Federal

Discurso pronunciado na sessão de 6 de Novembro de 1897

O SR. RUY BARBOSA. — Sr. Presidente, afastado, ha tanto tempo, dos trabalhos desta Casa, não só por motivos de saude, como por considerações de dever e escrupulos de consciencia, a que espero ter-me ão feito justiça os nobres senadores, sinto-me obrigado pelo meu dever e pela minha consciencia a não faltar hoje ao meu posto, a acudir com o protesto mais energico do meu apoio ás expressões indignadas com que os dous oradores, cuja palavra se acaba de ouvir, se referiam ao attentado cobarde e odioso, atroz e vil, que não mancha só com a nodoa indelevel a mão do assassino, nem traspassa unicamente o corpo do assassinado: vibra tambem sobre o credito deste paiz um golpe de morte, e põe na honra das instituições que nós amamos, uma dessas maculas que não se lavam com a eloquencia da tribuna politica, que reclamam as lagrimas de um povo inteiro.

Felizmente essas lagrimas correm de todos os corações com a abundancia dos rios, saturadas na indignação forte dos povos capazes de reagir contra o extremo do infortunio, enquanto nós nos apressamos em juntar o tributo do nosso protesto contra esta maldade nefanda, que não envolve só o paiz no lucto publico: traz o lucto carregado e tenebroso das grandes calamidades ao interior das nossas casas, como uma desgraça domestica, como se cada familia sentisse vacillar a cumieira do seu tecto (*Muito bem*).

Quem haverá hoje, entre nós, senhores, que, tendo filhos pequeninos, pobresinhos incautos no meio de tamanho perigo, não sinta, ao afagal-os, enoutecer-lhe o espirito a mais grave melancolia? Quem haverá, que, querendo com amor a esposa, não a contemple, volvendo olhos de tristeza para o futuro? Quem, amando a nossa patria, não sentirá estarem pairando sobre ella ameaças verdadeiramente sérias, não do genero d'essas, que a politica usa gerar e exagerar na creação dos seus phantasmas, das fabulas dos monstros, em que, entre nós, apascenta a sua rhetorica e as suas paixões, dessas invenções forjadas pela habilidade dos interesses de partido, para entreter a agitação, de que vivem as facções, recommendando pelo terror de perigos imaginarios o zelo de um fanatismo, que não conhece as instituições republicanas senão para as corromper, para as explo-

rar, para as combalir, dividindo, em vez de reunir, em torno dellas o paiz?

Deploro, senhores, que hoje um obstaculo inevitavel, como o de molestia, nos privasse da satisfação de ver completa esta casa com a presença do honrado Presidente do Senado, o illustre Vice-Presidente da Republica, o magistrado electivo, que a Constituição encarregou de presidir aos nossos trabalhos, a quem mais do que ninguem toca o dever e o interesse da solidariedade mais absoluta com a ordem publica (*muitos apoiados*), com a administração, com o Governo, quando se trata da repressão de attentados, em que não periclita unicamente a segurança commum, que não projectam sómente sobre as instituições uma sombra sinistra, mas interessam a propria fibra moral da Nação, a substancia da sua vitalidade, envenenando-a com um virus, a cuja propagação não poderia resistir o character dos povos mais bem formados (*Apoiados*).

Ainda bem que o documento, a cuja leitura V. Ex. acaba de proceder, Sr. Presidente, nos vem dizer o de que aliás não podiamos ter a menor duvida, que o nobre Vice-Presidente da Republica sente vibrar-lhe a alma revoltada, como todos nós (*apoiados*), de aversão e desprezo ao crime brutal, infame, que nos resalta ás faces como respingo de lama.

Deus me livre, senhores, de que eu jámais

pudesse duvidal-o! O illustre Vice-Presidente da Republica representa, como eu, pela origem, pela familia, pela educação, pela carreira politica, um Estado, onde a magnanimidade é a virtude commum do povo; onde o talento e o heroismo nunca se divorciaram da humanidade; onde os partidos nunca se ensoparam em sangue; onde não se conhecia a crueldade politica; onde as facções nunca adoptaram o algoz e a carniça; onde nunca se conheceram as cobardias sanguinarias da ambição politica, que, nas nossas ultimas luctas civis, nos tem irmanado ás mais degradadas republicas hespanholas; onde agora mesmo a mocidade das escolas superiores, a pura e santa mocidade, em outros logares tão esquecida de si mesma, tem esses voos pelo sublime, esses largos surtos pela tradição e pelo direito, que a levantam acima da decadencia actual, protestando contra a victoria que degolla os vencidos.

Nascemos no mesmo torrão, respirámos o mesmo ar, crescemos no mesmo meio, e educámo-nos na mesma escola: o espirito benigno, liberal, christão, daquella terra sã, robusta, fecunda, cujos filhos estão habituados a prezar, na fraternidade que a liga a suas irmãs, a politica do patriotismo civilizador, o imperio dos laços moraes, os deveres superiores, esses vinculos normaes de um grande organismo, cuja duração não se concilia com a virulencia dos sentimentos malignos,

em que a grosseria dos ideaes partidarios hoje em dia nos vae empeçonhando.

Naquelle clima de montanha onde os germens do charco, os miasmas da politica de punhal e degolla não hão de medrar, não, não medrarão! S. Ex. bebeu commigo no ambiente o amor da liberdade incruenta, dessa liberdade que a lyra da sua eloquencia harpejava como o canto de um poema, nas festas populares em que o illustre Presidente do Senado recebia dos nossos compatriotas a missão de celebrar em mim as grandes campanhas do direito, a que o meu nome se associou sob os dois regimens.

Eu imagino como, do alto daquela cadeira, no silencio da sua magistratura, o nobre Vice-Presidente da Republica não estaria animando com o calor proximo da sua sympathia as minhas palavras contra o proselytismo de conspiração, o homicidio, a politica das surpresas violentas e das revoluções de mashorca, como não me estaria agradecendo este serviço posthumo á nossa amizade antiga de reivindicar contra a calumnia das conjecturas a verdade dos seus sentimentos, a fidelidade as nossas origens communs, no berço commum do nosso espirito, á honra impolluta de nossa terra.

Disse eu, Sr. Presidente, que ao Sr. Vice-Presidente da Republica tocava mais que a ninguem, além da obrigação, o interesse dessa soli-

dariedade com os órgãos da lei, que S. Ex. tão peremptoriamente acaba de assegurar na sua carta, contra as façanhas da cubiça facciosa. Permitta-me o Senado explicar-me com a franqueza de uma alma leal, com a sinceridade de um homem acostumado a pôr a verdade acima de todas as cousas. Eu me explicarei, bem que o sentido nessas palavras seja transparente.

Se o attentado, que levou ao tumulto o ministro da guerra, se houvesse consummado no Presidente da Republica, o herdeiro presumptivo do Governo occuparia actualmente o supremo logar do Estado.

UM SR. SENADOR. — S. Ex. declarou que não o acceptaria.

O SR. RUY BARBOSA. — Perdoe-me o nobre senador, não podia recusar-o.

UM SR. SENADOR. — S. Ex. disse que não acceptaria o poder por uma revolta.

O SR. RUY BARBOSA. — Permitta-me o nobre Senador insistir: S. Ex. faltaria ao seu dever, se se furtasse ás difficuldades do Governo, precisamente na occasião em que um crime commettido contra a vida do Chefe da Nação estaria reclamando a interferencia da lei, para reagir contra a audacia do attentado, e atalhar o escandalo do exemplo.

Era então mais do que nunca que o Vice-Presidente da Republica não podia despir essa responsabilidade, cruel, mas inevitavel.

Se a revolta o excluísse do poder, se as iras que se querem fartar no sangue do Presidente, envolvessem no mesmo odio o seu successor, e entregasse o governo a uma destas cegas dictaduras, que um enxurro traz e outro leva, então obvio é que o Vice-Presidente nada tinha que fazer. Mas, se o movimento que se levantou contra o Chefe do Estado respeita o seu successor, o preconisa, o saúda. o victoria, da auctoridade, que lhe tivesse ficado nas mãos, S. Ex. era obrigado a servir-se para o esmagar, para ser o repressor implacavel do crime e o martéllo dos que o exploram. Teria então S. Ex. que encarar a necessidade inevitavel de ser o açoite dos seus aclamadores, levando o ferro ás raizes do mal, indo buscar-lhe as origens, e respondendo á sympathia dos seus agentes com a dureza inexoravel da justiça. Porque os compromissos do Vice-Presidente da Republica para com o paiz devem prevalecer a todos os demais, e o primeiro dos seus deveres como successor na presidencia seria vingar a vida do Presidente assassinado contra a malfeitoria politica, que, sobrepondo-se á Constituição, suppuzesse encontrar no herdeiro beneficiado um cumplice condescendente.

Eis a situação estranha e terrivel em que essa hypothese, nas circumstancias actuaes, torturaria o Vice-Presidente da Republica; e ahí está de onde vem o consideral-o eu o mais interessado,

entre todos os cidadãos deste paiz, abaixo do presidente, na guerra á politica malfazeja, cujas tendencias caminham para esse resultado.

Tremendo como é e rebentando como um raio, ousou dizer, todavia, que o attentado de hontem não me surpreendeu. Não me surpreendeu, porque eu o predissera solemnemente, e ha muito que um receio instinctivo, um murmurio surdo, uma previsão mal distincta, mas persistente, o annunciava nos animos inquietos.

Quiz Deus que, obedecendo á vocação da minha consciencia, me tocasse a missão de romper a sanha do terror, sob que se furtavam a luz da imprensa e da tribuna os crimes jacobinos de março. Desse encargo perigoso que me impuzera a mim mesmo, desempenhei-me em duas conferencias populares pronunciadas na Bahia com o intuito de reagir contra a propagação daquella semente, creando o Partido Republicano conservador. No ultimo daquelles discursos, que tiveram a maior repercussão no jornalismo brasileiro, dizia eu, falando aos meus conterraneos :

« Cada attentado, que se tolera á desordem, é um novo alimento que se lhe ministra. A fera não se desaffaz de devorar, devorando. Nas presas menores se lhe aguça o appetite das maiores. Não reagindo em defesa dos particulares, o poder abandona a da sociedade. Não atalhando os delictos individuaes, semeia as sedições. Começa-se

atacando a palavra no jornalista, para violar mais tarde no representante do povo. Mata-se, para aterrar. Aterra-se, para calar a censura. Elimina-se a censura, para aluir a barreira aos excessos e entrando-se no torvelinho dos excessos o unico paradeiro é o cháos. *Destroe-se agora o jornal para amanhã depor o governo. Principia-se abolindo a liberdade, para acabar supprimindo a autoridade.* Quando Tallien, acobertando os crimes de Rossignol, exclamava: « Que me importa algumas demasias particulares e a pilhagem de algumas casas aristocraticas ! » a França estava submersa na anarchia, e os homens de Estado acenavam ao diluvio, que havia de engolil-os. O governo que não puder impedir um crime, salvar um direito violentado, uma vida em perigo, caia, luctando por essa vida, abraçando-se com esse direito, seja embora o direito de um miseravel, ou a unidade de uma vida obscura. Desse sacrificio momentaneo do poder, mantendo a honra do seu posto, a autoridade renascerá mais forte. Ninguem deu á sentinella o arbitrio de escapar á custa da praça. A praça não é o chefe da nação, nem os seus ministros: é a inviolabilidade da lei. Si deixardes immolar uma pessoa, contando salvar muitas, tereis trahido o interesse e alienado a confiança de todos ».

Com a alma cheia de presagios e a razão cheia de certezas, tracei, nessa oração popular, o

diagnostico e o prognostico da enfermidade, cujo primeiro assalto nos cobrira de vergonha, mostrei que os crimes commettidos, a destruição da imprensa, a pillagem da propriedade, o incendio, o assassinio politico, eram os resultados naturaes de um elemento novo, ainda ha pouco desconhecido no Brasil, mas, na sua curta existencia, já capaz de arcar, pelo seu arrojo, com o proprio governo: a demagogia jacobina.

De um salto essa potestade sobrepujou a Constituição e pisou-a aos pés. O acto federal prometteu-nos a liberdade de expressão do pensamento, a liberdade da imprensa, a liberdade da palavra, liberdades inseparaveis desde a Grecia, que não nos deixou senão um nome, *loges*, para significar pensamento, raciocinio, palavra ».

Ella reduziu essa liberdade á mais derisoria mentira. O pacto da União nacional consagrou a propriedade; e ella dessagrou-a, entregando-o ao furor dos incendiarios. O direito constitucional brasileiro aboliu a pena de morte, e a democracia do revólver avocou-a para o seu uso. Neste paiz a justiça não mata; mas mata a politica, matam em nome da patria e da Republica, os chefes de troça.

« Todos se receiam de trazer a publico estas verdades, de responsabilisar pelo seu nome esse mal omnipotente nas trevas. Mas cumpria que alguem o desmascarasse, para o confundir, e

chamar a postos a nação, antes que a calamidade se prolongue. Hoje as mancomunações violentas decretam a morte dos chefes moderados. Se amanhã os inimigos dos ameaçados se constituíssem, por seu lado, em outra carbonaria semelhante, para responder com a mesma ameaça aos cabeceilhas da politica homicida, não regressariamos ao dominio da justiça individual, á barbaria reconhecida, ao estado selvagem ?

« Vingando o precedente, porque não teriamos daqui ha pouco analogas sentenças, executadas pela manada arruaceira, contra juizes e *chefes de Estado*, se a cobardia desses assaltos já não respeita Deputados e Senadores? E por que não acabariamos vendo o mesmo instrumento republicano agitar se patrioticamente no seio da força armada, em conspirações uns militares contra outros, da officialidade contra os generaes, dos subalternos contra os superiores, da bayoneta contra a espada? Desaçamando, na sociedade, o principio selvagino da justiça pela força, da democracia pelo punhal, do Governo pelo homicidio, metteriam a nação em uma jaula de feras. Com a superioridade da força, essencia dessa aspiração, o soldado, depois de experimentar contra os seus chefes a vantagem do numero sobre a autoridade, reivindicará logicamente o exercicio, contra o paisano, desse direito que os civis pretendem menear uns contra os outros; e teremos a lucha da

anarchia militar contra o povo, succedendo á lucta da fileira contra a subordinação militar. A soberania da força não pôde ter limites sinão na força».

Nessas palavras, senhores, está, como vêdes, a prophesia do que acaba de succeder e a do que succederá, se o Governo fraquear. A do assassinio do Presidente pôde se considerar realisada, uma vez que a tentativa só não teve effeito por circumstancias independentes da vontade do assassino. A outra virá se ante esse attentado a fraqueza do Governo for igual á com que deixou passar sem sancção penal o attentado de Março.

Toda gente viu que as proezas daquelles dias abominaveis não eram productos da rua.

Todos as receberam como a affirmação de uma tendencia politica. Todos comprehenderam que o seu triumpho assegurava o predominio a um lado, a um grupo de homens, em torno dos quaes se abria o circulo do terror. Todos assistiram á violencia, com que a opinião favorecida pelas correrias sanguinarias de Março ostentava a consciencia do seu poder. O exterminio irradiou daqui para outras localidades em tentativas mallogradas, mas indubitaveis. Entre os que ameaçavam e os ameaçados só existia a fronteira dos sentimentos politicos. Uns transitavam desassombrados; os outros tinham a morte no encalço.

O crime era, portanto, essencialmente politico, e, se ficasse impune, teria de acabar dominando

soberanamente a vida politica da Nação pelo seu arbitrio sobre a vida dos individuos, teria de crescer, teria de lavar, teria de subir, teria de transpor os mais altos obstaculos da lei, até ferir o Estado na sua cabeça, trocal-a pelas cabeças dos seus bonecos, e reinar pelo sangue sobre o paiz entregue á anarchia.

Qual foi a repressão desses crimes? Nenhuma. Que medidas se adoptaram contra elles? São passados oito mezes. Nenhuma. A indulgencia de um relatorio policial absolveu os culpados, e as comminações penaes da lei cahiram em exercicios findos. A semente ensanguentada ficou, pois, no solo adubado pelas apologias do terror, do jacobinismo, da indignação popular, do patriotismo violento, e germinou, e floresceu, e acaba de fructificar. O crime de 5 de Novembro não é mais que uma vergontea do crime de 8 de Março. Poupai agora a planta e vereis os fructos do crime de 5 de Novembro.

Eu poderia subscrever as palavras que acaba de pronunciar o nobre Senador pelo Pará. Não ha senão que honrar nos sentimentos do homem por ellas traduzidos. Mas nessas palavras S. Ex. esquece os processos, a linguagem e o alcance das opiniões que constituem o symbolo da sua escola.

A opinião, Sr. Presidente, que pugna pelo respeito da lei, pela inviolabilidade do direito constitucional, pela manutenção do principio da

autoridade, aquella a que realmente pertencem as divisas assoalhadas hoje pelo nobre Senador no discurso, que acabamos de ouvir, não pôde praticar o systema de fomentar contra a autoridade o desprezo publico, de levantar contra o Chefe da Nação, em uma Republica mal consolidada, hostilidades desabusadas, a que o maior dos prestigios, no seio de um povo sem educação politica, não poderia resistir...

VOZES: — Apoiado.

O SR. RUY BARBOSA — ... o systema de submeter constantemente as suas qualidades mais intimas, as suas intenções mais puras, os seus actos mais razoaveis, as suas medidas mais innocentes ao trabalho do sophisma, da declamação e do ridiculo, na bigorna a que cada qual tem licença de trazer o seu odio, a sua zombaria, ou a sua affronta. E sobretudo, senhores, essa opinião não pôde estar no espirito daquelles que têm palavras de admiração para as tradições jacobinas, que acreditam na efficacia do terror, para salvar as republicas em perigo, e põem em duvida que a anarchia, o dominio tumultuario das multidões seja o peor dos males, o mais vil dos captiveiros e o mais medonho dos destinos em que se possa sepultar a honra de um povo.

As idéas politicas germinam e fructificam em utilidades como as sementes no solo, ou produzem nas sociedades phenomenos fataes, como os ve-

nenos nos organismos vivos. Theorias ha, cujo fructo pratico é a desordem e o exterminio. Entregues pelos oradores ou pelos jornalistas ao vento das paixões, nas épocas agitadas, não tardam em produzir na realidade a sua obra de morte. E os principaes responsaveis por esses effeitos são os semeadores incautos, os corações exaltados, a cuja influencia se deve a propagação dos elementos desorganizadores, cujas consequencias naturaes o homem de Estado não podia deixar de prever.

Não ha muito que resoavam aqui, na imprensa e na tribuna, exculpações declamatorias, santificações patrioticas do crime, a todos os respeito detestavel, que em nossa vizinhança arrancou a vida ao chefe de um Estado amigo. Jornaes da maior circulação e da maior autoridade na escola, que hoje entre nós reivindicam as honras de conservadora (porque, entre nós, agora, todos os partidos são conservadores, todos se pretendem recommendar por esse nome ao paiz cançado de agitações), jornaes da mais larga clientela e da mais profunda influencia nessa escola, tiveram explicações benevolas, urdiram apologias desse attentado, apresentando-o como providencial e bemfazejo á crise politica no seio da nação por elle golpeada.

Eu vos poderia ler trechos caracteristicos desses editoriaes que aqui tenho.

Ora, senhores, taes doutrinas, apologias taes do assassinio, justificado pelos seus fins, ou pelos seus resultados, não se pregam impunemente.

Ellas exercem terriveis suggestões na multidão vibratil, revolvem até ao fundo as fezes dos partidos, inspiram ao zelo dos fanaticos resoluções sinistras.

Os declamadores vulgares, os ambiciosos superficialiaes reveem-se nos applausos com que a ignorancia do vulgo usa recompensar as demasias da palavra, cuidando talvez inoffensivos os sentimentos que communicam aos que os ouvem, ou os lêem. Mas essa propaganda tem a sua germinação inevitavel, e pelos seus factos os responsaveis são os estadistas imprevidentes, os publicistas irreflectidos, que, sustentando idéas perversivas, e advogando causas detestaveis, não calculam com a efficacia suggestiva dos máos exemplos, com a prolifcação moral das lições de violencia e reacção.

O paiz, Sr. Presidente, não se engana quanto á natureza politica do crime, que agora o consterna. Instantes antes da sua perpetração, no convez do navio onde chegava a esta Capital os batalhões vencedores de Canudos, uma palavra inflammada agitava no animo da tropa o facho do odio ao Governo, ensinava-lhe o desprezo ao chefe do Estado, que em pessoa a foi receber, expunha em uma terrivel lição de cousas a fra-

queza das nossas instituições constitucionaes ás rajadas do sopro militar. E o autor desse discurso de *meeting*, dessa agitação incendiaria exercida publicamente no animo da força armada era um official do exercito, obrigado ainda pela sua condição de legislador a defender a lei e a autoridade, para com ambas as quaes, entretanto, faltava assim, nesse espectáculo inaudito, ao primeiro dos deveres da profissão militar (*Muito bem*).

O SR. JUSTO CHERMONT. — Isto é irrespondível.

O SR. RUY BARBOSA. — V. Ex. comprehende a minha intenção, Sr. Presidente.

Nada tenho com o individuo, a quem não offendo, nem pretendo offender.

Tomo e discuto o facto pela sua notoriedade, pela sua importancia, pela sua expressão; porque um facto é um symptoma, é um prodromo, é um commemorativo do accesso que culminou no crime de hontem.

O paiz, onde ás escancaras, quasi debaixo dos olhos do Chefe do Estado, um official do exercito, convertido em orador de club, tem a liberdade de endereçar á tropa, convertida em comicio popular, um discurso de opposição radical, é um paiz entregue á anarchia, e o governo que não tem meios de reprimir esse escandalo é um governo indefeso.

Momentos depois, quando circulava rapida-

mente no arsenal, invadido pela multidão, o rumor do crime, e a primeira idéa era de que acabava de cair victima do punhal o Presidente da Republica, o nome do vice-presidente era coberto de aclamações victoriosas.

Acreditaes que fosse o povo quem constituisse essa *claque* á victoria do punhal?

Estamos, portanto, em presença de uma crise profundamente politica, a meu ver a mais grave em que já se encontrou o regimen republicano. Obrigado a defendel-o pelo mandato que me liga a esta cadeira, não posso emmudecer. Della falarei, pois, ao Governo a linguagem que a minha posição de estranho á sua confiança particular não me habilitava a lhe dirigir no circulo de outras relações.

Hontem, pela primeira vez em todo o seu governo tive a honra de procurar o chefe do Estado. Havia seis annos que eu não transpunha o limiar do palacio presidencial, onde entrara pela ultima vez em Novembro ou Dezembro de 1891, para protestar ante o marechal Peixoto, contra a deposição geral dos governadores, segundo acto da tragedia republicana, que começara no golpe de estado de 3 de Novembro, e culminou na scena monstruosa de hontem. Eu ia cumprir o dever de interpretar com o concurso da minha presença o horror publico do attentado, que acabava de cair como um raio sobre esta

cidade alvorotada. Eu o teria feito, ainda quando uma inimizade pessoal se interpuzesse entre nós ; porque a nossa missão publica nos impunha a obrigação de rodear o chefe do Estado no momento de angustia nacional, em que com a sua segurança perigava a segurança geral do paiz.

Aquelle era hontem o logar de todos nós, amigos, ou indifferentes, apoiadores, ou adversarios do governo ; porque assim como não ha, em todo o paiz, fóra dos antros onde a covardia incuba os seus crimes, senão um sentimento só de execração a essa façanha barbara, assim, no functionalismo, na imprensa, no parlamento, não podia haver, deante de tal facto, partidos, não se podia admittir discrimine entre opposicionistas e governistas. A' semelhança do que, não ha muito, se deu no Estado Oriental, opposicionistas e governistas, misturados em um desses nobres movimentos, em que a espontaneidade da dor eleva os homens acima de suas proprias paixões, deviam ter affluído em volta do chefe da nação, levando-lhe o testemunho pessoal da sua solidariedade ; porque, nessas crises supremas, a palavra não suppre a presença.

Alli é que era o nosso posto, a que não podia faltar um só dos cidadãos, a quem toque uma parcella importante da autoridade publica, especialmente dos que, exercendo funcções electivas, estão ligadas ao povo por compromissos mais directos.

As altas dignidades da Republica haviam de estar todas, sem excepção, alli reunidas ; e, se não fosse entre nós a timidez, o egoismo e a imprevidencia das chamadas classes conservadoras, para alli deviam estar ellas desde hontem convergindo em romaria caudalosa.

Mas o momento apenas me permittia balbuciar a sympathia e a indignação que, em taes extremos de tristeza e miseria moral, acabrunha e emmudece. Era de acção o momento, não de palavras. A emergencia não admittia demora : sua gravidade exigia actos, mas actos promptos, rapidos, successivos como golpes do malho no metal abrazado. Eu, porém, que na Republica não disponho de outro instrumento de acção mais que a palavra, quero que este discurso seja um acto, uma lição de energia e de vontade : para o que bastará exprimir na sua verdade ao Governo o meu sentimento, o sentimento de um patriota, a quem a experiencia politica ensinou a limitar as suas aspirações á estabilidade material no presente, garantia da regeneração moral no futuro (*muito bem*) mas que por aquella condição de existencia como individuo, como pai de familia, como cidadão está disposto a lutar com o vigor da creatura que defende a propria vida.

Fique certo o nobre presidente da Republica de que dentro na lei o Governo de nada se póde temer, não, de nada ! não, de ninguem ! neste paiz

estejam onde estiverem, revistam o traço que revistirem, disponham da força apparente, de que dispuzerem, os interesses, as paixões, as pretensões, que houver de contrariar. Não avaliam o poder invencível da lei, manejada por um braço forte, os que a não conhecem, os que não lhe têm o habito, os que lhes não sabem os segredos, os que lhe não tomam a rigidez, os que lhe não possuem o sentido, onde cabe sempre immensa liberdade de acção para a autoridade, se esta se mover no direito com o desembaraço e a confiança de quem o embebeu e o ama. Porque, senhores, dentro nos limites da lei, ha para a administração, vasto campo de arbitrio, energicos recursos, soluções incalculaveis para as maiores difficuldades.

E' preciso, pois, que o Governo encontre na lei a força necessaria, para restituir a nação á ordem, para nos assegurar a regularidade das funcções constitucionaes, para demonstrar ao mundo que o Brazil não é esse pedaço de terra barbara e desprezível, esse trecho do passado selvagem, esta especie de continente semi-africano, a que nos reduzem perante o estrangeiro e perante nós mesmos, essas brutalidades, esses crimes, esses rasgos de carniceria, antipathicos á nossa civilisação mas a que a nossa civilisação não poderá resistir.

Fóra da lei, os governos mais bem apoiados

nos homens são sempre fracos. Dentro da lei a força de qualquer governo serio é incommensuravel. Sobre um povo como o nosso a legalidade é omnipotente para a resistencia á desordem, para a reivindicação do direito, para a consolidação da autoridade ; e as cobiças, que se macommunam nas traições, as ambições, que fermentam nas consciencias tenebrosas, as juras que armam o braço dos assassinos, hão de fazer-se em nada como os pesadelos nocturnos. Confie o governo na nação, que o sustenta, e na lei, que o cobre. E sobre essa protecção, e com essa confiança, preveja, vigie e puna !

Em torno do nobre Presidente da Republica, a prudencia de seus actos, a brandura dos seus habitos, e a indecisão de sua attitude crearam uma apparencia de fraqueza, que tem sido animação a certas audacias, a certas bravuras, promptas sempre a campearem, onde suppõem não encontrar a barreira de um peito forte.

D'ahi o escandalo, presenciado agora entre nós, de ser justamente no seio do pessoal administrativo, sob o qual se exerceu sempre em toda a parte a força das administrações, que a opposição reúne os seus mais perigosos instrumentos contra o Governo actual. E tões proporções adquiriu o desmando, o arrojio, a anarchia, a esse respeito, que não se faz mysterio de tamanha inversão moral, de tão estupendo e generalizado

abuso. Ha garbo entre um grande numero dos que vencem o dinheiro do Thesouro, dos que representam a força do Estado, dos que constituem os elementos mais serios do Governo em ostentar o desrespeito ao Chefe da Nação. Oh! não ha, não póde haver maior perigo, para uma sociedade, do que a indifferença de seu Governo a esses signaes de anarchia desenvolvida com alarde no proprio seio da autoridade. Um poder indulgente com esse genero de desordem é um poder que se entrega.

O honrado Presidente da Republica teve a mais solida e a mais singular das defesas na exaggeração habitual dos seus adversarios. A ella deve S. Ex. o não se ter podido formar até hoje, uma opposição moderada e temperante, uma opposição capaz de calar no animo do paiz. E' ella que, pelos seus excessos, inhibe os espiritos verdadeiramente conservadores de exercer sobre a politica do Governo, sobre as suas tendencias e as suas medidas a acção de uma critica sobria, discreta e previdente ; que não seria um mal para o poder, e seria um beneficio para a nação. Ante o receio de facilitar o caminho á jacobinagem e ao terror, o patriotismo leva uns ao silencio, outros á adhesão.

Mas, se por um lado os excessos do radicalismo, o systema de demasias por elle praticado o isola, o esterilisa, se esse character antipathico

o reduz a uma propagação morosissima, difficilima, por outro lado os adeptos desta escola têm a fé na violencia, têm a força da união, tem a convicção da pusilanimidade dos seus adversarios, do Governo cuja ruina premeditam. E essas qualidades, que arrastando-os quasi sempre a exorbitar da lei, armariam com a lei, para a victoria contra elles, um Governo forte, dão-lhes, pelo contrario, vantagem formidavel, se o Governo continuar a não saber aproveitar contra elles a lei, a força do poder e o apoio da Nação.

A presença pessoal de um ministro esforçado bastou, para afugentar das ruas, como por encanto, em Março, a depredação, o incendio e a morte. Atalhou-se o curso do crime, porque a autoridade publica teve um lampejo de energia e soube cumprir momentaneamente o seu dever. Quando não, podemos imaginar qual seria a sorte desta Capital, entregue ao movimento cujos entusiastas, da janella dos jornaes jacobinos, pré-gavam o sangue e eram applaudidos por um auditorio que pedia cabeças.

Mas os crimes consummados antes da intervenção do ministro ficaram notoriamente absolvidos pela tibiesa das autoridades, a quem competia a sua repressão. Entretanto, esses crimes não eram de character individual, não tinham origem em interesses particulares. Elles representavam a força militante da opinião, que pela imprensa os

glorificou como justo exercicio da vindicta popular, como legitima expressão dos sentimentos republicanos. Falhou, pois, o primeiro bote, graças ao despertar opportuno do Governo. O segundo frustrou-se mercê da Providencia, que desviou o golpe de uma victima para outra. Sentido que não venha o terceiro! Porque virá, se o Governo continua a fraquear; e, se vier, não é só o Governo que perecerá, é a ordem constitucional.

Mas o Governo pôde indubitavelmente impedir que elle venha. E esta é a nossa grande questão, é a nossa primeira necessidade; essa é neste momento, a suprema aspiração de um povo em cuja alma ainda não penetrou a barbaria, que a repelle, que a abomina, mas que precisa de ver que o seu governo o defenda, para não perder a esperança na sua defesa. Os governos que não se sabem defender, nunca encontrarão defensores.

Antes disso, tudo o mais é inutil. O crime de hontem produziu quasi uma syncope na vida nacional. E com razão, porque o golpe feriu o coração do paiz. Emquanto não cessarem, pela acção inexoravel da autoridade, os terriveis presagios, que inquietam a Nação, nós mesmos não temos aqui nada que fazer; o nosso trabalho legislativo é futil, escusa occuparmo-nos de credito e finanças: a ameaça e o terror da anarchia expõem á impotencia e á irrisão a obra pacifica do legislador.

Mas, se o appello dos que pensam no futuro e creem nas leis eternas que governam o mundo moral, cahir no espirito dos que dirigem o mundo politico como semente na areia; se os reponsaveis pela soluçãõ do problema contemporaneo do Brazil continuarem a se paralyzar nessa timidez quasi criminosa, deixando perder os poderosos elementos de reacção vital, que se lhes offerecem nas boas qualidades nativas da nossa raça, ainda não estragadas de todo pelas propagandas perversas, pelos exemplos atrozes e pelas irresponsabilidades funestas, então áquelles, como eu, que a experiencia politica reconciliou intimamente com as crenças religiosas, só resta esse recurso, sobre todos solemne, bemfazejo sobre todos, que os povos mais livres e maiores do mundo não esquecem nas horas mais gratas, como nas horas mais tristes da vida, e que nós, por influencias de um scepticismo, em que a nação não participa; excluimos dos nossos usos; só resta voltar os olhos para o céu e buscar o remedio no seio do Todo Poderoso; implorar com fervor o Deus que protege as viuvas e os orphãos, os innocentes e as crianças.

Senhor! Quando se immola a vida de um martyr sobre a victoria de uma causa justa, o coração dos que sobrevivem sentem dentro em si a doçura do vosso contacto, a bençãõ da vossa mão, que consola, tranquilisa e fortalece.

Lincoln, sacrificado sobre o tumulto do captivo, tingido de sangue o alvorecer da regeneração americana. A nação nunca se sentiu mais forte que depois desse holocausto, em que o mal exterminado estampava no horror universal a sua lembrança sob a mais odiosa das imagens. Mas o martyr, estupidamente victimado agora, entre nós, pela cobardia do assassinio politico, martyr da generosidade e do dever, da lealdade e da honra, cahiu no meio da calamidade e da noite, dessa profunda noite moral que pesa sobre a nossa Patria. E, através dessa escuridão sem estrelas, desse longo eclipse das nossas esperanças, por entre o qual parecemos fazer, caminho do desconhecido, a romaria da desgraça, que se ouviu o pranto de onze orphãos, a sagrada agonia de uma viuva e o luto de nossas casas, viúvas e orphãos do civismo, guarda protector do direito das nações livres.

Senhor, estendei sobre a nossa amarga miseria um raio da vossa misericordia; agitai em nossas almas o sopro da vossa força. Não nos confundais com as paixões adventicias, que nos barbarizam, com os fanatismos de importação que nos embrutecem. Sondai até ao fundo, onde só os vossos olhos penetram, a indole deste povo, e nelle encontrareis os principios bennictos da abnegação e da fé, da piedadade e da justiça.

A cumplicidade apparente de sua inercia

diante dos attentados que o enxovalham, é o residuo nefasto do crime nacional da escravidão, em que os filhos expiam a imprevidencia dos pais, e que baniu do nosso progresso a corrente divina da vossa presença.

Cessou, Senhor, a hora da politica humana, e principiou a da vossa: escutai-nos Senhor!

E' a voz deste paiz, que forceja para chegar aos vossos ouvidos nesta prece levantada á humanidade, desta tribuna, no parlamento de uma nação crente, ao amigo dos mansos e dos justos, ao pai commum de todos os homens, por um d'aquelles que mais profunda tem a consciencia das suas culpas e o sentimento do seu nada. Senhor, os nossos irmãos da America do Norte puzeram as suas instituições sob a vossa protecção e nos momentos mais graves da sua existencia nacional, quando vão dar as suas batalhas, celebrar as suas victorias, fazer as suas leis, escolher os seus candidatos, inaugurar as suas constituições á frente dos exercitos, no recinto dos tribunaes e dos congressos, se eleva a voz dos sacerdotes de Christo, e os seus homens publicos, os seus chefes de Estado, os seus generaes invocam humildemente a vossa graça.

Vendo florescer na America do Norte a liberdade religiosa, o que nós quizemos, Senhor, separando a igreja do Estado, foi approximar de vós a sociedade e a igreja, substituir a religião

política pela religião viva. Vós que desceis até o intimo dos pensamentos mais occultos, bem sabeis que outro não foi o d'aquelles que, como eu, fizeram essa reforma, o do heróe crente, que m'a incumbiu; e o calor que ella derramou na adoração do vosso nome, a concurrencia que trouxe aos vossos templos, veiu mostrar que não nos enganavamos. Mas uma philosophia árida e morta, de oppressão e crueldade, usurpando a vossa conquista, organisou o poder da seita e empreendeu substituir no animo do estadista, do povo e do soldado o culto da cruz, que abonança as paixões, humanisa os exercitos, pelo culto da intolerancia, da dictadura e da força.

De modo que, justamente quando sobre a ruina de nossas illusões liberaes se estabelecia o aspero despotismo da espada, a tropa emancipando-se do freio humano na disciplina militar, perdia, com o esquecimento de Deus, o freio divino que preserva da selvageria os homens endurecidos no habito das armas, as multidões organisadas para a morte.

Bem vêdes, Senhor, que contra essa omnipotencia, esquecida de vós; somos obrigados a appellar para a vossa; e se a esse desaforo da minha amargura, que é a de uma nação inteira, sob á forma de uma supplica ao Creador, me entrego á zombaria da incredulidade, cujas assolações o Brasil experimenta, eu encaro com

indifferença a expiação do ridículo, arrosto com desprezo a contingencia de passar como ridículo...

O Sr. COELHO E CAMPOS — Não ha de passar nunca.

O Sr. RUY BARBOZA. —...a troco de ser n'este momento, mais do que nunca, o verdadeiro representante do meu paiz, de honrar as grandes tradições da liberdade americana, filha da lei christã e da moral christã, semeando nas praxes da Republica Brasileira o exemplo americano de procurar em vós a suprema inspiração dos legisladores.

Restitui-lhes. Senhor, o senso das necessidades nacionaes; dai ao Governo Brasileiro a coragem heroica da lei, incuti ao povo brasileiro o sentimento indomito do direito, livrai o soldado brasileiro da vertigem do sangue, ensinai-o a amar a obediencia e a paz, a humanidade e a paciencia, a pobreza e o sacrificio, que são as verdadeiras fontes da bravura, o grande manancial das virtudes da guerra, a sementeira das victorias sem mancha. Fazei-nos viris e capazes da liberdade, Senhor; libertai-nos da ambição politica, em cujas garras esta Nação cahiu como presa indefensa; permitti que a Republica Brasileira não tenha *por columnas o jacobinismo e o terrorismo*, mas o sentimento liberal e religioso (*Muito bem! Muito bem!*)

Discurso pronunciado na sessão de 10 de Novembro de 1897

O SR. QUINTINO BOCAIUVÁ. — Sr. presidente. V. Ex. e o Senado me perdoarão se depois da palavra luminosa e eloquente do nosso illustre collega, representante do Estado da Bahia, ousou solicitar a attenção dos meus honrados collegas.

Não tenho comparecido a estas ultimas sessões por enfermo. Creio até que não fui prudente, quanto devia, aventurando-me a sahir hoje, e muito menos prudente tomando a palavra para occupar a attenção do Senado.

A minha posição é de tal ordem que, quando não prevalecessem ante a benevolencia dos meus collegas as condições physicas do meu estado, deveriam merecel-a os embaraços, os constrangimentos do meu espirito.

Diante dos factos que se desenrolam no scenario da politica brazileira desde o dia 5 deste mez, os unicos sentimentos que têm avassallado a minha alma, confesso-o, são os de uma grande amargura, os de uma acabrunhadora tristeza.

Nem espaço ficou em minha alma para a indignação, que em todos os corações nobres e em todas as consciencias sãs, devia ter provocado o abominavel facto do dia 5.

Além disso uma circumstancia pessoal tornou obrigatoria a minha franca attitude em face das difficuldades politicas, aggravadas pela intransi-

gencia, pela irritabilidade das paixões, que eu vejo, infelizmente, accesas e inflammadas em um momento critico para a Republica, quando todos nós deviamos concorrer para applicar os animos e apagar o incendio devastador das paixões, que tumultuam no seio dos espiritos menos cultos do que os nossos e portanto menos responsaveis do que nós (*Muito bem*).

Não tenho autoridade para falar em nome do partido republicano federal (*Não apoiados*).

Essa missão pertence a outros mais competentes, que della já se desempenharam e do modo por que entenderam melhormente salvar a sua responsabilidade politica, e melhormente expressar os seus intuitos patrioticos.

Falo em meu nome simplesmente, falo como o mais velho soldado da Republica, fallo como um homem a quem cabe, embora em parte minima, a responsabilidade da fundação da Republica e um quinhão da gloria que pertence a todos quantos cooperaram para a transformação das instituições politicas da nossa Patria.

Senhores, pela primeira vez o Senado pôde avaliar o constrangimento com que fui obrigado a divergir dos meus amigos politicos, na sessão de sabbado passado, quando foi apresentada pelo honrado senador pelo Estado da Bahia a moção concernente aos successos do dia 5 do corrente.

Tendo permanecido na minha cadeira de

senador, era intenção minha votar pela moção do honrado senador, tal qual como ella foi redigida e apresentada ao Senado.

Surgiu, porém, como o Senado sabe, o dis-sentimento politico provocado, mais pelas palavras proferidas pelo honrado senador, ao apresentar a sua moção, do que propriamente pelo contexto desta.

Felizmente, com relação a esse incidente, posso falar com desassombro.

O responsavel, o autor da crise politica que está estabelecida desde sabbado, foi, como o Senado sabe, o meu illustre amigo representante do Estado do Rio Grande do Sul.

Se eu tivesse de applaudir sem reservas o acto do meu honrado collega, pedir-lhe-hia neste momento que esquecesse que sou seu amigo.

Mas, como vou pedir-lhe licença para discordar de sua opinião, para censural-o até, peço-lhe, ao contrario, que se recorde que é um velho amigo e companheiro de lutas quem lhe dirige a censura.

Senhores, seria incomprehensivel, e peço licença para dizel-o, seria deshonoroso para nossa Patria que por um pretexto qualquer o Senado Federal deixasse de se manifestar, deixasse de se pronunciar a respeito deste gravissimo incidente, que tem commovido a todo o paiz e a todo o mundo civilisado.

Nestas circumstancias, se sómente o Senado Federal, fossem quaes fossem os motivos, deixasse de manifestar-se, o que ficaríamos nós representando depois disso? De que modo seríamos legitimamente considerados, perante a opinião dos nossos concidadãos?

Que papel representariamos perante o mundo civilizado?

O SR. JOAQUIM PERNAMBUCO. — Fizemos uma declaração.

O SR. Q. BOCAIYUVA. — Perdõe-me o meu illustre collega; lá chegarei.

Senhores, o Senado deve pronunciar-se, deve exprimir o seu e o sentimento da Nação Brasileira, e não póde absolutamente furtar-se ao cumprimento deste supremo dever (*Apoiados*).

Mas, de que fórma?

De um lado (é o que se allega, não eu), ha a intransigencia attribuida ao honrado autor da moção e aos amigos que o acompanham, em não querer retirar uma palavra, *uma só palavra*, diz o meu collega representante do Estado de Pernambuco, da sua moção; por outro lado, observam os meus illustres collegas da maioria, ha intransigencia da opposição, intransigencia dos representantes do partido republicano federal, que levam o seu capricho, a sua resolução voluntariosa ao ponto de se retirarem do recinto, para não haver numero necessario á votação da ma-

teria, isto é, para impedir que o Senado delibere.

Não sei se entre estes dois extremos haverá espaço para ser occupado por quem, como eu, deseja achar um termo de conciliação que approxime as duas opiniões, distanciadas sómente na sua attitude reciproca, porque quanto ao sentimento, tenho certeza de que não ha necessidade de aproximação — elle é commum á maioria e á minoria (*Apoiados geraes*).

O SR. SEVERINO VIEIRA.—Ha uma solução logica — é a regimental.

O SR. DOMINGOS VICENTE.—Qual é ?

O SR. SEVERINO VIEIRA.—E' votar-se a indicação e depois a emenda.

O SR. Q. BOCAYUVA.—Se o honrado amigo, a quem me refiro, tivesse tido occasião de confabular commigo antes de apresentar a sua emenda, ter-lhe-hia dito em particular o que agora vou dizer perante o Senado.

Se pelo justo resentimento despertado pelas palavras do digno senador pela Bahia, o qual na sua oração não foi effectivamente tão cauteloso quanto costuma ser, quando emette sua illustrada opinião na tribuna do Senado, o que peço licença para lhe dizer...

O SR. SEVERINO VIEIRA.—E' direito de V. Ex. fazer apreciações.

O SR. Q. BOCAYUVA.—... sentiu-se o meu amigo

lastimado — o caminho a seguir era outro. Nas palavras do honrado senador pela Bahia houve effectivamente alguma cousa que offendia mais do que os melindres dos membros do partido republicano federal, houve conceitos que attingiam a sua propria honorabilidade e respeitabilidade.

O SR. THOMAZ DELFINO.—Apoiado.

O SR. SEVERINO VIEIRA.—Resalvei o partido.

O SR. Q. BOCAYUVA.—Resalvou por declaração posterior...

O SR. SEVERINO VIEIRA.—Na occasião.

O SR. Q. BOCAYUVA.—Estou me referindo ás primeiras palavras de V. Ex., que foram realmente dolorosas, lancinantes.

O SR. SEVERINO VIEIRA.—Eu disse: não ousou responsabilisar o partido. Portanto, seria isto uma ousadia no meu proprio conceito.

O SR. Q. BOCAYUVA.—Mas desde que o meu honrado collega, com tanta gentileza, depois do discurso do meu eminente amigo, representante do Rio Grande do Sul, concordou em retirar aquellas palavras, que pareceram uma allusão directa ao partido republicano federal, entendi eu que devia ter desaparecido o motivo que determinou a resistencia dos meus honrados collegas da opposição (*Apoiados*).

O Senado conhece, tanto quanto eu, o illustre senador pelo Rio Grande do Sul, e sabe que entre as muitas qualidades notaveis que exornam

a sua personalidade ha uma que o distingue e recommenda ao apreço e á estima de todos os homens de coração bem formado; o meu distincto amigo é um bravo (*muito bem*), é um homem que sabe manter com independencia a inteireza do seu espirito e a rectidão de sua consciencia; se é ás vezes um affeito, é porque tem convicção de sua força, mas o Senado sabe que elle é tambem um dos espiritos mais bem equilibrados desta casa e uma das palavras mais convincentes e luminosas (*Apoiados*).

Eu suppuz que o meu honrado amigo, desde que não ficou satisfeito com o intuito reservado que elle julgou perceber nos termos da moção do nobre senador pela Bahia, devia ter proposto uma moção substitutiva.

O SR. JULIO FROTA. — Seria a mesma supprimida a palavra — *politico*.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Peço licença para suppor que o meu nobre amigo não apresentou uma moção substitutiva; declarou apenas que era intuito da sua emenda supprimir a palavra — politico — que vinha depois da palavra — attentado.

O SR. JULIO FROTA. — Elle declarou que subscreveria a moção, supprimida essa palavra.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Neste caso só tenho que felicitar-me, porque o meu amigo não apresentou semelhante moção.

O SR. SEVERINO VIEIRA. — Nem aceitou a explicação que lhe dei.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Estou me felicitando por não ter S. Ex. formulado moção alguma, supprimindo a palavra — politico, porque, senhores, eu não votaria e nem voto, e este é todo o meu embaraço, pela suppressão dessa palavra...

O SR. COELHO DE CAMPOS. — Que caracteriza o facto.

O SR. Q. BOCAYUVA. — ... porque seria isto inverter a significação juridica do acto, seria inverter a propria natureza delle (*Apoiados*).

Senhores, nos successos do dia 5 do corrente, como bem o ponderou o meu honrado collega representante do Espirito-Santo, o lamentavel assassinato do illustre ministro da guerra, que por modo tão assignalado recommendou sua memoria á admiração e á estima do mundo, foi um incidente; o facto grave, o facto principal, que deve preponderar nos nossos animos quasi que exclusivamente, é o attentado dirigido contra a vida do presidente da Republica (*Apoiados*).

O SR. DOMINGOS VICENTE. — E dentro de uma praça de guerra.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Este é o facto principal, repito, e accrescentarei: este é o facto monstruoso.

O SR. JOAQUIM PERNAMBUCO. — Não ha divergencia sobre isto.

O SR. Q. BOCAYUVA. — O assassinato de um homem, ministro ou simples particular, é sempre uma desgraça; mas se nesta occasião a desgraça deixou de ser puramente domestica, para ser uma desgraça nacional, um motivo de luto para todos os corações brasileiros, este facto é devido, não á circumstancia de que a arma homicida tivesse attingido ao honrado ministro, mas á circumstancia gloriosa lembrada pelo meu eminente collega representante do Estado da Bahia, da abnegação heroica com que o honrado ministro sacrificou a sua vida, em defesa da vida do chefe do Estado (*Apoiados*).

Senhores, que o crime é de natureza politica ninguém pôde contestar (*Apoiados*).

O SR. ALMINO AFFONSO. — Não apoiado, não concordo absolutamente, não é de natureza politica; se fosse de natureza politica, era de um partido.

O SR. PRESIDENTE. — Attenção! Peço que não interrompam o orador; a hora está quasi esgotada. Peço ao nobre orador que continue.

O SR. ALMINO AFFONSO. — Respeito muito a opinião do nobre senador, mas não sigo a doutrina de S. Ex. (*Ha outros apartes*).

O SR. Q. BOCAYUVA. — Senhores, estou apenas manifestando a minha opinião, e sinto muito não merecer neste momento o apoio do meu illustre collega, representante do Estado do Rio Grande

do Norte ; mas para mim, o crime é crime politico (*muitos apoiados*), foi perpetrado com designios politicos. (*Apoiados.*)

O SR. ALMINO AFFONSO. — Não se sabe disto ; isto é uma conjectura apenas , ainda não ha inquerito policial, a justiça ainda não falou, e quem qualifica o crime é a justiça.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Senhores, repito que estou emitindo apenas a minha opinião ; este é o meu modo de sentir sobre o caso.

Não estou affirmando nada que não esteja de accôrdo com a definição juridica do facto, e esta não é feita pela opinião de cada um de nós, mas pelo codigo...

O. SR. ALMINO AFFONSO. — Logo, lá é que se deve ver.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Na esphera das conjecturas, a liberdade é ampla ; mas na qualificação dos delictos a definição rigorosa pertence á lei.

O SR. ALMINO AFFONSO. — A palavra de V. Ex. é respeitavel e temivel...

O SR. PRESIDENTE. — Eu peço não interrompam o orador, que declarou-se incommodado ao principiar, o seu discurso.

O SR. ALMINO AFFONSO dá um aparte.

O SR. Q. BOCAYUVA. — O meu honrado collega sabe que não me incommodam as suas interrupções, e que, pelo contrario, aprecio-as, tomando-as sempre em consideração quando posso.

O SR. ALMINO AFFONSO. — E eu respeito muito o orador que se acha na tribuna.

O SR. Q. BUCAYUYA. — Como ia dizendo, senhores, para mim o crime é de natureza politica e quando não houvesse razões de ordem tambem politica para que o Senado se pronunciasse com referencia a este facto, exprimindo o seu sentimento e o sentimento nacional, haveria uma razão de ordem moral, a que não póde subtrahir-se nenhum homem culto e civilisado; é necessario que, por todos os órgãos da opinião, por todos os meios ao alcance dos poderes nacionaes, crimes hediondos desta natureza sejam verberados pela censura flammejante da historia e com a responsabilidade immediata de todos quantos têm a honra de possuir uma parcella da representação nacional (*apoiados, muito bem*); é necessario que a historia da Republica não veja as suas paginas manchadas por abominações semelhantes, é necessario incutir na consciencia de todos os nossos concidadãos que o sangue humano, ainda quando derramado pela mais justa e nobre das causas, deixa sempre uma mancha sobre o chão e uma outra sobre a consciencia (*Applausos*).

UM SR. SENADOR. — E esteriliza o sólo.

O SR. ALMINO AFFONSO. — Nem sempre: ás vezes fertiliza e haja vista na revolução de 1789 na França.

(*O Sr. Presidente reclama attenção*).

O SR. Q. BOCAYUVA.—Seria, senhores, curioso, digo mal, seria monstruoso que, quando no estatuto fundamental da Republica nós, os legisladores constituintes, abolimos a pena de morte, assentissemos em que a espada da lei viesse a ser substituida pelo punal do sicario (*Muito bem*).

Póde o Senado, pela prescindencia do seu pronunciamento aceitar a cumplicidade moral deste desvio funesto da consciencia humana? deste acto de perversão moral? desta abominação, que deve excitar, não digo a colera, mas a indignação de todo o homem de coração bem formado?

E quando me refiro, senhores, á natureza politica do delicto, devo acrescentar que com relação ao soldado criminoso, ao triste executor dessa tragedia sombria e tenebrosa, não posso experimentar senão o sentimento da commiseração humana (*apoiados*); mas, se ha um mandante, se ha um incitador do crime, que se serviu deste instrumento inconsciente e barbaro para realizar o seu designio, com a covardia da traição, porque elle fica na sombra e manda ao sacrificio apparente o instrumento desgraçado de seus designios, contra este é que a sociedade inteira tem o direito de pedir a severa punição da lei e o de exigir do governo que, por meio das pesquisas, as mais completas, chegue ao fundo desta questão (*Apoiados, muito bem*).

Cabe-me aqui, Sr. Presidente, fazer tambem o meu protesto contra toda e qualquer intenção que por ahi haja, de se attribuir ao partido republicano federal, ou, como se tem dito...

O SR. LEITE E OTTICICA. — Aos seus chefes.

O SR. Q. BOCAIUVA. — ... aos seus chefes, aos seus proceres, a responsabilidade desse crime nefando.

Não, senhores. Sei, e o Senado melhor do que eu, que ha no espirito humano aberrações assombrosas, que ha consciencias, onde existem abysmos insondaveis; que ha espiritos perversos, onde podem relampejar sinistramente as concepções as mais odiosas e crueis.

Mas, se homens politicos, de mediana responsabilidade perante a Patria, pudessem concorrer de longe ou de perto, directa ou indirectamente para a perpetração de um semelhante attentado, esses homens não seriam sómente indignos de pertencer a um partido politico, seriam indignos de pertencer a qualquer communhão humana e civilisada (*Muito bem; apoiados*).

Qual de nós, qual de vós poderá aceitar, já não digo a co-participação, mas a collaboração de scelerados e assassinos, para quem a solução de crises politicas póde ser dada pelo punhal ou pela garrucha de um malvado?

Não. O Senado faz justiça ao partido republicano federal, do qual tantos membros existem

no seu proprio seio ; e com certeza não está mais no espirito do nobre senador...

O SR. SEVERINO VIEIRA. — Nem esteve já-mais.

O SR. Q. BOCAYUVA. — ... a idéa de manter as induções resultantes das palavras menos cautelosas que S. Ex. pronunciou.

O SR. RUY BARBOSA. — As explicações nunca se recusam entre cavalheiros.

O SR. LEITE E OITICICA. — Os artigos do *Debate* ahi estão.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Eu disse no começo do meu discurso que o sentimento que preponderou no meu espirito, diante desses hediondos factos que estão occorrendo, era o de uma invencivel tristeza ; e esse sentimento facilmente se justifica.

Sem querer fazer nenhuma allusão, o Senado me permittirá que aproveite o ensejo para fazer, em vóz bem alta, uma declaração.

Depois de proclamada a Republica no Brasil, não tomei parte directa ou indirecta em conspirações que se têm produzido. Condemnei todas...

O SR. RUY BARBOSA — Muito bem.

O SR. Q. BOCAYUVA — ... a começar por essa mesma gloriosa conspiração de que resultou o restabelecimento das funcções do Congresso.

O SR. ANTONIO AZEREDO — Dessa fiz eu parte.

O SR. JOAQUIM PERNAMBUÇO — E eu tambem.

O SR. Q. BOCAYUVA — Estou referindo-me ao que me toca. Eu não tomei parte.

O SR. RUY BARBOSA — Asseguro a V. Ex. que posso dizer a mesma cousa. Aproveito a occasião para affirmal-o.

O SR. Q. BOCAYUVA — Condemnei todas essas conspirações.

Está presente o meu estimado e eminente collega, representante do Pará, que occupa com justiça, na historia da Republica uma das paginas mais honrosas para elle e para a propria Republica.

Quando por effeito do golpe de estado de 3 de Novembro, se determinou, como era natural, a coacção geral e a impossibilidade até de communicação entre os amigos e co-religionarios politicos (accrescendo que nessa occasião eu estava enfermo em casa), escrevi, felizmente por via indirecta, porque sabia que directamente não chegaria ás mãos de S. Ex. uma carta dando-lhe a minha opinião sobre o factó e sobre o modo de contra-arrestal-o.

O Senado inteiro sabe, e honro-me de repetil-o, que durante a vida do marechal Deodoro tive pela sua pessoa o mais sincero dos affectos; e depois de sua morte ninguem venera mais a sua memoria, nem rende um culto mais respeitoso ás solidas virtudes de seu grande character. (*Muito bem*).

Bem pouco tempo antes do golpe de Estado,

em uma sessão secreta, no seio do Senado, desejando eu exprimir o meu embaraço, o estado de constrangimento em que me encontrava, diante dos erros do governo do marechal, disse deste mesmo lugar, e seguramente com a voz repassada de uma commoção sincera, o seguinte: « Vós todos, meus collegas, tendes o direito, e talvez o dever de censurar o marechal Deodorò, podeis invectival-o, podeis verberal-o; eu sómente posso lamentar os seus erros, mas a minha voz nunca se levantará contra elle e o braço só se levantará para defendel-o.» (*Muito bem*).

Fui fiel á minha promessa.

Tal era, senhores, a natureza dos vinculos de gratidão politica que me ligavam ao glorioso soldado, cuja espada resplandeceu no dia 15 de Novembro de 1889 como a estrella annunciadora do advento da Republica.

Nunca o hostilisei.

Se a intriga politica, baixa e perversa, conseguiu eclipsar no espirito e no coração d'aquelle bravo soldado os sentimentos de amizade, que por tanto tempo o ligaram espontaneamente á minha pessoa; se elle chegou a duvidar da minha lealdade e mandou-me encarcerar no quartel do 10.º batalhão, como suspeito de conspirador contra o seu governo, ao mesmo tempo que co-religionarios deslembados ou ingratos, ou bem pouco affeitos a estudarem e a comprehenderem os ca-

racteres dos homens, me attribuiam a responsabilidade directa do golpe de Estado, e até a redacção do manifesto que foi lançado ao paiz ; se por essa intriga baixa e perversa, elle chegou, na obliteração de sua dôr, segundo fui informado posteriormente, a julgar que eu era digno da honra de ser arcabuzado como traidor, posso assegurar ao Senado, que apezar disso, nem na hora do constrangimento e do sacrificio, nem na hora posterior me desviei uma só linha da lealdade, da estima e da amisade que consagrei áquelle velho companheiro.

Está presente o meu honrado amigo e illustre collega, representante do estado da Bahia, cuja companhia no governo provisório cimentou naturalmente entre nós a amisade, a convivencia amavel que nos permittiu, e nos permite ainda hoje, creio eu, podermos reciprocamente olhar-nos sem nenhum resentimento profundo.

O SR. RUY BARBOSA.— Perfeitamente.

O SR. Q. BOCAYUVA.— Para V. Ex. terei de appellar. O honrado senador disse nos que não tem mais a cooperação de nenhum grupo politico, e eu suspeito que a minha situação é hoje identica á de V. Ex.

— Quando posso, sob uma direcção intelligente e criteriosa, acompanhar os meus amigos na senda politica, ordinariamente experimento duas sensações agradaveis.

A primeira é a do prazer, da satisfação de ver encaminhado o meu partido para um fim glorioso e productivo de bons resultados para a causa publica, de que elle é naturalmente defensor ; e a outro, que deriva um pouco do egoismo individual, é a satisfação de não carecer trabalhar activamente, nem de empenhar a minha responsabilidade em todos os combates.

Mas quando, como no presente, me encontro divergente da opinião geral dos meus co-religionarios, quando me sinto obrigado pela minha consciencia e pelo meu dever politico a divergir do seu modo de pensar e de proceder, o Senado comprehende que, mais do que da benevolencia dos representantes do partido do governo, careço sobretudo da generosidade dos meus proprios amigos politicos.

Desviei-me um pouco, Sr. presidente, do ponto de que me occupava.

Regozjava-me de não ter tomado parte, directa ou indirectamente, em nenhuma das conspirações produzidas depois do advento da Republica ; e na carta que então dirigi ao meu eminente collega, representante do Pará, não dissimulando que o acto do marechal Deodoro constituia um attentado contra a Constituição e contra a liberdade nacionaes, comtudo o meu conselho não era o appello ás armas para promover uma luta fraticida, que ensanguentasse

o solo da nossa Patria, mas a resistencia civica dos Estados, recusando-se formalmente a elegerem novos representantes, se acaso fossem convocados para isso, como iam ser e respondendo peremptoriamente ao marechal que os representantes dos Estados estavam eleitos, e que esses eram os legitimos representantes da Nação.

Ora, quem na sua fé de officio tem esta tradição e esta maneira de pensar, accentuadas na crise mas grave que nós temos atravessado, está claro que não póde assentir jámais em nenhum plano de conspiração, que vise a deposição violenta do chefe do governo, quanto mais a eliminação da sua pessoa pelo assassinato (*Apoiados*).

Senhores, felizmente o attentado não produziu politicamente os effeitos deploraveis que delle podiam resultar, se o illustre presidente da Republica houvesse sido attingido pela arma homicida.

Mas, se o fosse, que segurança, que alicerce restaria para as instituições republicanas ; que futuro estaria reservado para a nossa Patria !

E' necessario que se diga e se repita sempre que estes golpes vibrados contra as pessoas depositarias do poder legitimo resvalam dellas para serem vibrados sobre o coração da propria Republica (*muito bem*) ; esta é que é fundamentalmente ferida.

Acreditando, pois, como acredito, que o crime

é de natureza politica, não posso estar de accordo com o meu nobre collega, representante do Rio Grande do Sul, quando faz questão da suppressão desta palavra, que é o que caracteriza virtualmente o delicto committido (*Apoia los*).

Senhores, os incidentes que posteriormente ocorreram, sob o ponto de vista social e politico, não são menos lamentaveis do que a grande desgraça do dia 5 de Novembro.

Falla-se que foi o povo que, no delirio das suas dolorosas sensações, prorompeu nos excessos que todos lamentamos, e attentou contra o direito de propriedade, contra a segurança pessoal...

Devo dizer ao Senado que, se eu tivesse consciencia de que tivesse sido o povo, dominado embora delirantemente por um sentimento d'esta natureza, elle mereceria o meu respeito, ainda mesmo na exaggeração do seu procedimento.

Seria honroso para o Brazil e motivo até de desvanecimento para cada um de nós, se diante de um attentado d'aquella ordem o povo indignado e revoltado manifestasse a sua indignação para com aquelles a quem attribuisse a cumplicidade, directa ou indirecta, nesse crime abominavel: seria o indicio de uma elevada cultura moral da consciencia publica e o attestado de uma grande virtude popular.

O SR. RUY BARBOSA. -- Perdoe-me; divirjo de V. Ex.

O SR. Q. BOCAYUVA.— E' o meu modo de ver.

O SR. RUY BARBOSA.— E' um grande perigo admittir-se essa justiça do povo.

O SR. Q. BOCAYUVA.— Seria um perigo, mas essa é a minha opinião. Eu teria satisfação de ver o povo, dominado por um sentimento tão nobre e tão elevado, ainda nos seus desvios e nos seus excessos, manifestar a sua indignação.

Mas não estou convencido de que fosse o povo; acho que o honrado presidente da Republica não achou no elemento civil quem acompanhasse o exemplo nobilissimo do illustre marechal, assassinado no Arsenal de Guerra.

O illustre marechal deu a sua vida pela vida do chefe do Estado; salvou a um homem e salvou a uma instituição... (*Apoiados, muito bem*).

O SR. SEVERINO VIEIRA.— Prestou relevantissimo serviço á Republica.

O SR. Q. BOCAYUVA.— ... mas, depois que o honrado presidente da Republica expediu e publicou o seu manifesto á Nação, garantindo que a ordem publica seria mantida, o que elle tinha o direito de exigir de todos os funcionarios subordinados á sua autoridade, é que honrassem a sua palavra (*apoiados; muito bem*); e em caso necessario, seguindo o exemplo do marechal victimado, expuzessem a sua propria vida, se tanto fosse necessario, pela honra do presidente da Republica (*Muito bem*).

O SR. RUY BARBOSA. — Tem V. Ex. toda a razão.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Isto é o que penso.
(*O Sr. Antonio Azeredo dá um aparte*).

O SR. PRESIDENTE. — Atenção! Peço que não interrompam o orador, mesmo porque a hora está se esgotando.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Peço desculpa a V. Ex.; e se fôr necessario, requererei alguns minutos para concluir o que tenho a dizer.

Senhores, sei que sou incriminado como contradictorio, por haver sido tolerante para com esses abusos, para com essas violencias commetidas contra a imprensa. Não é exacto, senhores, e se houvesse fundamento legitimo para esta suspeição, nada seria mais justo do que o vituperio que me lançassem. Mas, senhores, o Senado me conhece, sabe que sou homem radicalmente infenso, por indole, ás violencias de todo o genero...

O SR. JOAQUIM PERNAMBUCO. — Apoiado.

O SR. Q. BOCAYUVA. — ... e a Deus não praza que, em nenhum tempo e em nenhuma occasião, eu preste o meu assentimento a essas violações do direito e da moral (*Muito bem*).

Posso, a este proposito, rememorar perante o Senado um incidente da nossa vida do governo provisorio, com relação a um factio semelhante.

O SR. RUY BARBOSA. — Apoiado.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Está presente o meu honrado collega representante do Estado da Bahia e eu me felicito por isto, porque posso appellar para o seu testemunho pessoal.

O paiz inteiro sabe que durante o governo provisorio um attentado semelhante foi praticado contra a *Tribuna*, que, aliás, nos flagellava a todos nós, não só como politicos, mas até na nossa honra individual (*Apoiados*).

Este incidente lamentavel produziu uma crise no governo.

Houve um aparte.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Reunimo-nos na secretaria do ministerio da justiça, tendo conhecimento real de todos os factos occorridos, para deliberarmos sobre o nosso comportamento, em face d'aquella violação do direito, d'aquella violencia praticada contra os redactores da *Tribuna* e que compromettia gravemente a honra do governo provisorio.

Houve um aparte.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Cheguei ao logar da reunião um pouco mais tarde, estavam já reunidos os meus collegas, e já achei escripta uma carta que collectivamente ia ser dirigida ao marechal Deodoro, offerecendo a demissão dos membros do governo, em virtude d'aquelle incidente, cujas circumstancias nos impunham o dever d'esse pronunciamento.

Tomando conhecimento da carta, que estava aliás, redigida com muita delicadeza, com muita cortezia, ella não me pareceu bastante expressiva; não assignalava bem o ponto principal da divergencia, a causa directa da nossa retirada do poder; e respeitosa-mente pedi ao autor da carta e aos outros collegas que assentissem na redacção de uma outra, igualmente cortez e attenciosa, porém mais vibrante, mais positiva, assignalando que nos retiravamos do governo por que não queriamos assumir a responsabilidade d'aquelle attentado.

Os meus collegas assentiram, e eu redigi a carta nos termos mais claros e terminantes.

Quanto a este episodio, fico aqui.

Ora quem, no seio do governo provisório, procurou por um modo tão solenne e tão expressivo manifestar que não aceitava, nem mesmo silenciosamente, a cumplicidade d'aquelle attentado, não poderá jámais, a não ser por uma aberração, nos ultimos dias da sua vida, vir contrariar todo o seu passado. Não, senhores, eu não pactuo com essas violencias.

Quando ocorreram os factos desgraçados de Março, eu estava ausente da Capital.

Sei que muitos dos meus co-religionarios censuraram a minha ausencia, entendendo que o meu logar n'aquelle momento era aqui, não sei para que, quando eu lá estava me felicitando de estar ausente, porque se estivesse aqui, forçosa-

mente teria de me collocar em uma situação embaraçosa.

Mas é inutil dizer que não applaudi, nem podia applaudir as violencias praticadas, fructo da ausencia de governo durante esses dias de delirio popular.

Sr. presidente, V. Ex. me adverte, por um delicado signal, de que estou ultrapassando a hora do expediente. Mas, como tenho a esperanza de que seja esta talvez a ultima occasião em que eu tenha a honra de ser ouvido pelos meus collegas vou pedir ao Senado alguns minutos mais para terminar.

.....

.....

.....

O SR. Q. BOCAIYVA (*continuando*).— Sr. presidente, antes de continuar, V. Ex. permitta que eu agradeça ao Senado a sua benignidade para commigo, concedendo-me permissão para continuar a abusar da sua attenção (*Não apoiados*).

Sr. presidente, é claro que, diante dos acontecimentos d'estes ultimos dias, não posso senão lastimar com os meus honrados collegas e com o honrado presidente da Republica, os deploraveis successos que presenciemos. E o momento se me offerece para definir perante o Senado, de um modo mais claro e positivo, a minha attitude na actualidade.

Sabe todo o mundo que me afastei do governo, por não estar de accordo com a sua orientação politica. Mas é claro que este incidente, tão commum na vida dos povos livres, não basta para supprimir entre antigos co-religionarios e companheiros de propaganda aquellas relações de sympathia, de amizade e cortezia, que devem sempre prevalecer entre os homens cultos.

O Dr. Prudente de Moraes sabe, e tomo a liberdade de proferir o seu nome porque me refiro especialmente ao meu illustre companheiro de propaganda republicana, sabe que, em nenhum tempo, nem mesmo quando as seducções da mocidade podiam influenciar o meu espirito, desviei-me da linha recta que foi sempre a directriz da minha conducta politica, e que nunca faltei com a lealdade que os meus co-religionarios tinham o direito de reclamar.

Detesto, por indole, a perfidia, a deslealdade, a intriga que semeia a sisania entre os companheiros, que são elementos dissolventes e destruidores, que tornam impossivel a cohesão politica dos partidos e mais tarde até as proprias relações pessoaes entre companheiros.

Houve momento na nossa historia parlamentar em que o illustre presidente da Republica caiu no desagrado e na desestima de muitos co-religionarios que hoje lhe prestam o maior apoio.

Quando, após os lamentaveis acontecimentos

de 10 de Abril, a que fez referencia o illustre representante da Bahia, produziu se (peço perdão de empregar a palavra, não ha offensa) uma especie de conspiração parlamentar para a deposição do vice-presidente do Senado, porque queriam por esta fórma, manifestar-lhe o desagrado que lhes havia causado um telegramma por elle dirigido ao marechal Floriano, applaudindo a sua energia no golpe descarregado, como dizia-se, sobre o militarismo; eu, que nessa occasião não acompanhei os actos do governo e tive a hombridade necessaria para censural-os do alto da imprensa (*apoiados*); eu que não podia, portanto, ser suspeito quanto ao modo de apreciar a conducta do meu illustre co-religionario, fui solicitado para dar meu assentimento á honrosa indicação do meu nome para o cargo de vice-presidente do Senado, em substituição do Dr. Prudente de Moraes. A pessoa que teve a bondade de communicar-me esse generoso intuito da parte de amigos a quem prezava e a quem continuo a prezar, sabe que a minha resposta foi peremptoria: respondi que não concorreria para a deposição moral de um co-religionario illustre, que fôra apresentado até candidato á presidencia da Republica, em confronto com o marechal Deodoro pela razão de uma dissidencia politica occasional, que podia desaparecer, como effectivamente desapareceu tempos depois.

Não satisfeito com isto, fui immediatamente advertir alguns amigos do Dr. Prudente de Moraes de que se tratava disto; que queriam retirá-lo da cadeira que elle tanto honrava pela discrição e pelo elevado criterio com que presidia aos trabalhos desta corporação.

Finalmente, fui a elle proprio dizer que eu havia sido convidado para aquelle fim, e que a minha resposta fôra que não aceitava a indicação; ainda mais (e é este o ponto principal) que não me limitava a silenciosamente rejeitar a honra que me queriam conferir, mas havia de vir a publico, pela imprensa, declarar que, ainda quando fosse eleito, não aceitava o logar, pela razão que determinava a minha eleição.

O SR. A. AZEREDO.—E' um facto historico.

O SR. Q. BOCAYUVA.—E' facto historico, que está registrado nos *Annaes*; quem consultar os daquelle tempo ha de verificar que alguns dos illustres companheiros, não tendo conseguido o meu assentimento á indicação do meu nome para o posto de vice-presidente, deliberaram votar em branco e o Dr. Prudente de Moraes foi eleito com muito poucos votos nessa occasião.

Já vêem os meus illustres collegas que quem procede por esta fórma, com esta lealdade, não pôde ser suspeitado de andar tramando nas trevas a deposição e muito menos a eliminação de um co-religionario.

O SR. VIRGILIO DAMAZIO.—Ninguem pensa nisto.

O SR. Q. BOCAIYUVA.—Senhores, no decurso da minha vida, que já é longa, uma só vez tive de comparecer como revolucionario perante a historia e perante a minha Patria: foi a 15 de Novembro de 1889.

Mas, nas conferências celebradas durante o periodo da conjuração, eu declarei positivamente que, civil embora, havia de participar ostensivamente da responsabilidade e das eventualidades da jornada (*Muito bem*).

Era mais facil, era muito mais simples colaborar na conjuração e ficar em minha casa, no quartel da saude, esperando que os acontecimentos se produzissem. Se fossem favoraveis, me apresentaria no dia seguinte, se desgraçados, me recolheria á minha casa e aguardaria que as responsabilidades se apurassem.

Não, senhores; eu entendo que todo o homem deve ser o commentario vivo de sua doutrina e das suas convicções (*apoiados*); e, desde o momento em que, pelos meus conselhos, pelas minhas suggestões, meus collegas podiam ser arrastados ao risco de perderem a propria cabeça, o meu dever era correr com elles o mesmo risco.

E foi isto o que fiz em 15 de Novembro; e o nobre marechal, representante do Estado da Parahyba, pôde encontrar-me nesse dia glorioso,

partilhando dos mesmos perigos e assumindo a mesma responsabilidade que S. Ex. e seus companheiros, pondo a minha existencia ao lado da de todos que se achavam promptos a sacrificá-la naquella hora solemne.

O SR. ALMEIDA BARRETO.—Apoiado ; vi V. Ex. á frente do exercito.

O SR. Q. BOCAIUVÁ.—Quem procede assim não precisa trabalhar nas trevas.

A minha vida tem sido sempre assignalada pela franqueza, combatendo a peito descoberto, e posso com desvanecimento proprio allegar até uma circumstancia: nunca houve uma occasião na minha longa existencia de jornalista, em que eu escrevesse anonymamente.

Quando não tinha a responsabilidade directa de editor em alguma folha, em tudo quanto publicava havia sempre a responsabilidade directa do meu nome. Nunca escrevi embuçado no anonymo.

Sob um pseudonymo muito esgarçado, muito transparente publiquei apenas, em tempos bastante remotos, alguns pamphletos politicos, como *Os nossos homens*, *A opinião e a coroa* e, que sei eu? desses primeiros ensaios da mocidade que entra a terçar as suas primeiras armas na vida politica.

Já se vê, portanto, que aquelles que, por uma exploração politica, procuram indignamente

attribuir-me ou a este ou áquelle de seus adversarios ou desaffectedos, a responsabilidade do attentado contra o presidente da Republica, são, no meu ponto de vista, tão perversos, tão miseraveis como o que praticou o attentado (*Apoiados*).

São assassinos de outra especie: uns attentam contra a vida; outros contra a honra alheia.

O SR. PIRES FERREIRA.—E estes são os mais communs.

O SR. Q. BOCAYUVA.—Mas uns e outros são igualmente despreziveis!

Resta-me, por ultimo, justificar perante meus amigos e co-religionarios a attitude diversa em que me colloquei com referencia á combinação feita para a retirada do recinto.

O SR. JULIO FROTA.—Não houve combinação. O honrado senador pelo Rio Grande do Sul disse, falando em seu nome, que procederia assim: achou muitos collegas que o acompanhassem.

O SR. Q. BOCAYUVA.—Emfim todos se retiraram, e eu fiquei só, um pouco vexado. Tratarei de definir minha responsabilidade nesta circumstancia, com toda a franqueza e lealdade.

Apresentada a moção, o meu nobre co-religionario, representante do Pará, falou em nome do partido republicano federal. Tinha para isto autoridade sufficiente, e sua palavra, para todos os co-religionarios, era ou devia ser uma palavra de ordem.

Ora, desde que S. Ex., com a altiva nobreza do seu character, repelliu qualquer insinuação que pudesse ferir a dignidade do seu partido, e concluiu declarando que os seus sentimentos individuaes e os sentimentos do seu partido eram accórdes com os sentimentos expressos na moção, persuadi-me que a questão estava terminada e que só nos restava votar a moção. Surgiu, porém, o incidente a que me referi, incidente provocado pelo meu honrado e estimado amigo, representante do Rio Grande do Sul, e S. Ex. formulou, clara e positivamente, o seguinte: «Ou se retira a palavra—*político*, ou nós nos retiramos...»

O SR. RAMIRO BARCELLOS.—Peço licença a V. Ex. para declarar que eu não disse *nós* mas sim *eu*. E appello para as notas tachygraphicas.

O SR. Q. BOCAYUVA.—Peço que me desculpe e aceito a rectificação, mas o facto é que todos o acompanharam.

Como dizia, declarou o honrado senador: «... eu não concorro com a minha presença para deliberar-se sobre este assumpto.»

Senhores, é necessario que eu tenha a franqueza e a coragem de dizer ao meus amigos: — não estaes no vosso direito, procedendo por esta fórma (*apoiados, muito bem*); attentaes por esta conducta contra as proprias instituições que nós fundamos (*muito bem*); desde que uma parte do Congresso, e pouco importa o numero dos

individuos que nella figurem, póde, pela retirada do recinto, impedir o funcionamento do mesmo Congresso, estabelece uma crise que só tem uma solução: a solução revolucionaria (*Apoiados*).

No regimen parlamentar das monarchias representativas, no regimen parlamentar das proprias republicas, como na França, estas collisões, determinadas pela *grève*, porque este é o nome que o facto póde ter, pela obstrucção dos parlamentares, que se retiram para impedir o funcionamento das assembléas deliberantes, estas collisões têm o correctivo na dissolução, appella-se para a opinião e o eleitorado restabelece a integridade dos poderes; mas no regimen republicano federativo, se um ou dez representantes, retirando-se do recinto parlamentar, impedirem que o Congresso desempenhe as suas funcções, que continue no desempenho do seu mandato, estabelece-se uma crise sem solução pacifica: é uma coacção violenta, e nenhuma minoria, por mais numerosa e por mais illustre que seja, póde estabelecer para com a maioria esta coacção do impedimento permanente (*Apoiados*).

UM SR. SENADOR. — Nos Estados Unidos manda-se buscar o senador debaixo de vara.

O SR. Q. BOCAYUVA. — Nos Estados Unidos, na Inglaterra, ha até o direito de compellir o representante da Nação a vir, debaixo de vara, desempenhar o seu mandato.

Mais ainda. A doutrina é tão rigorosa, é tão severa, que vai até este ponto: pela Constituição, o senador ou deputado tem o direito de renunciar o seu cargo; isto está previsto. Pois bem; nos Estados Unidos, nem mesmo a renuncia, que é aliás, um direito do representante, é acceita senão depois que a assembléa verifica que, pela ausencia daquelle cidadão, não fica perturbado o serviço nacional; mas se accaso resulta a impossibilidade de funcionar o Congresso pela renuncia voluntaria de um só cidadão, esta renuncia só é tornada effectiva depois que o Congresso tenha terminado os seus trabalhos.

Esta é que é a doutrina, esta é que é a lei. E, quando um partido governamental, um partido que vai disputar proximamente a eleição presidencial, em nome dos seus principios, deixa precedentes desta natureza após si, se amanhã, empossado do governo, os seus adversarios empregarem os mesmos recursos de opposição, eu não sei com que direito elle estranhará este procedimento (*Apoiados*).

O SR. MORAES BARROS. — V. Ex. está prestando relevantissimo serviço á Republica.

UM SR. SENADOR. — Como de costume (*Apoiados e apartes*).

O SR. Q. BOCAYUVA. — Desejo, como disse desde o principio, achar uma solução razoavel

para sairmos deste *impasse*. De um lado, justamente melindrada, a opposição declara que não póde subscrever a moção apresentada pelo honrado representante da Bahia, porque, não sómente pelas palavras de S. Ex., mas tambem pelo proprio texto da moção, ella descobre o intuito de uma offensa dolorosa á dignidade do seu partido, e eu não posso subscrever semelhante intuito, se elle existisse, e creio que não existe, na moção apresentada; de outro lado, o meu honrado amigo, representante do Rio Grande do Sul, exige que se retire a palavra, que unica, a meu modo de vêr, define e caracteriza o crime (*Apoiados*).

Sinto-me verdadeiramente em uma situação embaraçosa, e, á vista disto, tomei a liberdade de procurar uma outra formula. Peço agora licença ao illustre representante do Estado da Bahia para submetter á sua apreciação e á deliberação do Senado, uma moção substitutiva da que o nobre senador apresentou.

Se nella não estiver condensado o sentimento do Senado, será favor rejeitarem-na completamente; e de outro lado, se aos meus amigos politicos parecer que ella não resalva sufficientemente a sua dignidade e que não exprime bem os sentimentos nacionaes, peço que a rejeitem igualmente; submetto-me respeitosamente a uma e outra das reprovações.

A moção é esta :

« O Senado Federal interpretando...

Divergi logo da phrase da moção do honrado senador pela Bahia, na sua moção. O honrado senador dizia na sua moção :

« O Senado Federal, julgando interpretar... »

Ora, se nós, que constituimos a mais alta corporação politica do paiz, não tivéssemos a certeza e a consciencia de interpretar fielmente os sentimentos da Nação, sentimentos de reprovação a este acto, se admittissemos, pelo emprego de uma fórma até certo ponto dubitativa, a hypothese de que pudesse haver divergencia no modo de considerar este facto, não estaríamos, creio eu, na altura de representar realmente a Nação (*Apoiados*).

Eis ahi a razão por que empreguei uma fórma mais imperativa — *interpretando* —, isto é, manifesto com toda a confiança, que tenho certeza de interpretar o sentimento da Nação. (*Apoiados.*) Continúo :

« O Senado Federal, interpretando o sentimento geral da Nação brasileira, manifesta do modo mais solemne o seu pezar e a sua commoção, stygmatisando o barbaro attentado premeditado contra o presidente da Republica, e de cuja execução foi lamentavelmente victima o bravo e leal soldado, marechal Carlos Machado de Bittencourt, ministro da guerra.

O Senado, reconhecendo a natureza politica do crime perpetrado, faz votos para que a Republica Brasileira não registre jámais nas paginas da sua historia tão nefandos e abominaveis attentados, e, congratulando-se com a Nação, por haver sido preservada a vida do Sr. presidente da Republica, manifesta igualmente o seu profundo pesar pela victimação do marechal Carlos Machado Bittencourt, que pela sua abnegação e nobre comportamento recommendou o seu nome á estima e á gratidão da Patria.

Sala das sessões, 10 de Novembro de 1897.

— *Q. Bocayuva.* »

Senhores, os meus collegas e amigos, membros da maioria governamental e membros da opposição constitucional, devem recordar-se de que estes incidentes, na historia e na vida das Nações, são incidentes transitorios.

Consideremos que acima de nós, e valendo mais do que nós, está a Nação, está a Republica, de cuja sorte nós somos os fiadores.

Ella é que tem de sobreviver aos nossos erros, ás nossas paixões, aos nossos desvios. Mas, se em um momento solemne como este, não se puder conseguir o accôrdo das vontades, ao menos da parte dos representantes dos Estados, em uma assembléa tão elevadamente composta como esta, onde as paixões pouco podem ou devem preponderar, o testemunho que offe-

recemos ao mundo civilizado e a afirmação que faremos perante os nossos proprios concidadãos é que a anarchia não está sómente nas ondas demagogicas das ruas, mas tambem no espirito dos proprios legisladores (*Muito bem, applausos*).

Não desejo para mim, nem para os meus amigos, a responsabilidade dessa suspeição; e uniformisando o sentimento geral do Senado, em torno do governo legal, neste momento, como a expressão sincera do sentimento de todos os brasileiros, appello para o patriotismo, para a lucidez intellectual e para a abnegação de todos os meus collegas.

Se isto não é comportamento digno e elevado, então esmoreço, e não comprehendo mais como a nossa vida politica se ha de dirigir.

Submettendo, portanto, a debate a minha moção substitutiva, peço desculpa ao Senado, por haver por tanto tempo occupado a sua honrosa attenção. (*Muito bem; muito bem*). *O orador é vivamente applaudido.*

Julgamos conveniente transcrever ainda, n'esta secção, a mensagem dirigida pelo Chefe do Poder Executivo ao Congresso Nacional, bem como os decretos que se lhe seguiram, por constituirem

taes documentos os primeiros actos, emanados dos altos poderes da nação, no sentido de habilitarem o governo da Republica a expedir as necessarias providencias para a repressão dos criminosos e o restabelecimento da ordem publica :

« Srs. membros do Congresso Nacional. — O attentado contra o Presidente da Republica no Arsenal de Guerra, no dia 5 do corrente, o assassinato do marechal Carlos Machado de Bittencourt, Ministro da Guerra, e os ferimentos do chefe da Casa Militar, quando se interpunham entre o aggreddido e o soldado aggressor, causaram extraordinaria e dolorosa impressão em todo o paiz e grave commoção nesta Capital, que ainda perdura, trazendo o espirito da população apprehensivo e alarmado.

Os intuitos do attentado e as circumstancias excepçionaes que o revestiram explicam e justificam essa commoção, porque denunciam a existencia de uma conspiração contra a estabilidade do Governo da Republica.

Para manter a ordem, restabelecer a tranquillidade e fazer cessar a commoção produzida por aquelle gravissimo attentado, o Governo julga necessario o emprego de medidas e providencias que só o estado de sitio póde autorizar, nos termos do art. 8o da Constituição da Republica.

Para isso, cumpro o meu dever solicitando

do Congresso Nacional que sejam declarados em estado de sitio o Districto Federal e a comarca de Nictheroy, do Estado do Rio de Janeiro ».

Capital Federal, 8 de Novembro de 1897.

PRUDENTE J. DE MORAES BARROS.

Em virtude dessa mensagem, foi votado pelo Poder Legislativo o respectivo projecto de lei, sancionado pelo Sr. Presidente da Republica ás 10 $\frac{1}{2}$ horas da noite :

DECRETO N. 456 DE 12 DE NOVEMBRO DE 1897

Art. 1.º — Fica declarado em estado de sitio por trinta dias o territorio do Districto Federal e da comarca de Nictheroy no Estado do Rio de Janeiro.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Capital Federal, 12 de Novembro de 1897.
— PRUDENTE J. DE MORAES BARROS. — *Amaro Cavalcanti.*

Em 11 de Dezembro do mesmo anno foi expedido pelo Poder Executivo o Decreto que se segue, e donde se verifica ter sido o estado de sitio prorogado até 31 de Janeiro do corrente anno de 1897 :

DECRETO N. 737 DE 11 DE DEZEMBRO DE 1897

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Attendendo a que subsistem, actuando com a mesma intensidade, os motivos expostos em mensagem ao Congresso Nacional, que determinaram o Decreto Legislativo n. 456 de 12 do mez passado ; no exercicio da attribuição conferida pelo art. 48 § 15 da Constituição :

Resolve, nos termos do art. 80 da mesma Constituição, prorogar o estado de sitio, com suspensão das garantias constitucionaes, no territorio do Districto Federal e comarca de Nictheroy do Estado do Rio de Janeiro até 31 de Janeiro proximo futuro.

Capital Federal, 11 de Dezembro de 1897,
8.º da Republica.—PRUDENTE J. DE MORAES BARROS.
— *Amaro Cavalcanti.*

O ATTENTADO E A IMPRENSA FRANCEZA

Causou aqui dolorosissima impressão a noticia do attentado contra o Sr. Presidente da Republica e da morte do marechal Machado Bittencourt, ministro da guerra, que cahiu victima do punhal de um assassino, no momento em que ia receber as justas homenagens dos seus concidadãos agradecidos.

A imprensa franceza foi unanime em deplorar o lugubre e vergonhoso acontecimento, estygmatisando o assassinato politico e cercando das manifestações mais dignas os nomes da victima honrada do dever e da abnegação e do Presidente da Republica Brasileira.

Vamos transcrever topicos do que disseram alguns dos principaes orgãos parizienses, logo que souberam do triste acontecimento.

O *Jornal dos Debates* publicou as seguintes linhas, muito justas e verdadeiras, que foram particularmente apreciadas pela colonia brasileira em Pariz :

« O attentado da ultima sexta-feira foi apenas mediocre surpresa para os que têm acompanhado, nestes ultimos tempos, e particularmente depois da scisão do partido republicano federal, a politica do Brazil. Cahido do seu pedestal onde governava o proprio Governo, o *ex-leader* da

maioria, o general Francisco Glicerio, que incarnava, pôde-se dizel-o, um quarto e novo poder, não podia consolar-se da quêda que dera e de vêr o prisioneiro de Itamaraty tomar o vôo; Prudente de Moraes, antes de tudo, patriota e essencialmente honesto, percebeu os planos da maioria e sacudiu o jugo. A guerra estava declarada e só uma deposição ou um assassinato podiam pôr termo á luta, porquanto o general Glicerio tinha proclamado, em S. Paulo, que era jacobino e que o seu partido triumpharia na eleição presidencial de 1 de Março proximo.

Desde então uma opposição inqualificavel desencadeou-se no parlamento e na imprensa e tudo foi posto em acção para forçar Prudente de Moraes a abandonar o poder e a ceder o logar ao vice-presidente o Sr. Manoel Victorino, que garantiria o triumpho do partido jacobino.

Nessa campanha sem tregua e sem misericordia a *Republica*, orgão do *ex-leader*, destacou-se, accusou o Presidente de incapacidade, de inepecia e não recuou mesmo diante da mentira.

Fiando-se nas suas declarações, um dos nossos confrades de Londres dizia, ainda ha dias passados, que o Brazil devia tres milhões de libras aos bancos francezes de Pariz, quando na realidade o Governo não deve um vintem ao Banco de Pariz e dos Paizes Baixos e é apenas devedor do Banco Francez do Brazil de uma somma de

500.000 libras, cujo prazo para pagamento ainda não chegou.

Mas todos os ataques eram inuteis.

Prudente de Moraes mantinha-se inabalavel e declarava ainda no dia 4 de Novembro, por occasião do seu anniversario, que a ordem seria mantida e que o Brazil faria honra a todos os seus compromissos. Alguns dias mais tarde os fanaticos da Bahia estavam reduzidos a cousa nenhuma, graças ás medidas tomadas pelo marechal Bittencourt.

Era de mais; tornava-se preciso aos adversarios do Governo, renovar a tentativa, que tinha naufragado, havia alguns mezes, nos corredores do palacio presidencial.

Prudente de Moraes escapou ainda desta vez: mas o Ministro da Guerra pagou com a vida a honra de ter terminado a campanha contra os fanaticos, campanha que ameaçava eternisar-se sob a direcção do general Arthur Oscar.

Uma conspiração estava patente, não havia nisso a menor duvida: o que restava a fazer? Iria Prudente de Moraes, que é accusado, talvez injustamente, de fraco, até ao fim, procurar a elle os culpados? E a pergunta era muito natural, depois de se ter visto assassinar impunemente o coronel Gentil de Castro e assaltar as redacções do *Liberdade* e da *Gazeta da Tarde*, sem que ninguem fosse inquietado.

O telegramma communicado esta manhã á imprensa, annunciando que o estado de sitio foi proclamado no Districto Federal, responde a estas perguntas e leva a crêr que o Presidente, tendo em mãos as provas manifestas da conspiração, que foi urdida, vai ter a coragem de ir até ao fim.

Contrariamente ao telegramma, o Congresso está actualmente reunido e funcionará até 4 de Dezembro; portanto, só elle pôde, pelo art. 21, § 31 da Constituição, proclamar o estado de sitio e permittir ao Presidente de attingir os verdadeiros culpados, suspendendo as immunidades parlamentares.

O partido jacobino, é de esperar, morreu; Prudente de Moraes vai poder cumprir as suas promessas e o estrangeiro restituirá brevemente ao Brazil a sua confiança, que a situação creada pela opposição tinha tão fortemente abalado.»

— O *Éclair* e não o *Matin*, como por engano annunciámos telegraphicamente, em seu numero de 9 de Novembro, publicou, na sua interessante secção — *Os homens do dia* — o retrato do Dr. Prudente de Moraes, com os seguintes dados biographicos;

« O Dr. Prudente de Moraes Barros, que escapou do attentado do Rio de Janeiro, é o primeiro Presidente da Republica do Brazil, eleito constitucionalmente pelo suffragio universal; tendo

sido o seu predecessor, o marechal Deodoro da Fonseca, nomeado pelo Conselho Federal. Escolhido como candidato pela convenção nacional do partido republicano, foi eleito a 1 de Março de 1894 e entrou em exercicio a 15 de Novembro seguinte, devendo conservar-se no posto até 15 de Novembro do anno proximo.

A sua politica tem sido constantemente tendente á pacificação do paiz, á manutenção da Constituição republicana e ao desenvolvimento das forças economicas nacionaes. Poz ao serviço dessa obra antes qualidades solidas e praticas do que talento brilhante, não é nem orador nem homem de combate, mas um administrador eminente e todos estão concordes em reconhecer nelle, a par de um espirito integro e conciliador reaes virtudes de um homem de Estado esclarecido.

O Sr. Prudente de Moraes nasceu em 1841, em Itú, na antiga provincia de S. Paulo. Doutor em direito e advogado, entrou cedo na politica militante, como membro do partido liberal monarchista e em 1871 atirou-se no movimento republicano, de que não tardou em ser o chefe verdadeiro. Foi successivamente membro da legislatura da sua provincia natal em 1879, membro da Assembléa Nacional do Rio em 1885, Governador do Estado autonomo de S. Paulo em 1889 e senador do Congresso Federal em 1890. O seu

passado e o seu character lhe valeram a escolha de presidente dos trabalhos da Assembléa Constituinte para manter a união dos republicanos e conseguir a adherencia dos ultimos monarchistas á nova fórma de governo. Foi o primeiro signatario da Constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891 e vice-presidente do Senado até o momento em que, incarnando as esperanças do elemento civil, foi eleito Presidente da Republica Brasileira, depois da revolução contra o militarismo que o marechal Fonseca representava.

— No *Temps* de 8 de Novembro foi publicado o seguinte :

« Os telegrammas commerciaes expedidos todas as noites do Rio para a Europa, não chegaram hontem, o que parece indicar que o uso do telegrapho está prohibido.

Faltam pormenores exactos sobre o drama, que se passou no cões do Arsenal maritimo. Segundo as ultimas versões, o assassino do Ministro da Guerra, que é um soldado, serviu-se da espingarda para disparar sobre o Presidente. O coronel Mendes, sobrinho deste ultimo, foi gravemente ferido. O soldado atirou então a sua espingarda e o marechal Bittencourt, Ministro da Guerra, querendo prendel-o, recebeu á punhalada que o matou logo.

Não ha nenhuma noticia de prisão do assassino.

O attentado provocou debates violentos na Camara. Sete deputados insultaram o Presidente da Republica a proposito do assassinato do Ministro da Guerra.

Um personagem brasileiro deu a um representante da Agencia Nacional as informações seguintes sobre as causas a que se póde attribuir o attentado :

« A luta entre o partido republicano moderado, representado pelo Presidente Moraes e o partido jacobino representado por todos os elementos exaltados, parece ter entrado em um periodo agudo.

Desde o mez de Abril ultimo, sabia-se que se tinha decidido o assassinato do general Machado Bittencourt, Ministro da Guerra. Esse militar fazia grandes esforços para manter a disciplina e introduzir alguma ordem na administração do exercito.

A expedição de Canudos, confiada ao general Arthur Oscar, ameaçava eternisar-se e custava já ao Governo mais de 25 milhões, quando o general Machado Bittencourt tomou a resolução de ir em pessoa ao theatro das operações :

As despezas exageradas foram logo diminuidas com grande despeito dos officiaes e do general Oscar, que, impellido pelo Ministro, foi obrigado a vencer e a terminar essa guerra rui-

nosa para o Thesouro e proveitosa para os fornecedores e os organisadores da expedição.

Esta solução elevou ao cumulo o desespero dos jacobinos do Rio, que dobraram de violencia no Congresso e na imprensa, contra o Presidente Moraes e o Ministro da Guerra.

Todos previam o attentado contra o Presidente, de que o Ministro da Guerra foi a victima.

.....

.....

Se o Presidente Moraes tivesse sido morto, o Sr. Victorino Pereira, um dos chefes do partido jacobino, teria tomado posse do poder como Vice-Presidente e não sé sabe, na verdade, para onde esse partido exaltado teria levado o paiz.

Accrescentemos que outro elemento, que complica muito a situação é a abertura da campanha presidencial. A eleição do successor do Sr. Prudente de Moraes terá logar a 1 de Março. As convenções dos partidos proclamaram recentemente os candidatos: o partido moderado do Governo apresenta a candidatura do Sr. Campos Salles, governador de S. Paulo; o partido radical a do Sr. Lauro Sodré, antigo governador do Pará, e o partido jacobino a do Sr. Julio de Castilhos, governador do Rio Grande do Sul. Estes dous ultimos partidos, que formam a opposição, fazem ha algum tempo, campanha sem treguas para forçar o Presidente Moraes a retirar-se,

afim de ceder o logar ao Vice-Presidente Sr. Manoel Victorino, que é um jacobino, embora antigo monarchista, contando que este fará as eleições presidenciaes em proveito do seu candidato.»

— Com a epigraphe — *Ordem e Progresso* —, o jornal monarchista *Le Soleil*, de 9 de Novembro publicou o artigo seguinte :

« Ha oito annos que o Brazil está em Republica; foi, com effeito, no dia 15 de Novembro de 1889, que D. Pedro II foi derrubado do throno por uma sedição militar, dirigida pelo marechal Deodoro da Fonseca. Os constituintes da nova Republica impuzeram como divisa á sua patria as palavras « *Ordem e Progresso* », que são a traducção portugueza da divisa positivista imaginada pelo nosso Augusto Comte : *Ordre et progrès*. Mas, se essas palavras produzem bello effeito inscriptas altivamente na bandeira federal, foram na realidade desmentidas pelos acontecimentos.

Com effeito, os oito annos republicanos foram mais ferteis em agitações de toda a especie do que não foram os sessenta e sete annos monarchicos que os precederam. Ao abrigo das suas instituições imperiaes o Brazil vivia em uma tranquillidade pelo menos relativa, que fazia contraste com os tumultos e agitações em que se debatiam as Republicas hispano-americanas visinhas. Mas hoje os « Estados Unidos do Brazil » nada tem mais a invejar da Bolivia ou de Hon-

duras. Basta citar a insurreição do Rio Grande do Sul, a revolta da esquadra e muito recentemente a mysteriosa rebellião que, sob as ordens de um certo Conselheiro, levantou contra o poder federal muitas populações dos Estados do Norte.

A essas desordens collectivas vêm reunir-se os attentados individuaes contra os membros do Governo. E se o presidente da Republica, Dr. Prudente J. de Moraes e Barros, escapou á tentativa de assassinato dirigida contra elle, o Ministro da Guerra, marechal Machado de Bittencourt, foi menos feliz.

A nomeação para a presidencia da Republica de um civil conhecido pelas suas idéas moderadas, o Dr. Prudente de Moraes, tinha sido uma reacção contra a arrogancia militar. O marechal Bittencourt associara-se á obra de reforma tentada pelo presidente Moraes e tinha procurado dar ao exercito o seu papel normal. Mas o que mais levantou as iras militares contra elle foi a sua attitude na revolta de Conselheiro. Essa revolta durava havia dois annos; para a sua repressão já tinham sido gastos mais de 25 milhões. O Ministro da Guerra desconfiou que a insurreição estava cuidadosamente mantida pelos que estavam encarregados de reprimil-a e que nella achavam mil proveitos. Tomou então em pessoa a direcção das operações e acabou com a luta em algumas semanas.

Este foi ferido no momento em que, vindo da expedição vencida desembarcava no Rio.

O partido jacobino, que esperava ver-se ao mesmo tempo livre de um presidente de Republica e de um ministro detestados, não viu realzada senão parte dos seus desejos. Não tendo podido conseguir os seus fins pela força, procura attingil-os pelas eleições.

A campanha está, com effeito, aberta para escolha de um presidente de Republica. Tres mezes sómente nos separam da época em se realisar a eleição. Os jacobinos e os militares estão bem decididos a apoderar-se da Republica que fizeram e consideram como seu bem. Tudo isso não é bom presagio para o Brazil. Sob um governo estavel, esse paiz, cujas riquezas naturaes são quasi inesgotaveis, poderia desenvolver-se sob todos os pontos de vista: politico, economico, intellectual. Mas entregue pela falta de segurança republicana ás fantasias soldadescas, nada faz-nos prever que elle venha a sair da desordem e da decadencia em que vai mergulhando.»

— *A Politique Coloniale*, de 9 de Novembro, publicou em sua primeira columna o artigo que segue :

«Faltam-nos ainda pormenores exactos sobre as circumstancias em que foi praticado o attentado contra o presidente da Republica brasileira,

e que custou a vida do Ministro da Guerra; mas não é difficil reconstituir a genesis do crime.

O partido jacobino que se julga esclarecido porque está embebido das theorias positivistas mal comprehendidas e que não representa senão o cesarismo, a corrupção administrativa e o odio ao estrangeiro, nunca aceitou a derrota que lhe infligiu a eleição do Sr. Prudente de Moraes para a presidencia da Republica. O vice-presidente Sr. Manoel Victorino é um jacobino; e, na primavera quando o presidente, por doente, cedeu-lhe o poder, os jacobinos julgaram ter ganho a partida; mas o Sr. Prudente de Moraes voltou inesperadamente e reassumiu o exercicio do seu posto. Foi nessa occasião que houve no Rio algumas desordens provocadas pelos militares indisciplinados, sobre os quaes os jacobinos apoiam-se, fingindo duvidar do republicanismo dos seus adversarios. O Ministro da Guerra, marechal Machado Bittencourt, homem geralmente estimado e que, apesar dos seus antecedentes monarchicos, tinha francamente adherido á Republica, esforçava-se em vão para estabelecer a disciplina no exercito.

O marechal Bittencourt foi collocar-se á frente das tropas contra o Conselheiro; reorganizou-as e dispersou os bandos: deu o commando geral ao general Arthur Oscar, official

que, antes de sua chegada, dirigia a expedição e conservou-o assim afastado do Rio.

Apezar da fraqueza que impediu-o de realizar as suas boas intenções, o presidente Prudente de Moraes representava a ordem e a liberdade civil, e o restabelecimento de uma tyrannia militar não poderia senão agravar os males de que soffre o Brazil e trazer, em breve espaço de tempo, a fallencia e talvez um desmembramento da Republica.

Mas os jacobinos querem á força o poder; as eleições presidenciaes approximam-se e a candidatura do homem que, por suas altas qualidades, tinha merecido a estima dos melhores patriotas, o Sr. Campos Salles, fazia progressos apezar dos esforços tentados em favor do Sr. Julio de Castilhos, governador do Rio Grande ou do Sr. Lauro Sodré, antigo governador do Pará.

Foi nessas condições que deu-se o attentado, na volta das tropas reconduzidas pelo marechal Bittencourt.

Será um crime isolado ou estamos em presença de uma conspiração? Brevemente saberemos; e da solução que tiver a crise depende a sorte do Brazil.»

— O *Economiste Européen*, que goza aqui de merecida reputação, publicou com o titulo — «A situação no Brazil» — o seguinte artigo:

«Um attentado acaba de ser dirigido contra o presidente da Republica no Brazil, o Sr. Prudente de Moraes.

Na sexta-feira passada, no Rio de Janeiro, um soldado da guarnição disparou um tiro contra o presidente, no momento em que elle desembarcava no Arsenal de Marinha. O Sr. de Moraes não foi ferido, mas o Ministro da Guerra, marechal Bittencourt, tendo intervindo, recebeu uma punhalada e morreu do ferimento.

Este acontecimento grave produziu grande emoção nos mercados europeus, emoção que se traduziu em baixa sensível dos fundos brasileiros.

Convem dizer as coisas como ellas são. O triste attentado, que teve por consequencia a morte do general Bittencourt, é a obra do partido jacobino, que, ha algum tempo, não cessa de manter a agitação e procura fomentar desordens.

Foi esse partido que esforçou-se ultimamente em prolongar os acontecimentos da Bahia e lembram-se todos que o general Bittencourt, para pôr termo a uma tal situação, decidiu ir tomar em pessoa a direcção das operações.

Em tres semanas dominou o movimento, o que não lhe perdoavam os jacobinos.

Emquanto esse partido não procurou senão entreter uma agitação politica, o Governo foi tolerante, mas o acto recentemente praticado mostrou a que perigos o paiz estava exposto e o Sr. Prudente de Moraes, de quem se temia a fraqueza, deu prova de uma resolução que deve plenamente garantir-nos.

O que pode fortificar a resolução do presidente é que elle sente-se mais forte hoje do que anteriormente. Até aqui o Sr. Prudente de Moraes não podia contar na Camara senão com uma maioria de dois votos, maioria insignificante que impede de tomar qualquer determinação. Os ultimos acontecimentos já tiraram do partido jacobino cinco deputados que passaram para o partido do governo e lhe asseguram uma maioria de doze votos. Esse movimento tem imitadores e o presidente será appoiado por todos nas medidas que tomar para manter a ordem.

Do correspondente do *Jornal do Commercio* em Pariz, de 3 de Dezembro de 1897.

OS FUNERAES



OS FUNERAES



O acto do Poder Executivo, expedindo o Decreto, sob n. 2.672 de 5 de Novembro de 1897, em seguida publicado e no qual se determina — sejam feitos, á custa da Republica, os funeraes do Marechal Carlos Machado de Bittencourt, não constitue, tão sómente, uma prova de publica homenagem de reconhecimento nacional, como nelle se contém, á memoria querida desse grande e inolvidavel servidor da patria.

De envolta com o intuito primordial que presidiu esse acto, transparece o reflexo de um certo sentimento de nobreza moral, que eleva, sobremodo, a honra do proprio governo.

Esse sentimento... é o sentimento da justiça. E' em nome desta, que lhe devem ser prestadas todas as honras e homenagens a que elle fez jús pelo seu heroismo sobrehumano.

No sacrificio pelo bem da patria está a synthese de todas as virtudes publicas e privadas, e elle representou o mais bello exemplo do sacrificio!

Dêem, ás actuaes, instituições quantos *salvadores e consolidadores* quizerem: o que está na consciencia publica — o que attesta o consenso unanime dos brasileiros que amam a patria, é que — se esse grande e extraordinario soldado não se tivesse interposto, qual muralha inexpugnavel, no nefasto dia 5 de Novembro de 1897, entre o braço assassino e o peito do Chefe do Estado, salvando-lhe a vida á custa do seu proprio sangue, — o Brasil não poderia continuar mais a merecer dignamente o nome de Republica!

Esta é a grande verdade, que cumpre fique registrada para sempre!

Se a Republica conta grandes vultos, abnegados heróes... é esse o que avulta no primeiro plano.

Ninguem, jámais, o excedeu em nobresa d'alma, em lealdade e em dedicação pela causa publica.

Se os contemporaneos lhe regatearem o titulo de benemerito, a justiça da historia ha de sagral-o — immortal!

Dessa constellação de homens, que corporificam ainda o actual governo de que elle fez parte, e que mais uma vez se nobilitaram, selando com os seus nomes tão notavel documento politico, — constituia o mais brilhante nucleo aquelle que della se desprendeu!

Que importa que esse acto do poder publico pareça tão pequenino diante de tão grande divida?

Ha dividas que não se satisfazem nunca!...

Nem o governo, com o seu acto, pretendeu salda-la de uma só vez. Elle fez apenas a sua primeira amortisação, reconhecendo o debito, e nada mais.

E' que a insolvabilidade, em taes condições, constitue um dos maiores titulos de benemerencia de um povo !...

DECRETO N. 2.672—DE 5 DE NOVEMBRO DE 1897

Determina que os funeraes do marechal Carlos Machado de Bittencourt sejam feitos á custa da Republica

O Presidente da Republica :

Querendo prestar, em nome da Nação, publica homenagem de reconhecimento á memoria do marechal Carlos Machado de Bittencourt, Ministro da Guerra, que acaba de sacrificar a propria vida em defesa do representante do Poder Executivo da Republica ;

E tendo em vista os extraordinarios serviços do mesmo cidadão á sua Patria, tanto na paz, como na guerra, durante a sua longa e gloriosa carreira militar :

Decreta :

Art. 1.º Os funeraes do marechal Carlos Machado de Bittencourt serão feitos á custa da Republica.

Art. 2.º O Governo abrirá opportunamente o necessario credito, submettendo-o á approvaçãõ do Congresso Nacional.

Capital Federal, 5 de Novembro de 1897,
9.º da Republica.

PRUDENTE J. DE MORAES BARROS.

Amaro Cavalcanti.

Manoel José Alves Barbosa.

Dionysio E. de Castro Cerqueira.

Bernardino de Campos.

Enterro do marechal Bittencourt

O dia 6 de novembro de 1897 foi de rigoroso luto official, a que a população da cidade se associou.

O commercio fechou cedo as suas portas ; os navios de guerra estiveram de bandeira em funeral e a fortaleza de Santa Cruz salvou de quarto em quarto de hora.

A's 4 $\frac{1}{2}$ da tarde, realisou-se o sahimento do cadaver do marechal Bittencourt da casa de residencia de sua familia para o cemiterio de São João Baptista.

A sala de visitas da residencia do marechal estava transformada em camara ardente, completamente forrada de velludo preto.

Pendiam do centro do tecto para os quatro angulos da casa, largas fachtas de velludo da mesma côr.

Sobre uma rica eça, cercada de seis grandes tocheiros, estava o corpo do illustre militar, fardado de primeiro uniforme, tendo ao lado o chapéo armado.

Sobre o peito, do lado esquerdo, estavam diversas medalhas da campanha do Paraguay.

Um grande crucifixo de marfim repousava sobre o peito do Marechal que tinha as mãos apoiadas no mesmo crucifixo,

Durante a noite de 5 e o dia 6 até a hora do enterro, velaram o corpo os Srs. senador Severino Vieira, coronel Callado, major Botafogo, capitão Miranda Azevedo, tenente-coronel Martins, tenente Oliverio Vieira, Adolpho F. Bravo da Fontoura, Dr. João Pedrozo, alferes Galvão, Quintella e Abrahão, major Figueiredo Rocha, capitão Alonso Niemeyer, Dr. Arlindo de Souza e Dr. Diogo de Vasconcellos e pessoas da familia do illustre morto.

Pela manhã principiaram logo as visitas á residencia do Marechal.

Representantes de todas as classes sociaes alli foram prestar com as suas presenças homenagem ao grande servidor da Republica e consignar um solemne protesto contra o attentado aviltante que roubou á Patria um dos seus maiores

e mais dedicados defensores, e á familia um chefe honrado, digno e extremoso.

A' 1 hora da tarde, o Sr. Presidente da Republica, acompanhado dos Srs. Ministros da Fazenda e da Justiça e de seus ajudantes de ordens, visitou a familia do honrado militar, dirigindo palavras de consolo á sua Exma. viuva e ao abraçal-a disse que ella contasse com a sua dedicação, tanto quanto a elle fôra dedicado um bom e generoso amigo, o marechal Bittencourt.

O Sr. Dr. Prudente de Moraes estava bastante emocionado e as suas palavras eram repassadas de sinceridade e grande pezar.

A's 2 horas da tarde, a camara mortuaria estava cercada de corôas, grinaldas e ramos de flores artificiaes e naturaes.

A's 3 $\frac{1}{2}$, formou junto da residencia do finado, uma divisão dos corpos do exercito sob o commando do general Teixeira Junior, e as brigadas pelos generaes Leite de Castro e Marciano de Magalhães.

Um parque de artilharia foi postar-se junto ao cemiterio de S. João Baptista.

A rua dos Voluntarios da Patria estava completamente apinhada de povo, sendo para notar o grande numero de senhoras com toilette preto que esperavam a passagem do prestito.

Entre as muitas corôas, que eram em numero superior a 100 e que foram depositadas junto do

cadaver do Marechal em sua residencia, vimos até a sahida do enterro as seguintes :

« Ao Marechal Carlos Bittencourt o Governo da Republica », « Ao pranteado Marechal Machado Bittencourt o Arsenal de Guerra da Capital Federal », « Ao heroico Marechal C. M. Bittencourt a Escola Naval », « O Estado de Minas Geraes] ao Marechal Bittencourt, victima do dever », « Ao Marechal Bittencourt o seu estado-maior », « Ao velho amigo, F. P. Mayrinck », « Ao Marechal Bittencourt, a redacção da *Noticia* » ; « Ao Marechal Bittencourt, o *Jornal do Commercio* » ; « Ao Marechal Bittencourt, *O Debate* » ; « Ao heroico Marechal Bittencourt, o Arsenal de Marinha » ; « Ao Marechal Bittencourt, a Patria agradecida » ; « A meu esposo, saudade de sua esposa » ; « Saudades de seus filhos » ; « Saudades de sua filha e genro » ; « Lembranças de suas irmãs » ; « Ao Marechal Bittencourt, o Gabinete » ; « Ao leal e sincero amigo, Diogo de Vasconcellos » ; « Ao Marechal C. M. Bittencourt, a Directoria das Obras Militares » ; « Ao Marechal Bittencourt, o commercio da rua Moreira Cesar, entre Quitanda e Ourives » ; « Ao seu antigo e glorioso chefe, a Guarda Nacional » ; « Ao Marechal Bittencourt, a Companhia de Loterias Nacionaes » ; « A commissão dos funeraes, ao mallogrado Marechal Ministro da Guerra » ; « Ao Marechal Bittencourt, a *Gazeta da Tarde* » ; « Ao Marechal

Bittencourt, os negociantes da rua da Alfandega, entre Ourives e Uruguayana »; « Ao Marechal Bittencourt »; « Ao Marechal Bittencourt, a Faculdade Livre de Direito »; « Ao Marechal Bittencourt, o Alto Commercio »; « Ao marechal Bittencourt, homenagem do 10.º batalhão de infantaria »; « Ao marechal Bittencourt, os inferiores da brigada policial »; « Ao marechal Bittencourt, o pessoal do Correio »; « Ao marechal Bittencourt, a *Cidade do Rio* »; « Ao marechal Bittencourt, o Collegio Militar »; « Ao marechal Bittencourt, a União Civica »; « Ao marechal Bittencourt, o pessoal da Imprensa Nacional »; « Ao marechal Bittencourt, o Club dos Fenianos »; « Ao marechal Bittencourt, o Governo do Estado do Rio »; « Ao marechal Bittencourt, o coronel Dr. Diogo Fortuna »; « Ao marechal Bittencourt, a Contadoria da Guerra »; « Do cruzador *Almirante Barroso*, ao correcto militar »; « Ao marechal Bittencourt, a *Gazeta de Noticias* »; « Ao marechal Bittencourt, o marechal Niemeyer e familia »; « Do Corpo de Bombeiros á heroica dedicação do marechal Bittencourt »; « Ao marechal Bittencourt, a Repartição do Quartel-mestre general »; « Ao marechal Bittencourt, a Secretaria da Guerra »; « Da Escola pratica e 1.º batalhão de engenharia, ao marechal Machado Bittencourt »; « Ao marechal Bittencourt, o Corpo sanitario da armada »; « Prudente de Moraes ao seu dedicado amigo

marechal Bittencourt»; « Lembrança da familia de Thomaz Campos »: « Ao bravo marechal Machado Bittencourt, o Estado de S. Paulo »; « Ao marechal Bittencourt, os alumnos da Escola Militar »; « Ao marechal Bittencourt, o Centro Catharinense »; « Ao marechal Bittencourt, o commercio da rua do Mercado »; « Ao marechal Bittencourt, a Associação Commercial »; « Ao marechal Bittencourt, o 1.º regimento de cavallaria »; « Ao marechal Bittencourt, a *Republica* »; « Preito de virtude, Ernesto e Nenê »; « Ao marechal Bittencourt, o commercio »; quatro corôas com o seguinte distico: « A patria agradecida »; « Pessoal do gabinete do Ministro da Guerra »; « Lembranças de seus filhos »; « O Governador e a representação da Bahia »; « Ao martyr do dever »; « Ao marechal Bittencourt, o Estado do Ceará »; « Ao marechal Bittencourt, homenagem dos empregados do Lloyd Brasileiro »; « Ao marechal Bittencourt, o directorio republicano de Paquetá »; « José Gomes Machado ao bravo e heroico marechal Carlos Bittencourt »; « Ao marechal Bittencourt, o coronel Caminha »; « Do Instituto Technico Naval, Club Naval, Associação dos Homens do Mar, da Escola de Sargentos, officias e praças, e outras que nos é impossivel descrever.

Ao sahir o enterro da residencia do Sr. marechal pegaram nas argolas e cordões do caixão

os Srs. Ministro da Justiça, generaes Mallet, Cantuaria e Argollo, almirante Jaceguay, coronel Trompowski, major Portilho Bentes, capitão Jacques e seus filhos e até ao cemiterio revezaram-se com os Srs. generaes Cantuaria e Bayma, Dr. Arthur Rios e outros. Indistinctamente cavalheiros de todas as classes sociaes seguraram durante o trajecto nos cordões que prendiam o caixão.

O prestito partiu da residencia do finado, tomando a rua de S. João Baptista até o cemiterio.

Era enorme o prestito e nelle viam-se, além do Sr. Presidente da Republica, seu estado-maior civil e militar, todos os Srs. Ministros, varios membros do corpo diplomatico e consular, senadores, deputados, generaes de terra e mar, e grande numero de officiaes do exercito, marinha, guarda nacional, policia da capital e do Estado do Rio, corpo de bombeiros, das Escolas Superior de Guerra e Militar, da Escola Naval, Collegio Militar, representantes da Associação Commercial, banqueiros, negociantes, membros notaveis de todas as classes da sociedade reconhecendo-se, entre elles, pessoas da mais alta distincção.

Toda a imprensa estava representada por muitos jornalistas, *reporters* e pessoal administrativo.

Via-se que acompanhando o feretro ia grande numero de senhoras, trajando rigorosa *toilette* preta.

As duas ruas por onde o prestito passou estavam litteralmente cheias de povo.

Vinham á frente o Sr. vigario Monte, seu coadjutor e sachristão, conduzindo uma cruz de prata. Em seguida marchava o corpo de alumnos da Escola Militar, com a bandeira nacional em lucto e immediatamente após o esquife, em que estava depositado o corpo do marechal, conduzido por officiaes generaes e superiores, de terra e mar. Junto ao esquife marchavam o Sr. Presidente da Republica, sua casa civil e militar e seus ministros.

Atrás desses vinham as diversas corporações e particulares que conduziam corôas, na seguinte ordem :

Directoria Geral das Obras Militares, officiaes e corpo de alumnos da Escola Naval, officiaes e banda do regimento de cavallaria do corpo de policia, alumnos da Faculdade de Medicina com o respectivo estandarte, *Gazeta da Tarde*, Faculdade Livre de Direito, director, lentes e alumnos ; alumnos da Escola Polytechnica com o respectivo estandarte, pessoal do *Debate*, commissão do Club de Engenharia, corôa do « Alto Commercio Brasileiro », acompanhava uma commissão ; corôa « Homenagem do 10.º batalhão de infantaria » ; corôa dos inferiores da Brigada Policial, conduzida pelos mesmos ; corôa « A' lealdade e á bravura, o pessoal do Correio » conduzida por uma commissão

de empregados; Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro; Gymnasio Nacional (Internato), com o respectivo estandarte; officiaes da brigada Policial; banda de musica do 6.º de artilharia de posição; pessoal da *Cidade do Rio*, com o estandarte; commissão da União Civica; estandarte da Imprensa Nacional, acompanhado pelo respectivo pessoal e pelo do *Diario Official*; corôa «Commercio da rua da Alfandega», entre Ourives e Uruguayana, levada por uma commissão; commissão do Club dos Fenianos, «Ao Marechal Bittencourt (como socio honorario)»; Corretores de Fundos Publicos — «Ao bravo e heroico Marechal Machado Bittencourt»; Escola Superior de Guerra, «Ao Marechal Machado Bittencourt»; Asylo de Invalidos da Patria, representado por uma commissão de officiaes.

Ao chegar o prestito ao cemiterio, viu-se que era enorme a massa de cavalheiros e senhoras que procuravam approximar-se das grades.

Logo que o prestito começou a penetrar no portão principal, a multidão que alli se achava abriu alas para dar passagem, desde esse portão até além do Cruzeiro, proximo do local da sepultura.

Quando as primeiras pessoas do prestito chegavam á sepultura ainda as ultimas estavam na rua dos Voluntarios da Patria.

A sepultura que é no 1.º quadro, carneiro n. 1.107, estava adornada internamente de flôres.

naturaes e dentro della via-se. uma pequena grinalda de violetas naturaes com a seguinte inscripção «Ao nobre marechal, um civil».

Depositado o caixão no bordo do tumulo, acercaram-se delle os Srs. Presidente da Republica, Ministros, ministro do Chile, consules da Hollanda e do Perú, officiaes generaes, e alumnos das escolas de Medicina e Polytechnica com os seus respectivos estandartes.

Ao baixar o corpo á sepultura salvou o parque de artilharia.

Parou então o funebre cortejo ante o tumulo que devia receber o cadaver glorioso do inclyto marechal.

Fez-se um silencio ancioso.

Approximando-se então do tumulo, um representante da Escola de Medicina fallou em nome da mocidade academica brazileira :

— Nós, moços, disse o orador, amamos a liberdade, mas nunca pactuamos com a anarchia ; e ante este tumulo que se abre para receber o cadaver de uma victima do dever, todos nós nos prosternamos reverentes.

Este esquife, senhores, contém dentro de si muita honra ».

Fallou em seguida um representante da classe operaria.

Seguiu-se com a palavra o ardente tribuno Sr. Dr. Seabra. O distincto membro da maioria da

Camara dos Deputados fallou em nome da facção que apoia o governo do Dr. Prudente de Moraes, governo da honra e da lei.

S. Ex. fez ainda outras considerações de character geral sobre o actual momento historico da nossa vida politica e o som de suas palavras, de uma sonoridade metallica, casava-se ao ribombo dos canhões que troavam n'uma justissima apothese posthuma á memoria do grande morto.

Depois do deputado bahiano fallou o representante da Escola Polytechnica, Sampaio Corrêa.

O seu discurso foi muito applaudido pelos justissimos conceitos emittidos sobre a individualidade da victima de Marcellino Bispo.

Em ultimo logar fallou o nobre ministro da Justiça e Negocios Interiores, o benemerito Sr. Dr. Amaro Cavalcanti.

Eis, em synthese, o bellissimo discurso por S. Ex. proferido, á beira do tumulo :

« Marechal Bittencourt! Não é um discurso que venho fazer-vos neste ultimo adeus. E' apenas uma affirmação da dôr profunda que ora sentem os vossos companheiros de governo, e de que o vosso grande exemplo,— morrendo pelo cumprimento do dever—ha de ser a regra invariavel da nossa conducta.

Eu vos asseguro, por solemne compromisso, que os membros do governo de que fazieis parte

tão distincta hão de saber também cumprir o seu dever, todo o seu dever, para que a autoridade seja respeitada, e a justiça satisfeita, com a punição severa dos que cortaram a vossa preciosa vida, e ultrajaram a nossa patria!.... »

Acclamação ao Presidente da Republica

Apenas S. Ex. assomou á rua dos Voluntarios da Patria, o povo, que alli estava em compacta multidão, rompeu em acclamações, que só cessaram quando S. Ex. entrou na residencia do morto.

Ao ser informada de que o Chefe do Estado se achava de novo em sua casa, onde já estivera á 1 hora da tarde, a viuva do marechal Bittencourt, insistentemente por intermedio de uma de suas filhas e de um amigo dedicado da familia, mandou pedir-lhe por tudo que não acompanhasse o enterro. S. Ex. respondeu que lamentava não poder acceder ao desejo da desolada senhora que, em sua amargura e pela bondade de seu coração, não podia avaliar serenamente o dever que naquelle instante occorria ao Presidente da Republica.

Depois de ter acompanhado o cadaver e assistido á sua inhumação, retirou-se o illustre Chefe do Estado.

No cemiterio, entre homens e senhoras, havia para mais de trinta mil pessoas que, ao afastar-se S. Ex. do tumulo, romperam em acclamações, que foram crescendo á proporção que se approximava do portão principal.

O que ahi se passou é indescriptivel, não foi enthusiasmo, foi delirio: representantes de todas as classes sociaes, das mais elevadas ás mais modestas repetiram os vivas e acclamações durante um quarto de hora, querendo até alguns tirar os cavallos da carruagem.

Não houve ainda, aqui, exemplo de tão estrondosa e sincera manifestação. O Sr. Dr. Prudente ficou profundamente commovido e teve a certeza que este povo confia no seu governo, em que o que predomina é o respeito inviolavel á Constituição da Republica.

A affronta feita á nação no dia 5, no Arsenal, encontrou o mais solemne protesto de reprovação, na delirante ovação do dia 6. O povo pelos seus mais legitimos representantes, proclamou bem alto a sua adhesão e o seu devotamento ao Chefe do Estado.

E' com essas manifestações que se ha de firmar a Republica, zombando-se daquelles que procuram impatrioticamente perturbar-lhe a marcha.

A sala de visitas da casa do pranteado Marechal foi transformada em camara ardente. Ahi repousava no centro, em caixão de primeira classe, o corpo do valoroso soldado, guardando physionomia tão calma, tão serena, que dir-se-hia dormir apenas um somno de descanço temporario. Accordámos dessa illusão, no vacuo immenso que ha dois dias se fórma em torno de nós, pela musica plangente dos soluços entrecortados de dôr, quebrados na garganta de sua desolada familia e dos amigos que cercavam aquelles despojos sagrados.

Na sala, por todos os cantos, espalhadas innumeradas corôas de saudades.

Entre as que estavam alli e as que foram mandadas directamente para o cemiterio, pudemos notar rica corôa de saudades e amores perfeitos róxos, enlaçadas pelas côres nacionaes, envoltas em crépe.

Das largas fitas pendentes lia-se — *Ao heroico marechal C. M. Bittencourt* — A Escola Naval.

A corôa do Estado de Minas, em fórma de um grande circulo de mais de dois metros de diametro e composta de muitas e variegadas flôres. No centro, no fundo de velludo preto em letras douradas lia-se a seguinte inscrição — *O Estado de Minas Geraes ao marechal Bittencourt, victima do dever*. A esplendida corôa do estado-maior do grande morto, uma das de mais gosto que vimos. Entre todas salientava-se esta, que quasi resumia

em si as saudades e o luto da patria, pois lá estava o nosso pavilhão todo envolto em crépe. Nas largas fitas de gorgurão rôxo havia os seguintes dizeres: — *Ao marechal Bittencourt — Seu estado-maior.*

Além destas, muitas outras destacámos pelo luxo, pela riqueza e bom gosto com que estavam feitas.

Podemos citar:

« Saudades eternas do Marechal Niemeyer e familia — *Ao leal soldado e companheiro de armas* ». — Corôa de metal com fitas verdes e amarellas.

Corôa de saudades e amores perfeitos — *Lembrança da familia Thomaz Campos. Saudades de uma amiga* — Fita preta, rosas brancas e rôxas.

Estado de S. Paulo. — Rica corôa de saudades. *Ao velho amigo* — F. P. Mayrink.

Ao Marechal Bittencourt — A redacção d'*A Noticia*.

Ao Marechal Bittencourt, o *Jornal do Commercio*.

Ao Marechal Bittencourt, o *Debate*.

Ao heroico Marechal Bittencourt, o Arsenal de Marinha.

Ao Marechal Bittencourt, a Patria agradecida.

A meu esposo.

Ao Marechal Bittencourt, a Secretaria da Guerra.

Ao Marechal Bittencourt, o Gabinete.

Saudades de sua esposa.

Saudades de seus filhos.

Saudades de sua filha e genro.

Lembranças de suas irmãs.

Ao leal e sincero amigo. — Diogo de Vasconcellos.

Ao Marechal C. M. Bittencourt, a Directoria Geral de Obras Militares.

Ao Marechal Bittencourt. — O Commercio da rua Moreira Cesar, entre Quitanda e Ourives.

Ao seu antigo e glorioso chefe. — a Guarda Nacional. (*)

EXEQUIAS

CONVITE

A commissão encarregada dos funeraes do Marechal Carlos Machado de Bittencourt convida a seus parentes, ao Congresso Federal, Armada, Exercito, repartições e corporações civis e militares e aos amigos e admiradores do finado para assistirem ás exequias que serão celebradas na igreja da Santa Cruz dos Militares, ás 10 horas do dia 12 do corrente.

Não ha convites especiaes.

Capital Federal, 9 de Novembro de 1897.
Presidente, general *Francisco de Paulo Argollo.* —

(*) Da *Noticia.*

General *Alexandre Marcellino Bayma*. — General *Francisco Manoel das Chagas*. — General *Carlos Corrêa da Silva Lage*. — Coronel *Alfredo Carlos Müller de Campos*.

*
* *

Nova e significativa demonstração de pesar pela morte do marechal Bittencourt, victima da sua dedicação, deu hontem a população desta cidade na missa mandada celebrar pela familia do illustre morto na igreja de S. Francisco de Paula.

Da familia do marechal compareceram seus filhos e genro, não tendo podido fazel-o a sua virtuosa esposa.

O vasto templo ficou litteralmente cheio e muitas pessoas conservaram-se nos corredores, por não encontrarem logar dentro.

As musicas da brigada policial, do 9.º regimento de cavallaria e do corpo de bombeiros executaram marchas funebres durante o acto religioso.

Estavam presentes os Srs. ministro do interior, da fazenda, das relações exteriores, da marinha, e Dr. chefe de policia, tendo se feito representar os Srs. presidente da Republica, ministro da guerra e ajudante-general do exercito.

Na impossibilidade de dar os nomes das pessoas que estiveram presentes, podemos assegurar que nenhuma classe social deixou alli de

ter representantes, e por isso n'aquelle concurso immenso viam-se sacerdotes, senadores, deputados, officiaes, generaes, superiores e subalternos de terra e mar, officialidade da guarda nacional, policia e bombeiros, funcionarios publicos de todas as categorias, magistrados, banqueiros, capitalistas, negociantes, industriaes, medicos, engenheiros, advogados, representantes de grande numero de associações, da classe operaria, da imprensa e de outras classes e crescido numero de senhoras.

Foi celebrante da missa da familia, monsenhor Amorim, governador do arcebispado.

O capellão-mór do exercito, reformado, padre Colona, celebrou tambem um missa mandada dizer por aquelles que serviram no gabinete e ás ordens do illustre morto.

— Se na missa as manifestações foram significativas, não menos o foram nas exequias realisadas na igreja da Cruz dos Militares, que tiveram a maior solemnidade.

Das portas da entrada da igreja pendiam largas cortinas de velludo preto com orlas de galão dourado, e da sacada da frente cahia longa colcha da mesma fazenda. Aos lados erguiam-se duus bandeiras nacionaes cobertas de crepe.

A's 9 horas da manhã era enorme a concurrencia na rua Direita, em frente á igreja que já a esta hora estava completamente cheia.

As portas da igreja eram guardadas por praças do exercito com armas em funeral, e no corredor que dá para a sachristia estava postada a banda de musica do regimento de cavallaria da brigada policial.

Na nave principal da igreja erguia-se um magestoso catafalco, ladeado por treze tocheiros.

O catafalco, que tinha cerca de treze metros de altura era composto de cinco degrãos, cercado de cyriaes tocheiros e serpentinas, tendo na extremidade do primeiro degrão quatro pyras.

Forrado completamente de velludo preto, via-se no alto do catafalco um lanternim, tendo dentro um caixão coberto de velludo negro e atravessado por uma cruz dourada, e ao lado a bandeira nacional envolvida em crépe.

Na frente do catafalco via-se no centro um artistico trophéo composto de todas as armas usadas pelo nosso exercito, coberto de crépe e um pouco abaixo, sobre um pequeno pedestal, o chapéo armado, as dragonas e espada do marechal tambem cobertos por longo crépe.

No chão, dispersas, viam-se grande quantidade de armas cobertas de crépe e aos lados um pequeno canhão e uma metralhadora. Do tecto da igreja partia em forma de cruz, com as pontas presas junto dos altares, larga facha de velludo preto.

Os altares e as portas tinham cortinas de

velludo preto e no côro grande colcha da mesma fazenda.

No arco da nave pendia larga cortina preta aberta para os lados com grande quantidade de lagrimas prateadas.

O assoalho do templo estava tambem atape-tado de preto.

A missa foi solemne, sendo celebrante mon-senhor Peixoto e a orchestra compunha-se de 60 professores.

A familia do pranteado marechal, represen-tada por tres filhas solteiras, uma filhinha e o genro Dr. Pedroso, com sua Exma. senhora, occupava a ultima tribuna á esquerda. Na pen-ultima e ultima á direita estiveram as familias do marechal Jardim e do capitão de mar e guerra Velho Junior.

O Sr. presidente da Republica não compa-receu, mas foi representado pelo seu official de gabinete Borges da Cunha e pelo ajudante de ordens tenente Pedro de Frontin.

Todas as vezes que o som de uma corneta era ouvido, o povo corria para o lado de onde vinha o som, suppondo que era o Dr. Prudente de Moraes que chegava.

Estiveram presentes todos os Srs. ministros.

O Senado Federal esteve representado pela Mesa e mais pelos senadores Rosa e Silva, Bel-fort Vieira, Gonçalves Ferreira, Wandenkolk, Pau-

lino Horn, Generoso Ponce, Coelho e Campos, Lauro Sodré, Cruz, Severino Vieira, Gonçalves Chaves, Azeredo, Fernando Lobo, Virgilio Damazio e Thomaz Delfino.

Da Camara dos Deputados, além do presidente, Dr. Arthur Rios, e secretario, Julio de Mello, vimos mais os Srs. Luiz Domingues, Heredia de Sá, Augusto de Vasconcellos, Calogeras, tambem representando as municipalidades de Ouro Preto e Uberaba, Ildefonso Alvim (pelo governo municipal de Palma e pelo *Correio da Palma*), Ildefonso Lima, Arthur Torres, Trindade, Silva Castro, Torres Portugal, Marinho de Andrade, Tosta, Silva Mariz, Vergne de Abreu, Miguel Pernambuco, Paranhos Montenegro, Adalberto Guimarães, Ermirio Coutinho, Pereira de Lyra, Seabra, Julio dos Santos, Fonseca Portella, Cornelio da Fonseca, Bezerril Fontenelle, Paula Guimarães, Mello Rego, Gonçalves Ramos, Herculano Bandeira, Caracciolo, Francisco Veiga, Malaquias Gonçalves, Rodolpho Paixão, Deocleciano de Souza, Pimentel Barbosa, Lamartine, Angelo Netto, Euclides Malta, Barros Franco Junior, Ernesto Brazilio, João Vieira, Geminiano Brazil, Rodrigues Doria e Teixeira de Sá.

— A assembléa legislativa do estado do Rio de Janeiro fez-se representar nas exequias do marechal Bittencourt por uma commissão composta dos Srs. Sá Earp, Martins Torres, Fleury

de Barros, Silva Castro e Bezamat, que apresentou pezames á familia do finado.

O Sr. presidente do estado do Rio de Janeiro, Dr. Mauricio de Abreu, fez-se representar nas exequias do marechal Bittencourt por seu ajudante de ordens capitão Eduardo Pinheiro.

— Os secretarios do interior e justiça, obras publicas e finanças do estado do Rio fizeram-se representar nas exequias do marechal Bittencourt pelos seus officiaes de gabinete tenente João Bicalho, Julío Seabra e João Carneiro.

— O Sr. Dr. Manoel Victorino, vice-presidente da Republica, não podendo comparecer, por enfermo, fez-se representar nas exequias por seu irmão o Sr. coronel Victorino José Pereira.

Estiveram presentes os Srs. ajudante general e quartel-mestre generaes : Jeronymo Jardim, Candido Costa, Pimentel, Fonseca Lessa, Tude Neiva, Justino da Rocha e Almeida Barreto ; generaes : Moura, Paula Argollo, Costa Guimarães, Bayma, Chagas Doria, Carlos Magno Cesario Alvim, Pereira Guimarães, Lage, Borges da Costa, Pereira Junior, Albino Rosiere, Marciano de Magalhães, Costallat, Luiz Tavares, Mello Rego, Bragança, João Manoel de Lima e Silva ; coroneis : Souza Aguiar, commandante do corpo de bombeiros, Neiva, director do arsenal de guerra, Alfredo Leal, Cordeiro Jatahy, Silva Torres, representando a guarnição do Pará, Bibiano Ruas, Silva

Fontes, Ferreira Campello, Continentino, commandante da 4.^a brigada da guarda nacional, Fontoura commandante do regimento policial do estado do Rio, Torquato Costa, Salles, commandante da fortaleza de S. João, Lino Junior, Franco Velloso, Fragoso, Affonso Leal, Goldschmidt, Keil, Coriolano Colonia, Rocha Calado, Benevenuto de Magalhães, Vieira Junior, Luiz Ribeiro, João Cancio, João Velho, Ricardo Fernandes, José Manoel da Silva, Silverio Pimentel, Ribas, Olympio da Silveira, Alfredo Carlos Misler, commandantes e officialidade do 1.^o e 23.^o de infantaria, 1.^o e 9.^o de cavallaria, 2.^o e 6.^o de artilharia, tenentes-coroneis Agricola Pinto, Francisco Fonseca, Muniz Freire, Paiva Junior, Carrilho, Mello e Souza, Manoel Francisco, Osorio de Paiva, Nascimento Silva; majores Drs. Manoel de Figueiredo, e J. Botafogo, Coimbra, Carvalhes Pinheiro, A. Fonseca, Dr. Teixeira de Mello, Bibliotheca Nacional, Dr. Mendes da Rocha, director da Estatistica, Dr. Henrique José Alves da Fonseca, engenheiro das obras do ministerio da justiça, Dr. Antonio Augusto da Silva Junior, Dr. Paulo de Frontin, coronel Souza Aguiar, commandante do corpo de bombeiros, tenente-coronel Bento de Barros, Dr. Paula e Silva, Fernandes Barros e Luiz Berquó, inspector, chefe de secção e guarda-mór da alfandega; Drs. João Baptista de Lacerda e Domingos Sergio de Carvalho, director e secretario

do museu nacional ; Dr. Borges da Costa, director do laboratorio nacional de analyses ; Dr. Duarte Silva, tabellião Belmiro Moraes, capitão tenente Enéas Ramos, major José Pereira Carneiro, Dr. João Manoel Carlos de Gusmão, por si e pela faculdade de sciencias juridicas e sociaes, bacharel Alexandre Soares de Mello, Dr. Valeriano Lima, Dr. Amaro Figueiredo, major Francisco Pinheiro de Carvalho, tenente Carlos Alberto do Espirito-Santo, Dr. Gabriel Luiz Ferreira, major Antonio Lopes Teixeira, commissão da intendencia da guerra, major Veiga Cabral e o pessoal da 5.^a secção dos correios, commissão do Club União Commercial, major Antonio Theodoro da Silva Costa, commissão da sociedade Propagadora das Bellas-Artes e Lyceu de Artes e Officios, commissão da faculdade livre de direito, alferes Raul Queiroz, general Mello Rego, Augusto Elysio de Souza, capitão Arlindo de Souza, João Duarte Nunes Netto, Dr. Crockat de Sá, tenente Carlos Crockat de Sá, João Pina Machado, representando a *Gazeta Commercial e Financeira*, Dr. Arrochellas Galvão, pessoal do gabinete do Sr. ministro da guerra, directoria central do partido republicano federal, representado pelos Srs. Dr. Gabizo, Alves Barbosa, Heredia de Sá e Lins de Vasconcellos, commissão da Sociedade Geographica do Rio de Janeiro, representada pelos Exms. Srs. barão de Pereira Franco, conselheiro Araripe, Faria Lemos,

Oliveira Catramby, tenente-coronel José Victorino da Rocha, Adelino Rosa, do Centro da Colonia Portugueza, marechal Bernardo Vasques, Dr. Carivaldo Chavantes, Dr. Queiroz Lima, José Pires Machado Portella, Dr. Paula Freitas, Saturnino Diniz, Raul Cunha P. da Silva, do collegio Paula Freitas, general Pimentel, capitão Luiz A. M. Pereira Pinto, Carlos Menezes, Conrado Niemeyer, commissões da *Revista Spirita*, do C. B. Prudente de Moraes, e centro Spirita, Dr. Antonio de Magalhães da Silva, Dr. Victor David, Luiz Dias Carneiro, S. R. Marcello, Carlos Machado, L. M. Barbacenense, Sociedade Musical Fraternidade B. da C. Portugueza, general Costa Pimentel, comissão do collegio Miranda, Dr. Francisco Lins Ayque de Meira, por si e pela camara de S. P. de Itabapoana, no Espirito-Santo, onde é juiz de direito, Dr. Elysiario Fernandes da Silva Tavora, juiz substituto de S. Rita de Cassia em nome da magistratura mineira, tenente Sergio de Hollanda, como representante dos fazendeiros do Ceará, Dr. Belisario Fernandes da Silva Tavora, representante da redacção do *Ceará*, Dr. Solon Pinheiro e Domingos Olympio em nome do partido republicano do estado do Ceará, comissão do pessoal civil do hospital militar, general Dr. Alexandre Marcellino Bayma, coroneis Elyseu Guilherme da Silva, Caetano Xavier Neves, tenente-coronel José Fernandes Martins, capitão Septimio

Werner, tenentes Manoel Machado e Nepomuceno Costa pelo Partido Republicano Catharinense, 1.º tenente Dr. Theophilo Nolasco de Almeida, capitão Emilio Simas, Edgard Schutel, Euzebio Vieira, pelo centro Catharinense da Capital, Araujo Figueiredo, Brigido Peixoto e J. A. de Souza, pelo Centro Catharinense de S. Paulo ; os Srs. Fausto Werner, Veiga Junior, Moysés Magalhães e Ezidoro Berlink, telegrapharam ao Sr. capitão Septimio Werner pedindo que os representasse nas exequias do marechal Bittencourt ; coronel Theophilo Soares Gomes, Drs. Ubaldino do Amaral, Manoel Corrêa de Freitas pelo partido Republicano Paranaense e Club de Paranaguá.

— A directoria da companhia do Lloyd Brasileiro, querendo tambem testemunhar os seus sentimentos pela morte do heroico marechal Carlos Machado Bittencourt fez nomear a seguinte commissão dos operarios das suas officinas :

José Agostinho da Silva, Manoel Antonio de Paula Silva, Arthur Francisco Dionysio, J. Francisco Felippe dos Santos, João Climaco dos Santos, Joaquim Mendes Teixeira, Antonio de Freitas Maciel e Eduardo João Newton.

— O Partido Operario de S. Christovão, fez-se representar pela seguinte commissão :

Joaquim dos Reis Pereira, Ennes Oscar de Magalhães, Domingos José de Paiva, e Manoel Alves.

— Confederação Operaria :

Francisco Pereira de Lacerda, Fidelis José Marques, José M. Pereira da Silva e Luiz Alves Ribeiro.

Devem-nos ter escapado muitos nomes pela impossibilidade de verificar no meio de extraordinaria multidão.

No livro de assignaturas havia mais de mil e duzentas.

Toda a imprensa da capital teve representante e muitas folhas dos estados, entre estas o *Correio Paulistano* pelo tenente-coronel Senna e o *Diario da Bahia* pelo Sr. Aderne, *Diario de Noticias* da Bahia, pelo Sr. Sergio de Carvalho, o *Municipio* de Minas, pelo Dr. Calogeras e o *Estado de S. Paulo* pelo Sr. Oscar Rosas.

A solemnidade terminou ao meio-dia. O 10.º batalhão de infantaria deu a guarda de honra á porta.

Da Bahia recebemos o seguinte telegramma :

Imponentes exequias conselheiro governador mandou celebrar hoje convento religiosos franciscanos memoria benemerito marechal Bittencourt. Toda Bahia desde mais elevado representante até mais humilde cidadão compareceu templo render illustre morto preito piedade christã prova grande estima esta terra votava ao glorioso soldado. Patente sentimento pesar notava-se todos assistentes concluida solemnidade conselheiro

Vianna recebeu numerosas condolencias morte marechal. Brigada commando coronel Saturnino Ribeiro prestou devidas homenagens. De espaço a espaço o forte S. Marcello atirou durante exequias. Repartições publicas, commercio fecharam demonstração pezar. Edificios, jornaes, sociedades, repartições publicas hastearam bandeira funeral, *Jornal do Brazil*, *Gazeta de Noticias*, *Jornal do Commercio*, *O Paiz* e *Debate* dessa capital estiverem representados.

A Junta Commercial do estado de S. Paulo telegraphou aos Srs. Drs. Bernardino de Campos, Cincinato Braga e Manoel de Moraes Barros, pedindo que apresentassem á viuva e á familia do marechal Bittencourt as suas mais sinceras condolencias pela perda de tão distincto chefe de familia, briosio militar e gloria do exercito brasileiro. (*)

(*) Do *Jornal do Commercio*.

A APOTHEOSE



A APOTHEOSE

Esta é a pagina, especialmente, consagrada á gloria daquelle, cuja memoria santa inspirou este livro.

Inaugurando-a, sinto como que descerrarem-se as cortinas de um templo, em cujo centro se destaca redivivo o vulto bronzeado de um heróe !...

Oh ! como se ostenta radiante, neste momento, a eterna e silenciosa morada dos mortos !

Que estranha e sublime methamorphose !...

Não é uma necropole povoada de cyprestes... é um acampamento marcial que se apresta de armas em funeral, para receber em seu seio os despojos preciosos do mais bravo, do mais leal, do mais glorioso dos seus chefes..

Por entre cantos de aves e chuva de flores, as collinas que circumdam essa morada e que parecem beijar as nuvens, vão pouco e pouco se povoando de curiosos, de velhos, de moços e de creanças, afim de assistirem á grande cerimonia civica que alli se vai celebrar, como o maior e mais solemne protesto de indignação e de dôr

de que jámais se viu possuida a consciencia de um povo.

Tocam os clarins o signal de alarma ! Ouve-se aqui, alli, além, ao longe, das bandas do oriente, um ribombar unisono de protestos e de acclamações, que cortam todo o espaço e que repercutem, como um sussurro subterraneo, pelos valles e pelas montanhas...

E' o oceano humano que murmura...

Abrem-se, de par em par, as portas do templo !... O povo, em romaria, invade-o como o mar invade os continentes e sepulta-os em suas ondas.

Ahi demóra o seu tumulo, qual Saturno, circumdado de estrellas e de anneis luminosos ! E' o mais bello monumento da patria ! Circumda-o a multidão immensa, que se curva para beijal-o !

Ha 19 seculos, se repetem cerimoniaes identicas em torno do tumulo do Christo !

Peregrinos, procedentes de todos os pontos da terra, alli vêm, em immensas caravanas, atravessando os desertos e os mares, depôr as suas oblações e os seus osculos ...!

Ainda alli se ostentam, pairando sobre as quatro collinas, transfigurados pela mão do tempo, como que para presidirem áquellas solemnidades e attestarem a scena da agonia do Homem-Deus — no *Jardim das Oliveiras* — os eternos monumentos da desolada *Sião* !...

Ainda alli deslisa e desfere os seus gemidos, ao lado de Gethsemani, onde repousa o templo do *Santo Sepulchro*, a harmoniosa torrente de *Cedron!*...

Eis o mais bello exemplo da piedade christã, transmittido ao mundo pela tradição e pela fé!...

Que esse glorioso exemplo nos inspire a todos, afim de que possamos, pela piedade civica, fazer desse outro tumulo — um outro *Santo Sepulchro!*...

Elle não guarda, simplesmente, em si o corpo de um heróe... Repousa tambem ahi um martyr!...

Quem o diz e proclama — não é o verbo ignorado que, neste momento, se exprime: é um genio da tribuna, é o mais eloquente e inspirado dos oradores do nosso tempo. (*)

« Quando o povo quer exercer dignamente os seus protestos, pratica o que fez no enterro do marechal Bittencourt.

« Achava se presente o orador quando se acabava de dar á terra os ultimos restos do heróe!

« E elle perdoe ao orador dar-lhe o nome de heróe, e a sua memoria sagrada releve applicar-lhe um nome tão profanado nestes tempos, mas heróe elle foi! Corporisou o heroismo na sua expressão

(*) Ruy Barbosa?

mais sublime e inquestionavel, dando a sua vida pela de outrem.

« Ahi sobretudo é que se admira o soldado; ahi principalmente é que se affirma a grandeza da profissão militar.

« A coragem de dar a morte, essa póde ser do heróe, mas é tambem do covarde. A coragem de saber morrer, esta é só de heróe.

« E quando a coragem de saber morrer se junta á de dar a vida pela de outrem, o autor de tamanho sacrificio não é só o heróe, é o martyr, é o santo!

« Oh! como a farda resplandece formosa sob este exemplo sublime!

« O heróe cujo corpo alli se acabava de dar á terra, podia ver do cimo daquelles morros onde ficava sepultado para o descanso eterno, um espectáculo digno dos grandes sacrificios consummados na sua pessoa.

« A multidão immensa, fremente, rompendo em um delirio de bravos, de applausos, de saudações ao Chefe do Estado, commovida, em uma confusão indescrictivel, da qual póde o orador dar testemunho, porque foi parte nella, porque acompanhou-a com as suas palmas.

« Echo singular de uma tristeza que não tinha outro meio de affirmar os seus protestos, de manifestar seus sentimentos, de affirmar as

grandes indignações... contra o crime perpetrado e contra os perigos iminentes.

E' assim que o povo exerce dignamente os seus direitos ».

A morte jámais teve, no mundo, mais eloquente apothose !...

E' preciso pisar de leve, para não perturbar-lhe o somno...

Minha missão, aqui, limita-se a vigiar-lhe a campa, qual sentinella perdida, para que não lhe roubem, durante a noite, os diamantes que brilham no chão que lhe cobre o corpo.

O viandante solitario ou estrangeiro que por alli passar, a horas mortas, e quizer prestar-lhe algum piedoso officio, não julgue poder surprehender-se com alguma inscripção identica á da lapide do fundador do Imperio Persa, tão preconizada por Alexandre, o grande !...

O tumulo de que se trata não tem inscripção alguma ; acha-se, apenas, sepultado sob uma montanha de flôres !...

O maior serviço que lhe podereis prestar—é regal-as, como nós, com as vossas lagrimas, para que ellas não murchem nunca !...

O trecho que se segue extrahimol-o do editorial da *A Aspiração*, do dia 26 de Novembro, órgão dos alumnos do Collegio Militar.

E' mais um ramalhete colhido nos jardins da alma virgem da infancia e que vem juntar-se ás demais grinaldas, para augmentar-lhes o aroma.

No procedimento de crianças que assim pensam e sentem, está o mais honroso elogio de seus mestres.

E' assim que se educam e se formam os grandes cidadãos.

«Está escripta a epopéa! e o baque desse corpo sagrado sobre o solo brasileiro repercute na alma nacional e, mais particularmente, no coração da infancia, como o exemplo da bravura, entidade que se não define na linguagem humana, mas que os heróes encarnam em suas acções valorosas.

Tumulo que te abriste para seres o cofre desse thesouro de honradez e de gloria, tumulo que guardas a victima cujo sangue ainda quente no seio da terra clama o amor á lei e ao cumprimento do dever; tumulo de cadaver que vive na nossa consciencia e na nossa lembrança, abre-te ao povo quando elle esquecer o seu passado e deshonnar o seu presente antepoñdo-nos a um futuro incerto de que não somos dignos!

Tumulo do mais moderno dos martyres da Republica, do mais devotado dos soldados e do mais sublime dos apóstolos do amor ao sacrificio e ao martyrologio, tu és o ponto de convergencia de todas as nossas devoções, de todas as nossas esperanças, assim como o nosso protesto contra o roubo que se quer praticar de nossas tradições de paz e amor!»

O INCOMPARAVEL

A' memoria do marechal Carlos Machado de Bittencourt

Foi numa praça d'armas. Somnolentos
Jaziam os canhões enfileirados,
Como grandes leões, mudos, cançados
De rugir alto — em tempos de pavor...
E por entre pyramides de balas
Scintillavam ao sol as bayonetas,
Ao clangor das metallicas trombetas
E ao rufo retumbante do tambor.

Foi numa praça d'armas. Sobranceiro,
Imperturbavel, calmo, descuidado,
Assoma o Chefe da Nação, — cercado
Do respeito e da estima popular ;
O Ministro da Guerra, heroico e nobre,
Vai ao seu lado, attento e vigilante,
Tendo no peito um coração gigante,
Tendo um reflexo d'alma em seu olhar.

Nisso, dentre as fileiras estendidas
Salta um feroz e tético malvado,
Que arroja ao lodo a farda do soldado,
Transformando o seu sabre num punhal !...
Tenta assaltar o venerando vulto
Do zelador da Lei e do Direito :
E encontra aberto o generoso peito
Do nosso incomparavel Marechal.

Incomparavel, sim ; que não se encontra
Na historia antiga ou na moderna historia
Quem, numa auréola de tão viva gloria,
Tenha quebrado a pedra tumular...
Elle surgiu da morte — redivivo,
Numa attitude de Titão lendario,
Ostentando-se firme e solitario
Como um rochedo na amplidão do mar.

No cumprimento do dever, é nobre
Jogar a vida em lances de heroismo ;
Altas lições de impávido civismo
Dão os heróes de todas as nações ;
Mas — morrer na defeza de um amigo,
Quando esse amigo symbolisa um povo,
Eis um exemplo singular e novo,
Eis a maior de todas as lições !

Rio, 12 de Novembro, 97.

MUCIO TEIXEIRA.

SUR UNE TOMBE QUI S'OUVRE

O' tristesse ! ó misère ! ó honte ! ó désespoir !
 Faut-il donc terminer ce siècle dans ce noir
 Du meurtre que dans l'ombre un monstre prémédite ;
 Et reculer d'horreur devant l'œuvre inédite ?
 Et chaque nation va-t'elle avoir au front
 Cette tache exécration ? faudra-t'il que l'affront
 Soufflete chaque jour et que ce mot vil « traître »
 S'inscrive flamboyant à la face de l'être ?
 Va-t'il falloir, toujours l'œil et l'oreille angust,
 Redouter une balle ou craindre le stilet ?
 Ne va-t'il plus avoir dans ce monde ou nous sommes
 Que des fauves, flairant le sang, et non des hommes ?
 En quel obscur cahos roulons-nous donc, Seigneur !
 Pourquoi l'Humanité choit-elle en cette horreur ?...

.....
 O' sombre ambition, désir insatiable,
 C'est donc avec du sang qu'on écrit sur ton sable !
 Et peux tu, pour vaincre en tes triples desseins,
 Avoir d'autres recours que des bras assassins !
 Vois, dans ta rage folle autant que ténébreuse,
 Vois ce que tu détruis ! Au cimetière on creuse
 Une tombe au héros épargné par le fer.
 Et le feu des combats. C'est ton suppôt d'enfer
 Qui frappa le martyr, croyant plus haut atteindre !
 N'as-tu pas de remords de voir tes mains se teindre
 De tout ce noble sang ; n'entends-tu pas des pleurs,
 Vois-tu pas ces enfants ?... eh bien, ce sont les leurs !
 Ce sont ceux de la veuve !

.....
 Un jour, tout se découvre :
 Le pauvre en son terrier, le puissant dans son Louvre,
 L'un ou l'autre diront aux temps la vérité :
 Et tu seras maudite en ta férocité.

Rio, 6 de Novembro de 1897.

ROSE MÉRYSS.

O DESAGGRAVO

O povo desta capital demonstrou, hontem, solemnemente, não só a mais exacta comprehensão do dever civico e da honra militar, rendendo a mais tocante e magestosa homenagem á memoria do marechal Bittencourt, mas tambem a sua inteira e sincera conformidade com a politica tolerante e constitucional do venerando Sr. Prudente de Moraes.

Não houve coração leal que não tomasse lucto pelo morto e não demonstrasse jubilo pela miraculosa salvação do varão sem mancha, que preside com tanto sacrificio os destinos da patria.

A hypocrisia é a ultima homenagem do mal ao bem, e do vicio á virtude, e tambem aquella viu-se obrigada a associar-se ás manifestações da dor nacional. Os que têm a co-auctoria moral do attentado, na expressão feliz e precisa do Sr. Severino Vieira, viram que não podiam confessar alto o criminoso contentamento pela germinação da semente de barbaria, que desde muito regavam com os perdigotos e a tinta dos seus discursos e dos seus artigos.

O povo inflingiu a mais estrepitosa condemnação ao seu processo, reivindicando os seus justos creditos de amor e fraternidade, quer acompanhando em massa o feretro do soldado lendario, quer acclamando delirantemente o santo

filho do povo, que se serve do governo, não para a vindicta e a opressão, mas para a misericórdia e a liberdade.

O espirito republicano foi, hontem, inequivocamente desaffrontado. A solidariedade do povo com a desolação da familia do Grande Marechal, o marechal de ouro, como o acclamou a multidão, e com a amargura e o reconhecimento do governo, pela perda de um companheiro, que era um exemplo de desinteresse, de patriotismo e de honra, demonstra a refractabilidade do coração brasileiro ao virus rabico do jacobinismo.

Sim, não estamos contaminados, nós o povo.

Os dentes envenenados da guerra civil apenas nos dilaceraram as carnes; não tiveram força para expellir do nosso organismo social a alma bondosa e justa, que o martyrio secular de uma raça e o sangue dos martyres republicanos, immolados pelo imperio e pela dictadura nos formaram por uma longa elaboração de soffrimentos e heroismos.

A lapide da sepultura do marechal de ouro tornou-se a pedra fundamental da verdadeira Republica. Morrendo pelo chefe do Estado, o Carlos Machado da intimidade dos velhos camaradas, semelha-se a Tiradentes, recebendo presenteiro a excepção que a mais brutal crueldade lhe abrira, condemnando-o a padecer sósinho a morte, com que o Reino se saciava.

Foi a mesma abnegação republicana que inspirou, no lance derradeiro, o heróe que pranteamos.

Tiradentes previu que dava com o seu exemplo alicerce indestructivel á aspiração nacional. Crença que gera dessas virtudes solitarias, nos momentos tremendos, não póde morrer. Por força ha de tornar-se opinião. E' a semente que se faz arvore. Uma e outra precisam de passar pelas entranhas da terra para desempenhar a sua função providencial.

Deus não nos daria a faculdade de collocar a honra antes da vida, se ella não fosse uma das razões de ser do progresso moral da humanidade.

Essa intransigencia com o dever de que deu prova o assombroso morto, vale por todo um futuro.

A Republica pela qual suspiravamos, acaba de fazer a sua ultima conjuncção com o jacobinismo, e campeia agora rutilante e serena, como o sol depois de um eclipse. O sangue do marechal Bittencourt argamaçou-a hontem com a lealdade antiga da força publica e o calor do coração popular numa estatua, a que a honra do Sr. Prudente de Moraes dá vida constitucional.

O jacobinismo, consummando pelo assassinato politico a sua rebellião contra a vida democratica, despenhou-se como Satan, e está por

isto condemnado a viver de conspiração perpetua, mas impotente, no inferno das suas ambições.

O povo mediu bem o perigo que ameaçava a patria e não permitirá mais que sugue a Republica essa parasita damninha, que a depauperava da seiva de justiça e fraternidade, a obrigava a dar fructos de cinza e proscricção, quando a sua especie democratica annunciava preciosos pomos de amor e de igualdade.

Quem, hontem, palmas resoando com um farfalho de palmeiral sacudido por vento forte, vivas agglutinando-se em quisono triumphal, acclamou o honrado Presidente da Republica, como epilogo da apotheose ao Grande Marechal, foi o instincto politico do povo, que de prompto fez a selecção natural das idéas, que o podem honrar e engrandecer.

Esse indescriptivel plebiscito de corações ratificou a Constituição de 24 de Fevereiro, definiu livre e espontaneamente o dogma da inviolabilidade dos poderes soberanos, que só podem ter um tutor e um juiz — a lei.

Nesse immenso comicio do direito vivo de uma nacionalidade civilisada, tudo perdeu o character official, a encenação das manifestações artificiaes. Roto o molde estreito do partidarismo, todas as actividades falaram: o commercio era representado desde a Associação Commercial até

os retalhistas do mercado, a imprensa por seu decano e pelo mais humilde dos periodicos, o exercito pelos velhos generaes e pelos rapazes que se iniciam na carreira militar, a industria pelos patrões e pelo operario, as lettras e as artes pelos seus mais bellos espiritos, a palavra pelo seu mais extraordinario luzeiro, Ruy, a familia pela mulher e pelas crianças, a religião pelos sacerdotes, e como um fecho de diamante a essa procissão da dor e do civismo, a marinha, a nossa bemdicta marinha soffredora, lá estava com a sua ancora, symbolo da esperanza, como para provar que ella nunca permittirá que a nau do Estado garre ás lufadas tempestuosas da demagogia.

*
* *

Terra da minha patria! assimila a carne sagrada de teu filho benemerito; nutre-te com a flora homerica desses musculos, que só se distenderam para honrar a Republica e na extrema contracção jugularam para sempre o jacobinismo, representado pelo assassinato politico; transfunde no nosso character o seu sangue generoso, transubstancia no perfume de tuas flores as suas virtudes domesticas, para que em todas as familias, o amor á patria prepondere sobre os mais nobres egoismos, como se dá na familia do nobre sol-

dado, cuja esposa santa suspende o grito da sua desolação, para desobrigar o Presidente da Republica do ultimo preito aos despojos do esposo, em nome da falta que fará á patria a perda dessa vida pela qual o martyr dera a sua.

Em nome dessa matrona, que com uma simples phrase ao Presidente da Republica—*não vá, não vá; corre perigo a sua vida pela qual meu marido deu a sua, e que é necessaria á nossa patria*— faz o mais solemne funeral, que homem já teve na terra, e revela uma conformidade domestica de virtudes, que só a honra póde manter; em nome dessa matrona, que lembra a Mãe Dolorosa transmittindo a sua dor convertida em esperança ao genero humano; oh terra da minha patria! aproveita meticulosamente o thesouro, que hontem recebeste, e reparte-o comnosco em civismo, em patriotismo, em intransigencia no cumprimento do dever.

Tu bem viste, hontem, junto da sepultura sacrosanta, os estandartes da mocidade e devias ter unguido com a memoria do grande morto esses corações leaes, para que elles, quando preparem nova geração, lhe transmittam a hereditariedade da honra militar e da religião do dever.

Não te é difficil operar o milagre da subdivisão das cellulas desse organismo por toda a nacionalidade brasileira.

Tu, com o aroma da florescencia de uma

arvore, perfumas uma floresta ; não é muito que, com a honra de teu filho, vaccines o nosso futuro contra a peste da demagogia. (*)

Manifestações posthumas

Bem quizeramos poder transplantar para aqui todas as grinaldas esparsas pelo chão da patria, transcrevendo, na integra, todos os documentos publicados em homenagem á memoria do Marechal de Ouro.

Se tentassemos fazel-o, este livro contaria milhares de paginas, tal a alluvião de manifestações de pezar oriundas de todos os pontos do Brazil e do estrangeiro, dirigidas ao chefe do Estado, como legitimo representante dos sentimentos nacionaes.

Devemos, entretanto, consignar, nestas paginas, e agradecer as innumeradas condolencias das nações européas e americanas, que, já na pessoa de seus proprios chefes, já por intermedio de seus representantes diplomaticos, se fizeram representar nesse cortejo de dôr, por assim dizer, universal ; o que denota existir, entre todos os povos cultos, por força da civilisação

(*) « Editorial da *Cidade do Rio*, de 7 de novembro.

e do direito, uma certa solidariedade moral, todas as vezes que se trata de incidentes que affectam, directa ou indirectamente, á honra e o bem-estar communs a todos os povos.

Ao lado das manifestações internacionaes, fizeram-se representar nas pessoas de seus governadores, por suas assembléas e camaras municipaes, sem excepção de um só, todos os Estados da União.

Todos os chefes dos diversos districtos militares procuraram, como bons camaradas e companheiros de armas, honrar a memoria daquelle, que, morrendo, não salvou sómente a sua patria da anarchia, dignificou tambem o nome e as tradições de sua classe.

A magistratura das justiças local e federal, o commercio por seus órgãos legitimos—a Associação Commercial, as associações bancarias e industriaes, corporações civicas, scientificas, litterarias, o functionalismo, as forças de terra e mar, as milicias civicas—a policia, o povo—pelas classes operarias, a população, emfim, inteira desta capital, representada por todas as classes honestas e laboriosas; — todos manifestaram, por actos e por palavras, a sua dôr, lavrando o seu mais solemne protesto contra o attentado.

A alma nacional se fez representar igualmente pelos sentimentos pessoases do Chefe do Estado em sua mensagem ao Congresso solici-

tando meios de melhorar a sorte da viuva e dos orphãos, isto é, da familia do seu salvador, e pela solicitude do poder legislativo convertendo em projecto de lei aquella mensagem.

E porque não parecessem ainda sufficientes aquelles réursos, manifestou-se, em todo o seu esplendor, a caridade civica nacional, que tem encontrado apoio generoso até no coração do estrangeiro, que não habita a nossa patria.

MENSAGEM

Srs. Membros do Congresso Nacional. — O marechal graduado Carlos Machado de Bittencourt, cujo assassinato acaba de enlutar o povo brasileiro, deixou em condições precarias numerosa familia, composta de viuva, cinco filhos menores e seis filhas, das quaes só uma casada.

O meio soldo de seu posto e o montepio correspondente não permittirão á sua veneranda viuva prover, com o devido decoro, á manutenção e educação de seus filhos, quasi todos ainda menores.

Não devem ficar sujeitos a privações aquelles que, para viver, carecem ainda do amparo e protecção que já não lhes pôde prestar o glorioso militar que encerrou o cyclo de seus longos

e distinctos serviços com o sacrificio da propria vida, na defesa da autoridade legal.

Por isso, venho solicitar do Poder Legislativo a concessão de uma pensão á familia do benemerito marechal Bittencourt.

Capital Federal, 7 de Novembro de 1897.—
Prudente J. de Moraes Barros, presidente da Republica.

DECRETO N. 483—DE 10 DE DEZEMBRO DE 1897

Concede pensão á viuva e aos filhos do marechal Carlos Machado de Bittencourt

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a resolução seguinte :

Art. 1.º E' concedida, desde já, sem prejuizo de meio soldo e montepio, uma pensão mensal de 500\$ á viuva do marechal Carlos Machado de Bittencourt, e a cada uma de suas filhas e filhos menores a de 100\$ tambem mensaes, prevalecendo este beneficio para os ultimos até que atinjam a maioridade.

Paragrapho unico. A' proporção que forem estes attingindo a maioridade, ou pelo fallecimento de qualquer delles antes de attingil-a, bem como por morte da viuva, reverterão as respectivas

pensões, repartidamente, em favor das filhas sobreviventes.

Art. 2.º Para a execução desta lei, fica o Governo autorizado a abrir os credits necessarios.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Capital Federal, 10 de Dezembro de 1897,
9.º da Republica.

PRUDENTE J. DE MORAES BARROS.
Bernardino de Campos.

Ordem do dia

O Sr. General Cantuaria, Ajudante-General do exercito, baixou a seguinte ordem do dia :

Camaradas :

Profundo golpe acaba de ferir a patria atravéz do coração do Exercito !

Foi hoje assassinado o Exmo. Sr. Ministro da Guerra :

O valoroso camarada, o velho soldado, abnegado patriota que, ainda hontém, recebiamos orgulhosos e altivos em nossos braços e em quem uma população inteira saudava a victoria das nossas

armas nos sertões da Bahia, para a qual tanto e tão proficuamente trabalhara, acaba de cahir victima do golpe traiçoeiro de um assassino que, só por fatal occasião, vestia a nobre farda que seu velho general cobrira de gloria durante sua longa vida militar, toda ella de sacrificios, abnegações e heroismo.

O Marechal Carlos Machado de Bittencourt, camaradas, ainda cahindo victimado pelo punhal homicida, soube honrar, pelo devotamento e pela lealdade do movimento que o impelliu á morte, as briosas tradições do nosso exercito e legou proveitosa lição do cumprimento do dever, gravando ainda mais profunda a saudade que deixou no coração dos seus camaradas pela correcção do seu procedimento.

Nunca, mesmo nos mais angustiosos momentos de minha carreira militar, tive occasião de dirigir-me aos meus commandados com a alma tão amargurada e entristecida pela dôr e só na convicção de que ella é vivamente partilhada pela Nação e pelo exercito, encontro lenitivo e estou certo de que interpreto o sentimento gèral da corporação que ainda hoje brilhantemente dirige o velho e saudoso soldado, convidando-a para tomar luto por oito dias. — *João Thomaz de Cantuaria*, ajudante general do exercito.



Em acto continuo, S. Ex. determinou mais o seguinte:

Para prestar as honras funebres ao marechal Carlos Machado de Bittencourt, ministro da guerra, formará uma divisão composta de duas brigadas, sob o commando do general de divisão Francisco José Teixeira Junior, a primeira brigada composta do 1.º regimento de cavallaria e 1.º batalhão de infantaria sob o commando do general de brigada João Vicente Leite de Castro, a segunda brigada composta do 9.º regimento de cavallaria e 10.º batalhão de infantaria sob o commando do general de brigada graduado Marciano Magalhães, o 2.º regimento de artilharia dará seis officiaes para o estado maior e destacará uma bateria para o cemiterio.

O 9.º regimento de cavallaria acompanhará o coche funebre.

O Sr. ajudante-general convidou a todos os officiaes generaes e directores de todos os estabelecimentos militares para acompanharem o enterro.

Ordem do dia

Em 6 de Novembro de 1897. — Ordem do dia n. 236.

As armas da Republica estão envoltas em crêpe.

O punhal de um reprobado poz termo á preciosa existencia do Sr. marechal Carlos Machado de Bittencourt, cidadão illustre, soldado emerito, a quem estava confiada a direcção dos negocios da guerra.

O intemerato marechal, cuja vida fôra gloriosamente consagrada ao serviço da patria, sacrificando-se com inexcedivel lealdade e dedicação em defesa da pessoa do venerando Sr. presidente da Republica, contra quem se erguera o braço assassino, honrou as tradições da sua classe, legou-nos um exemplo de honra e civismo que jámais será olvidado.

Se outros não fossem os titulos de benemerencia do illustre morto, bastaria a nobreza de semelhante proceder para só por si recommendar o seu nome á posteridade.

Deplorando tão infausto acontecimento, que consternou os nossos dignos irmãos do exercito e repercutiu dolorosamente no coração de todos os bons brasileiros, convido, em nome do Sr. ministro da marinha, os meus camaradas a tomarem luto por oito dias, em homenagem á memoria do preclaro marechal.—*J. C. de Noronha.*

Patrimonio para a familia do marechal Bittencourt

A directoria da Associação Commercial publicou o seguinte :

«Em nome da Associação Commercial do Rio de Janeiro, sua directoria, infra-assignada, interpretando os sentimentos unanimes das classes que representa e correspondendo aos seus generosos intuitos, ante as maguas lancinantes e desolação extrema de uma familia, subitamente orphanada do unico e honrado esteio que tinha no esposo amantissimo e pai desvelado, o marechal Carlos Machado de Bittencourt, devotado servidor da Nação e intemerato chefe militar, que se tornou credor da maior gratidão nacional, pela abnegação com que accorreu pressuroso ao campo em que se pelejava pela honra da Republica e pela estabilidade de suas instituições, e voltando victorioso ao seio de sua idolatrada familia, aureolado pelo respeito e estima dos seus concidadãos, acaba de succumbir victima de traiçoeiro punhal, defendendo heroicamente e salvando com o holocausto da propria vida a do Chefe da Nação, contra quem o sicario havia apontado a arma homicida ; resolveu e tem a honra de organizar a seguinte commissão, rogando-lhe que se digne acceitar o piedoso e relevante encargo de angariar nesta praça e por

intermedio de sub-commissões de sua escolha nas demais praças commerciaes da Republica donativos com applicação especial á constituição de um patrimonio, que possa garantir decente e condigna subsistencia á familia daquelle que foi martyr da dedicação e do dever, como ainda exemplo vivido de inexcedivel estoicismo e abnegação patriotica.

Uma subscrição nacional para garantir o futuro da viuva e dos filhos do inclyto marechal será o mais tocante e significativo monumento erguido á sua memoria.

A illustre commissão, da qual pede a directoria da Associação lhe seja permittido considerar-se como simples, porém, devotada auxiliar, ficará assim constituida :

Banco da Republica do Brazil, Banco Rural e Hypothecario, Banco Commercial do Rio de Janeiro, Banco do Commercio, Banco Nacional Brasileiro, London & Brazilian Bank Limited, London & River Plate Bank Limited, The British Bank of South America Limited, Banco Allemão, Banco Italia-Brazil, Banque Française du Brésil, Banco da Lavoura e do Commercio, Banco de Depositos e Descontos, Directoria do Centro Commercial, Conselheiros F. de Paula Mayrink, João Carlos de Souza Ferreira, Ernesto Cybrão e José Marques de Carvalho, Augusto Wequelin, Carlos Raynsford, Barão de Andarahy, Barão de Quartin, Domingos Theodoro de Azevedo Junior,

Candido Gaffrée, Visconde de Avellar, Urbano de Faria, Antonio Xavier Carneiro, Dr. Julio Benedicto Ottoni, Dr. João do Rego Barros, Dr. Antonio de Siqueira Cavalcanti, J. L. Fernandes Villela, Roberto Rebello, Carlos Antonio de Araujo e Silva, Luiz Augusto Ferreira de Alneida, José Pereira de Souza, Thomaz da Costa Rabello, Julio Cesar de Oliveira, Manoel Amaranante Vieira da Cunha, Vicente Werneck, Joaquim Dias dos Santos.

Secretaria da Associação Commercial do Rio de Janeiro, em 6 de Novembro de 1897. — Os directores, *Honorio A. Ribeiro*. — *A. C. Chaves Faria*. — *Hermano Joppert*. — *Henry Leuba*. — *V. de Duprat*. (*)

Manifestações ao Chefe do Estado

No dia 6, á 1 hora da tarde, o Sr. Presidente da Republica recebeu, na presença do ministerio e de sua casa civil e militar, no salão de honra do palacio a officialidade da marinha nacional, achando-se presentes os Srs. contra-almirante Noronha, chefe do estado maior; almirante Jaceguay, Gonçalves Duarte, Gaspar Rodrigues, Pinto da

(*) Além da subscrição de que se trata, cujo producto consta ter-se elevado a cerca de 400 contos, foi promovida uma outra pelo *Jornal do Commercio, O Debate, Estado e Commercio de S. Paulo* para o fim especial da aquisição de um predio, e que já se acha encerrada, tendo agenciado a quantia de 75:553\$840.

Luz, Carneiro da Rocha, commandantes e officiaes dos diversos navios de guerra, da Escola Naval e sua corporação docente, usando da palavra o Sr. contra-almirante Noronha que em nome da armada felicitou o Sr. Presidente e deu-lhe as condolencias pela morte do bravo marechal Bittencourt.

O Sr. Presidente agradeceu as felicitações, pronunciando palavras de sincero reconhecimento.

Em seguida recebeu S. Ex. as felicitações dos corpos da guarnição do exercito, orando o Sr. general Mallet.

Estavão presentes os Srs. generaes Costallat, Silva Barbosa, Leite de Castro, Argollo, Moura, Savaget, Bayma, Chagas Doria, Lage, Lima e Silva, officialidade de todos os corpos e das repartições militares.

O Sr. Presidente agradecendo as felicitações e os pezames pronunciou eloquente discurso.

Depois foi S. Ex. felicitado pelos officiaes do corpo de bombeiros e pelo pessoal das repartições da marinha e da guerra.

—Após os cumprimentos do corpo de bombeiros, apresentou-se a guarda nacional, tendo á frente o commandante superior acompanhado do seu estado-maior, chefe do corpo de saude, commandantes de brigadas e de corpos e avultado numero de officiaes.

O Sr. general Pereira da Graça, depois de recordar a dolorosa impressão que á nação

inteira causou o assassinato do heroico e leal marechal Bittencourt, disse que a corporação de que era chefe vinha felicitar o Sr. Presidente da Republica, por ter falhado o golpe vibrado contra a sua preciosa existencia e assegurar a S. Ex. que aquella corporação estava prompta a todos os sacrificios para a defesa da Republica representada em S.Ex., o primeiro magistrado da nação.

O Sr. Presidente da Republica agradecendo a manifestação da guarda nacional, proferiu, em synthese, o seguinte patriotico discurso :

« A manifestação que acaba de ser feita ao Chefe do Estado é mais um eloquente protesto do sentimento nacional contra o barbaro attentado do Arsenal de Guerra.

O povo brasileiro foi testemunha da propaganda feita na imprensa, na tribuna, na praça publica em pról dos mais subversivos principios da ordem social, indo-se até o ponto de tentar contra a vida do primeiro magistrado do nação, para chegar-se ao poder.

Ninguem será capaz de contestar que o misero assassino do heroico ministro da guerra, marechal Bittencourt, agisse por si na pratica de tão hediondo crime. Elle não foi mais que um instrumento vil dessa propaganda antipatriotica.

O seu nefando crime é o resultado desse trama indigno, tão contrario ás tradições e aos sentimentos generosos da nossa nacionalidade.

Ambicionavam este palacio dourado e a elle queriam chegar pelo sangue.

Aquelles, porém, que assim tramáram, podem ter a certeza, sejam quaes forem as posições que occupem, hão de ser castigados em nome da lei.

A nodoa lançada no nome brasileiro pelo attentado de 5 de Novembro ha de ser lavada.

O Chefe do Estado, forte no apoio da nação inteira e confiado na lealdade e dedicação dos que servem á causa da Republica, saberá honrar o seu posto indo até o sacrificio para defendel-a.»

Ao concluir, o Sr. general Graça levantou um viva ao Sr. Presidente da Republica, que foi entusiasticamente correspondido.

Commando superior da guarda nacional

O Sr. general Graça, ao receber a noticia do attentado contra o Chefe do Estado e do assassinato do marechal Carlos Machado de Bittencourt, mandou suspender immediatamente os trabalhos da repartição e arvorar a meio páo a bandeira nacional.

Foi publicada a seguinte ordem do dia:

« Ainda sob a dolorosa impressão do ignobil attentado dirigido contra a pessoa do inclyto e venerando Presidente da Republica e que veiu

enlutar o exercito nacional pela perda de um dos seus mais dignos filhos, o bravo e denodado marechal Carlos Machado de Bittencourt, ainda ha dias coberto de glorias e agora mesmo mais glorioso ainda por haver tombado em seu posto de honra, salvando a vida ao Chefe da Nação, presto a devida homenagem ao illustre morto, convidando a todos os meus camaradas a tomarem luto por oito dias e a assistirem hoje, como manifestação publica de dôr e de saudade, ao enterro daquelle que tambem honrou esta corporação, dirigindo-a com brilho e patriotica orientação. — (Assignado) *José Pereira da Graça Junior*, general de brigada. »

*
* *

— Ordem do dia do commando geral do regimento policial do Estado do Rio de Janeiro:

« Para conhecimento do regimento e devidos fins, communico o seguinte: — Luto — O exercito, a Republica e os leaes servidores da Patria cobrem-se de luto pelo doloroso assassinato de um dos benemeritos generaes do exercito o Exm. Sr. marechal Carlos Machado de Bittencourt, ministro da guerra, morto hontem gloriosamente no seu posto de honra, defendendo o honrado Chefe da Nação contra o golpe armado pela perversidade humana em holocausto ás ambições descommedidas dos assaltantes do poder publico.

O principio da autoridade e o socego publico perigam e nós humildes factores da segurança publica concitamos os nossos commandados a estarem firmes no sagrado cumprimento do dever; que nos sirva de exemplo a conducta daquelle que sacrificou posição, amor á familia e tudo, para arrojarse ao punhal de um braço assassino assalariado em um dos corpos disciplinados do exercito, para arrastal-o ao desprestigio como se um individuo constituisse o todo.

De ordem do governo do Estado e interpretando os sentimentos dos meus leaes companheiros, convido-os a tomarmos luto por oito dias e que os commandantes de corpos hasteem o estandarte a meio páo, ponham em liberdade os presos de correcção e as guardas tenham as armas em funeral, em homenagem respeitosa ao nome da illustre victima do dever. (Assignado)
Manoel Lopes Carneiro do Fontoura, coronel. »



— A' Secretaria de Marinha foi expedido o seguinte aviso :

« Communico-vos, para os devidos effeitos, que um monstruoso attentado acaba de ser perpetrado contra a vida do venerando Chefe da Nação, em cuja defesa, leal e abnegadamente, cahiu victima pelo ferro homicida, o glorioso ma-

rechal do exercito Carlos Machado de Bittencourt, ministro da guerra.

Esse odioso crime, congregando em torno do benemerito Chefe da Nação todas as classes sociaes empenhadas na defesa da lei e da honra da Republica, enche da mais profunda dôr, da mais viva e patriótica indignação a armada nacional.

Observando os rigorosos principios da disciplina militar, que é a propria honra das classes armadas da Nação, recommendo-vos que deis officialmente sciencia de tão doloroso acontecimento ao pessoal sob vossas ordens, e, em meu nome, o convideis a tomar luto durante oito dias, em manifestação da magua profunda de que se acha possuida a marinha de guerra nacional.»

Ordem do dia

Commando da Escola Pratica da Capital Federal, Realengo, 6 de Novembro de 1897. Ordem do dia n. 116. Para conhecimento da Escola, fiel e devida execução, faço publico o seguinte :

Assassinato do Sr. marechal Bittencourt, Ministro da Guerra.

Em funeral !

Foi hontem assassinado o marechal Carlos Machado Bittencourt, entregando lealmente sua vida pela salvação da Republica !

O exercito brasileiro, perplexo e assombrado diante do cadaver do seu eminente marechal, apenas interrompe o soluçar nervoso que serve de derivativo para as dores cruciantes que o torturam— para proferir estas interrogativas : que é isto ? Para onde vamos ?

A nação brasileira, estatelada pela maior surpresa experimentada na sua existencia autonoma, vem de assistir á frustração do plano concebido para degradação da Republica pela tentativa do assassinato do seu proeminente representante, o Sr. Dr. Prudente de Moraes !

Qual destes dois incidentes será mais depioravel ?

O segundo, certamente, porque traduz o rebaixamento moral dos homens e das idéas pertencentes á facção demagogica do descredito e da vergonha nacional, emquanto que o primeiro apenas consagra na historia da Republica a emigração da invejavel individualidade constituida por um dos mais denodados generaes do nosso exercito para o pantheon dos acontecimentos nobres que verificam o amor da Patria pela revelação dos mais elevados sentimentos, que dignificam o homem, o soldado e o funcionario de confiança na hora do perigo.

Que muito é que a morte reduzisse de dez ou doze annos a vida de um benemerito da Patria, sempre propenso á obscuridade pela sua prover-

bial modestia, quando proporciona a eternidade á grandeza dos seus dotes moraes, aquilatados nos acontecimentos celebres desta triste actualidade!

Como, porém, explicar factos desta natureza em uma sociedade, que pretende fóros de civilisada?

Em vão procura-se muitas vezes, na philosophia, meios para explicar phenomenos que escapam a todas as subtilezas de premissas que possam produzir conclusões satisfactorias.

A dura realidade nós a temos diante, dos olhos.

Uma familia numerosa sem o seu carinhoso e idolatrado chefe, o exercito sem um dos seus mais operosos generaes e a Patria sem um dos seus mais dignos, leaes e dedicados servidores.

E, o que é mais?

A historia do nosso exercito registrando um facto assombroso para depressão do seu conceito dentro e fóra do paiz!...

Aceitar-se, porém, que um anspeçada quasi analphabeto, de um dos nossos melhores batalhões, por intuição propria apprehendesse tão attentatorio e revoltante commettimento, seria simples e irrisoria ingenuidade.

Que interesse poderia ligal-o directamente ao desenlace de tão monstruoso attentado?

Não. Tal hypothese não é cogitavel.

Esse misero assassino foi, portanto, docil e vil instrumento de alguma facção devotada ás empreitadas de obras nefandas.

Como é natural, em todas as classes numerosas ha individuos subornaveis por ignorancia, máos instinctos ou ambição.

Qual o motivo de haver sido escolhido no exercito esse desgraçado anspeçada Marcellino para protagonista dessa horrenda tragedia?

Não nos illudamos, meus camaradas, empenhemos todos os esforços para impedir esta corrente vertiginosa de seducções politicas com que pretendem esmagar a honorabilidade da nossa classe por ser uma das que mais têm resistido aos insinuantes e colloridos attractivos insidiosamente preparados para collaborar a dissolução social por meio da desordem e da anarchia.

Choremos a perda do marechal Carlos Machado de Bittencourt, cuja vida immaculada só poderia mesmo desaparecer legando á Nação e ao exercito a mais sublime apothese de se ter constituido salvador das instituições republicanas e da honra da sua classe, investidas mais uma vez por vis parasitas surgidos de um bando de aventureiros.

Levantemos em nossos corações um altar de adoração ao soldado elevado por seus merecimentos ao mais alto posto de marechal e que entregou a vida para salvar-nos e ainda mais

que se na sua existencia militar foi um exemplo vivo de correcção, continúa prestando relevantes serviços á Republica escrevendo com seu precioso sangue, um verdadeiro compendio sem palavras, que synthetisa o mais imperioso dever do militar no cumprimento de sua elevada missão na sociedade.

Para isso basta que, obedientes ás leis mysteriosas do destino, não tratemos nunca de transferir a hora e nem o logar em que devemos cahir victimados pelo cumprimento do dever militar sem outras cogitações alheias a esse dever, como praticava o inolvidavel marechal Bittencourt, verdadeiro padrão de honra e nobreza que devemos imitar sempre para dignificação do exercito, prosperidade e grandeza de nossa Patria.

E como principio das homenagens a esse proeminente soldado, cahido para glorificação da nossa classe, convido os Srs. officiaes a cingir luto por oito dias, nos quaes conservar-se-ha a bandeira desta escola em funeral. — *Carlos de Oliveira Soares*, coronel commandante.

Depois da inserção dos ultimos documentos transcriptos, damos por terminada a nossa missão.

Diz-nos a consciencia havermos cumprido aqui nosso dever, que não foi outro — senão render preitos á virtude.

Muito de industria, deixámos em olvido a figura sinistra dos algozes, afim de que podessemos contemplar desassombrado a imagem serena da victima!

Foi ella, tão sómente ella, que tivemos e continuamos a ter ainda, neste momento, diante dos olhos!

A nossa intenção, como acima referimos, era transplantar para esta ultima pagina todas as respeitosas homenagens, todos os protestos de solidariedade, todos os testemunhos de indignação e de pezar, todos os poemas de dôr e de saudade, todos os hymnos, todos os prantos, todas as preces, todas as flores, — que, sob a fórma de ovações civicas, diante desse tumulo, — irromperam expontaneas da alma nacional e do coração de todos os povos d'aquem e d'além mar, das plagas mais remotas, sem distincção de crenças politicas, nem de religiões, nem de costumes, nem de legislações, nem de litteraturas, nem de raças; — o que tudo attesta o mais solemne e universal protesto da consciencia humana contra o crime, e a mais deslumbrante apotheose á memoria immorredoura da victima!

Mas, por mais pura e legitima que fosse aquella nossa intenção, impossivel nos seria realisal-a, pela mesma razão por que ainda não foi permittido a nenhum viajor do espaço—contar o numero das estrellas.

«Os bons livros, diz Harlitt, insinuam-se no coração e os versos do poeta misturam-se com o sangue. Os templos cahem em ruínas com o tempo, as pinturas e as estatuas quebram-se, porém, os livros sobrevivem.»

Não vão tão longe as aspirações do autor: seria, entretanto, para si a maior das glórias—se os sentimentos que inspiraram este livro encontrassem repercussão na alma do povo e se inculcassem no seu espirito, para que não se extinguísse jámais, em seu coração, o lume sagrado do amor da patria !...











